



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC) – CAMPUS XI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO  
PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL (MPIES)**

**CARLA GISELLE PEREIRA MASCARENHAS DE ALENCAR**

**ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA FEMININA EM UM CURTUME DA REGIÃO  
SISALEIRA: PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS, SOCIOAMBIENTAIS E CULTURAIS**

Serrinha – BA

2021

**CARLA GISELLE PEREIRA MASCARENHAS DE ALENCAR**

**ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA FEMININA EM UM CURTUME DA REGIÃO  
SISALEIRA: PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS, SOCIOAMBIENTAIS E CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia *Campus XI*, no âmbito da Linha de Pesquisa Novos Contextos de Aprendizagem, como requisito para obtenção do título de Mestre em Intervenção Educativa e Social.

Orientadora: Dra. Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

Serrinha – BA

2021

Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Biblioteca Paulo Freire – Campus XI  
Maria Claudete Marques Barbosa Estrela  
Bibliotecária – CRB 5-806

A368 Alencar, Carla Giselle Pereira Mascarenhas de

Organização comunitária feminina em um curtume da região sisaleira: proposições educativas, socioambientais e culturais./ Carla Giselle Pereira Mascarenhas de Alencar. Serrinha, 2021.

103f. il.:

Orientadora: Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado da Bahia.  
Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social.  
Campus XI.

1. Mulheres - Associações Comunitárias 2. Mulheres – Curtumes - Cultura. 3. Educação ambiental. I. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da. II. Universidade do Estado da Bahia.

CDD – 305.42

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**"ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA FEMININA EM UM CURTUME  
SISALEIRO: PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS, SOCIOAMBIENTAIS E  
CULTURAL"**

**CARLA GISELLE PEREIRA MASCARENHAS DE ALENCAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu  
MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL –  
MPIES, em 15 de outubro de 2021, como requisito parcial para obtenção do  
grau de Mestra em Intervenção Educativa e Social pela Universidade do  
Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



---

Profa. Dra. Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Doutorado em Ciências da Religião (PUC-Goiás)  
Orientadora



---

Profa. Dra. Ivonete Barreto de Amorim  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL)  
Examinadora Interna



---

Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar  
Universidade do Sudoeste da Bahia – UESB  
Doutorado em Ciências Sociais (PUC-SP)  
Examinador Externo

Aprovada em: 15/10/2021

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta escrita às mulheres da minha vida (avó, mãe e irmã), por todo apoio dado durante a minha jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as graças alcançadas ao longo da minha vida e por me dar forças para conseguir chegar até aqui;

À minha família, pelo apoio incondicional e por compreender as minhas ausências durante esta caminhada, principalmente Rone, meu marido, que sempre me incentivou e segurou minha mão nos momentos mais difíceis;

Às colaboradoras da pesquisa, por possibilitarem a construção deste estudo, em especial à Graziela (*in memoriam*), por ter sido uma das minhas inspirações durante a escrita;

À comunidade Celiana, por ser palco de tantas histórias de vida ao longo de seus mais de 40 anos contribuindo com a educação de Tucano, e aos meus colegas de trabalho e amigos pelo incentivo e torcida;

À turma 02 do MPIES, mais conhecida como Propa, pelos momentos de trocas, risadas e emoções, em especial às minhas companheiras de jornada (Joice, Mariana e Tanísia), presentes que o mestrado me deu;

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dra. Sandra Célia, por tantos ensinamentos, acolhimento e parceria durante esta caminhada.

Muitos obstáculos foram superados para concluir este trabalho tão sonhado por mim. A palavra que resume tudo isso é perseverança!

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b> Sinopses das dissertações.....	15
<b>Quadro 02:</b> Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD).....	28
<b>Quadro 03:</b> Discurso do Sujeito Coletivo 1.....	28
<b>Quadro 04:</b> Instrumento de Análise do Discurso 2 (IAD).....	28
<b>Quadro 05:</b> Discurso do Sujeito Coletivo 2 (DSC 2).....	32
<b>Quadro 06:</b> Instrumento de Análise de Discurso 3 (IAD).....	32
<b>Quadro 07:</b> Discurso do Sujeito Coletivo 3.....	35
<b>Quadro 08:</b> Sinopse da Dissertação.....	37
<b>Quadro 09:</b> Discurso do Sujeito Coletivo 1.....	57
<b>Quadro 10:</b> Discurso do Sujeito Coletivo 2.....	61
<b>Quadro 11:</b> Discurso do Sujeito Coletivo 3.....	67
<b>Quadro 12:</b> Discurso do Sujeito Coletivo 4.....	75
<b>Quadro 13:</b> Discurso do Sujeito Coletivo 5.....	79

## LISTA DE SIGLAS

**AC-** Ancoragem

**BA-** Bahia

**CAPES-** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CEB-** Comunidade Eclesial de Base

**CELEM-** Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães

**CONAMA-** Conselho Nacional do Meio Ambiente

**CONERH-** Conselho Estadual de Recursos Hídricos

**COOPACT-** Cooperativa de Artefato de Couro da Comunidade do Tracupá

**DSC-** Discurso do Sujeito Coletivo

**E-CH-** Expressões-chave

**IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IC-** Ideia Central

**IDeA-** Indicador de Desigualdades e Aprendizagens

**IDEB-** Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**IDH-** Índice de Desenvolvimento Humano

**INEMA-** Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

**INEP-** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

**MDA-** Ministério do Desenvolvimento Agrário

**MMTR-** Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste

**MPIES-** Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social

**OMS-** Organização Mundial de Saúde

**PRAD-** Plano de Recuperação de Áreas Degradadas

**PTDRS-** Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável

**PTDS-** Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável e Solidário

**SEI-** Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

**SEPLAN-** Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia

**UEFS-** Universidade Federal de Feira de Santana

**UFBA-** Universidade Federal da Bahia

**UFRB-** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**UNEB-** Universidade do Estado da Bahia

## RESUMO

A região sisaleira faz parte dos 27 territórios do Estado da Bahia e em sua área encontram-se instaladas comunidades diversas sobrevivendo a partir de diferentes culturas. Na cidade de Tucano encontra-se instalada uma associação comunitária vinculada a um curtume. Por conta de questões ambientais, o curtume foi autuado em 2016 pelo Ministério Público do Estado da Bahia e a ameaça de fechamento colocou a cultura do couro em situação de risco. As mulheres pertencentes a essa associação comunitária, objeto de estudo desta pesquisa, possuem iniciativas que permitem a interação e o respeito à natureza como forma de preservar a sua cultura, atitudes essas associadas ao gênero feminino ao longo da história. Mesmo assim, encontram dificuldades para superar os problemas socioambientais e, conseqüentemente, transmitir a sua cultura. A presente dissertação trouxe como questão de pesquisa: como (in)formar as mulheres vinculadas uma associação comunitária de um curtume da região do sisal sobre o processo de preservação e transmissão da cultural local dentro de um contexto educativo e socioambiental? O objetivo geral do estudo foi constituir e avaliar um processo de (in)formação sobre as contribuições educativas e socioambientais com e para as mulheres pertencentes a uma organização comunitária constituída a partir de um curtume da região sisaleira no processo de preservação e manutenção da cultura local. Para isso, foi utilizada a abordagem qualitativa através da pesquisa bibliográfica e documental. No campo empírico, aplicou-se a entrevista narrativa através da história de vida junto às cinco colaboradoras pertencentes a uma associação comunitária criada a partir de um curtume da região do sisal após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa, parecer de número 4.428.014 e CAAE nº 39796720.6.0000.0057. A análise dos dados foi feita através do Discurso do Sujeito Coletivo, ancorado em Lefèvre e Lefèvre, (2005). As mulheres provenientes das comunidades surgem como facilitadoras no resgate de vínculos, à medida que unem a sua cultura com os conhecimentos adquiridos no espaço escolar levando para práticas concretas que podem fazer a diferença neste processo de formação voltada às questões socioambientais e culturais. Os resultados da pesquisa evidenciaram que o produto construído a partir das oficinas formativas possibilitou uma educação voltada para a melhoria das relações com o meio ambiente, estimulando o desenvolvimento sustentável e possibilitando mudanças de atitudes sistematicamente. A relevância deste estudo está na formação de mulheres sobre a importância de se preservar sua cultura a partir de práticas educativas e socioambientais, constituindo saberes que serão transmitidos aos descendentes.

**Palavras-chave:** Mulheres; Cultura; Associação Comunitária; Curtume; Educação Socioambiental.

## ABSTRACT

The *Sisaleira* region is part of the 27 territories of the state of Bahia and in its area are installed diverse communities, which survive from different cultures. In the city of Tucano, there is a community association linked to a tannery. Because of environmental issues, the tannery was fined in 2016 by the Public Ministry of the State of Bahia and the threat of closure put the leather culture at risk. The women belonging to this community association, the object of study of this research, have initiatives that allow interaction and respect for nature as a way to preserve their culture, attitudes associated with the female gender throughout history. Even so, they encounter difficulties in overcoming socio-environmental problems and, consequently, in transmitting their culture. The present dissertation brought as a research question: how to (in)form the women linked to a community association of a tannery in the sisal region about the process of preservation and transmission of the local culture within an educational and socio-environmental context? For this, a qualitative approach was used through bibliographic and documental research. In the empirical field, we applied a narrative interview through life history with five collaborators who belong to a community association created from a tannery in the sisal region, after approval by the Ethics and Research Committee, opinion number 4.428.014 and CAAE number 39796720.6.0000.0057. The data analysis was done through the Discourse of the Collective Subject (CSD). The women from the communities appear as facilitators in the rescue of bonds, as they join their culture with the knowledge acquired in the school space leading to concrete practices that can make a difference in this training process focused on socio-environmental and cultural issues. The results of the research showed that the product built from the formative workshops enabled an education aimed at improving relations with the environment, stimulating sustainable development and systematic changes in attitudes. The relevance of this study lies in the need to create spaces for (in)formation in the socio-environmental and cultural areas, in order to contribute to the process of preservation and transmission of local culture, constituting knowledge that will be transmitted to their descendants.

**Key-Words:** Women; Culture; Community Association; Tannery; Socio-environmental education.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 01</b> .....	<b>10</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.2 IMPLICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL .....	13
<b>1.3 ESTADO DA ARTE</b> .....	<b>14</b>
<b>1.4 PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>21</b>
1.5 MÉTODO DE COLETA DE DADOS .....	22
1.6 ANÁLISE DOS DADOS .....	24
1.7 PLANO DE INTERVENÇÃO – OFICINAS (IN) FORMATIVAS.....	36
<b>CAPÍTULO 02 REGIÃO SISALEIRA E O CURTUME TUCANENSE:</b>	
<b>ELEMENTOS IDENTITÁRIOS</b> .....	<b>37</b>
2.1 REGIÃO, CULTURA E IDENTIDADE: DISCUSSÕES TEÓRICAS.....	38
2.2 REGIÃO SISALEIRA: ASPECTOS SOCIAIS, AMBIENTAIS E CULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	41
2.3 ASPECTOS IDENTITÁRIOS DA CIDADE DE TUCANO-BA.....	48
2.4 CURTUME TUCANENSE: NARRATIVAS HISTÓRICAS QUE CONSTITUEM A SUA IDENTIDADE.....	51
<b>CAPÍTULO 03</b> .....	<b>55</b>
<b>ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS DA REGIÃO SISALEIRA: PERSPECTIVAS NA IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININO</b> .....	<b>55</b>
3.1 HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES ASSOCIADAS A UM CURTUME DA REGIÃO SISALEIRA.....	56
3.2 A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA E O TRABALHO COM O COURO NA PERSPECTIVA DO GÊNERO FEMININO .....	59
3.3 TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA CULTURA E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: DIÁLOGOS COM O CAMPO EMPÍRICO.....	65
<b>CAPÍTULO 04</b> .....	<b>69</b>
<b>SABERES DAS MULHERES NO ÂMBITO EDUCATIVO, SOCIOAMBIENTAL E NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO E TRANSMISSÃO DA CULTURA NUM CURTUME DA REGIÃO SISALEIRA: OFICINAS (IN) FORMATIVAS</b> .....	<b>69</b>
4.1 PLANEJAMENTO DAS OFICINAS FORMATIVAS .....	70

4.2 OFICINAS (IN) FORMATIVAS: FERRAMENTAS EDUCACIONAIS INTERVENTIVAS .....	72
<b>4.2.2 Segundo Momento: Construções (In)Formativas no Âmbito Socioambiental para a Preservação da Cultura. ....</b>	<b>75</b>
<b>4.2.3 Terceiro Momento- Reflexões da Teoria e Prática Dialogada: Sistematização das Ações Futuras .....</b>	<b>78</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>92</b>
APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA REMOTA UTILIZANDO A TÉCNICA HISTÓRIA DE VIDA .....	92
APÊNDICE B- PROPOSTA DE PLANO DE INTERVENÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA INTITULADO ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA FEMININA EM UM CURTUME DA REGIÃO SISALEIRA: PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS, SOCIOAMBIENTAIS E CULTURAIS.....	93
<u>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</u>	<u>98</u>
<u>ANEXO- PARECER DO CEP .....</u>	<u>103</u>

## CAPÍTULO 01

### 1 INTRODUÇÃO

Inserido no semiárido baiano, o Território do Sisal é formado por 20 municípios (, com predominância de características rurais e ampla diversidade de animais e vegetais presentes na região. Recebe esse nome em homenagem a *Agave sisalana*, planta mais conhecida como sisal, originária do México<sup>1</sup> e que se adaptou bem às características da caatinga, sendo responsável pelo reconhecimento do território como maior produtor de fibra do sisal.

Além do sisal, o território é repleto de comunidades e associações comunitárias formadas a partir de outras culturas, sendo o processamento do couro uma delas. Uma das associações formadas a partir de um curtume encontra-se na zona rural de Tucano- BA, uma das 20 cidades pertencentes ao Território do Sisal, local de aplicação da pesquisa. Objetos produzidos a partir do couro tornaram-se a principal fonte de renda das famílias da região, e os sujeitos que dependem dessa matéria prima para sobreviver, lutam para manter a sua cultura preservada, buscando aliar o processo à preservação do meio ambiente local.

A necessidade de aliar as atividades do couro às questões socioambientais ficou mais evidente a partir de 2016, quando os curtumes instalados na região de Tucano foram autuados pelo Ministério Público do Estado da Bahia em relação à eutrofização das águas do Rio Itapicuru-Mirim, onde aconteciam as atividades de curtimento do couro, sendo necessária a união das comunidades a fim de sanar o problema ambiental evidenciado.

As mulheres pertencentes à associação comunitária vinculada a um curtume da região do sisal surgem como facilitadoras no resgate de vínculos, à medida que unem a sua cultura aos conhecimentos adquiridos nos espaços de formação. A partir disso, sugerem práticas concretas que podem fazer a diferença neste processo de educação, promovendo um comportamento dirigido para ação transformadora e atitudes positivas tanto em seus aspectos naturais, como os sociais.

Atividades com potencial de degradação são comuns no território, consequência das formas de ocupação realizada pelos sujeitos que compõem as comunidades. Apesar dos impactos negativos de algumas ações antrópicas, as comunidades possuem iniciativas que

---

<sup>1</sup> PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DO SISAL. CODES-SISAL. Núcleo de Extensão e Desenvolvimento Territorial – NEDET; Universidade Estadual de Feira de Santana –UEFS. Valente, 2016.

permitem a interação e o respeito à natureza, advindas principalmente das intervenções femininas. Nesse sentido, como forma de contribuição, momentos formativos e informativos com essas mulheres visam buscar a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas e preservação da sua cultura.

A presente pesquisa justifica-se pelo risco da descontinuidade da cultura do couro nessa organização comunitária, por não conseguirem aliar a manutenção de sua cultura à preservação ambiental. A educação voltada para a melhoria das relações com o meio ambiente, estimulando o desenvolvimento sustentável, surge como possibilidade de garantir mudanças de atitudes que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades, auxiliando na manutenção e transmissão cultural.

Para tanto, traremos como protagonista a mulher da região sisaleira pertencente a uma associação comunitária formada a partir de um curtume, e junto com ela, sua identidade, história, as relações com o meio em que vive, além de sua força e resistência para manter a sua cultura viva e se manter a partir dela.

Tratar de preservação cultural de uma comunidade ressalta uma corrente contra hegemônica que luta para sobreviver frente às pressões exercidas pelo capitalismo e a concentração de poder. As mulheres possuem, histórico e socialmente falando, importância fundamental no processo de preservação cultural, papéis estes designados ao longo de suas jornadas e construções históricas e sociais.

Mesmo tratando-se de um papel tido como imposto ao gênero, a manutenção da cultura é uma ação política e social que permite a sobrevivência das comunidades, e para que essas ações continuem acontecendo, é necessária uma contribuição nos âmbitos educativos e socioambientais que favoreça a continuidade de uma atividade que faz parte da cultura da comunidade e que permite seu sustento.

A possibilidade de contribuir através da (in)formação dessas mulheres no âmbito socioambiental, valorizando o conhecimento tradicional e promover práticas concretas que possam fazer a diferença no processo de manutenção cultural, levando a uma ação transformadora e atitudes positivas em seus aspectos naturais e sociais, é de grande relevância para a comunidade que sofre com a degradação do rio, e conseqüentemente, com o declínio de sua atividade com o couro.

A questão de pesquisa versa sobre como **(in)formar as mulheres vinculadas a esta associação comunitária sobre o processo de preservação e transmissão da cultural local dentro de um contexto educativo e socioambiental?**

Os objetivos, traçados a partir da questão acima podem ser divididos em: 1) Objetivo geral e 2) Objetivos específicos. O objetivo geral (1) do estudo foi **constituir e avaliar um processo de (in)formação sobre as contribuições educativas e socioambientais com e para as mulheres pertencentes a uma organização comunitária constituída a partir de um curtume da região sisaleira no processo de preservação e manutenção da cultura local**. A pesquisa apresentou como objetivos específicos (2): a) Contextualizar a região sisaleira e o curtume tucanense destacando seus elementos identitários; b) Mapear as Associações Comunitárias da região sisaleira na perspectiva da identidade de gênero feminino; c) Identificar os saberes educativos, socioambientais e culturais no processo de preservação e transmissão da cultura local de um curtume da região do sisal; e d) Constituir oficina (in)formativa remota sobre a preservação e transmissão da cultura local no âmbito educativo e socioambiental com as mulheres pertencentes a uma organização comunitária de curtume da região do sisal.

Esta dissertação está organizada e estruturada em quatro capítulos. O Capítulo 1 consta a introdução, percursos metodológicos e objetivos, onde é apresentada a questão da pesquisa, seus objetivos, relevância, justificativa, implicação pessoal e profissional, a trajetória metodológica da pesquisa, justificando a escolha da abordagem qualitativa enquanto estratégia que mais se relaciona com as investigações realizadas, o campo de investigação, a descrição das colaboradoras da pesquisa, bem como a descrição e apresentação dos instrumentos utilizados para a construção de dados e os elementos que integram aspectos dialógicos e interventivos da pesquisa.

O Capítulo 2, intitulado **Região sisaleira e o curtume tucanense: elementos identitários**, contextualiza a região sisaleira e o curtume tucanense destacando os elementos identitários do lócus da pesquisa, a partir de autores como Hall (2004), Bourdieu (2001), Albuquerque Júnior (1999), Laraia (2007), entre outros, discutindo sobre região, identidade e cultura.

O Capítulo 3, **Associações Comunitárias da Região Sisaleira: perspectivas na identidade de gênero feminino** aborda sobre a participação social e política das mulheres no contexto das associações comunitárias da região sisaleira, promovendo um diálogo com o campo empírico, trazendo a história de vida das mulheres associadas a um curtume da referida região e suas perspectivas sobre os aspectos socioambientais, educativos e culturais. Traz autoras como Scott (1989), Oliveira (2012) e Firmo (2010).

Com o título **Saberes das mulheres no âmbito educativo, socioambiental e no processo de preservação e transmissão da cultura num curtume da região sisaleira: oficinas (in) formativas**, o capítulo 4 descreve a constituição da oficina (in)formativa remota sobre a preservação e transmissão da cultura local no âmbito educativo e socioambiental com as mulheres pertencentes a uma organização comunitária de curtume da região do sisal, trazendo o produto final da pesquisa e a sua importância para as colaboradoras e a comunidade local. Para tanto, foram vivenciados três momentos (in) formativos com as mulheres colaboradoras, promovendo uma simbiose de conhecimentos que permitiram fortalecer a cultura aliada à preservação meio ambiente local através de ações educativas.

A conclusão traz reflexões finais sobre a pesquisa, retomando os objetivos e a questão de pesquisa, ressaltando o produto, seus resultados e contribuições futuras. Ao final, apresentamos as referências utilizadas para a construção da pesquisa, os apêndices A, B e C (Roteiro da entrevista narrativa, Plano de Intervenção – Oficinas (In) formativas e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o anexos A (aprovação do Comitê de Ética da Pesquisa).

## 1.2 IMPLICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Cresci cercada de mulheres<sup>2</sup> e sempre observei as barreiras enfrentadas por aquelas que faziam de tudo para suprir as necessidades básicas de um lar. Era um espaço feminino, mas não por possuir características estéticas relacionadas ao que, socialmente, é considerado como feminino, mas sim por ter a força e coragem da mulher, muitas vezes reprimida pela cultura machista, mas que se sobressaía frente aos percalços vividos.

Nesse enfrentamento, surgiu o couro como fonte de renda para a família e, através dele, todos se alimentavam. A parte direcionada às mulheres era principalmente a costura de materiais como a sela, a qual posteriormente era vendida para algum vaqueiro da região circunvizinha à cidade de Riachão do Jacuípe, no estado da Bahia.

Além do couro, as mulheres da família também tinham como fonte de renda a educação. Trabalhavam muito, numa jornada dupla, muitas vezes tripla, para conseguir ter seu sustento. A atividade com o couro começou a declinar, principalmente devido a questões ambientais, como a eutrofização das águas do Rio Jacuípe. As pessoas que dependiam dessa

---

<sup>2</sup> Para a escrita deste item, optamos em utilizar a 1ª pessoa do singular, pois condiz com relatos pessoais e motivações da pesquisadora com a temática apresentada na pesquisa.

atividade não souberam conduzi-la, ou aliar a continuidade de sua cultura com a preservação do ambiente, assim como estava acontecendo nas comunidades de Tucano-BA.

Sobre âmbito educativo, trabalhar no espaço público de educação sempre foi meu objetivo, mesmo com todas as mazelas presentes no setor. Para mim, educação sempre foi sinônimo de liberdade e possibilidades de crescimento. Por esse motivo, ingressei em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana e cursei uma pós-graduação em Gestão Ambiental. Após minha formação, tornei-me servidora pública estadual na área de Educação.

Através das vivências durante onze anos numa escola pública situada em Tucano-BA, surgiu a motivação para a formação continuada, possibilitada pelo MPIES, que permitiu construir um projeto de pesquisa através do qual eu tive oportunidade de contribuir ainda mais com o local que me acolheu, aliando a minha formação acadêmica à questão socioambiental vivenciada pelas pessoas das associações do curtume. Contribuir no aprimoramento dos sujeitos locais e dar retorno social para a comunidade que sobrevive a partir do couro reverbera em atitudes positivas futuras para evitar o declínio de sua cultura e preservação do meio ambiente.

### **1.3 ESTADO DA ARTE**

Para fazer um levantamento das pesquisas sobre a temática, foi realizada inicialmente a pesquisa bibliográfica conhecida como Estado da Arte. De acordo com Soares (2000, p.09), “[...] pesquisas desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema – sua amplitude, tendências teóricas e vertentes metodológicas”. Elas exigem a análise dos resultados obtidos sobre determinado tema a partir do que foi produzido sobre ele.

Para isso, é necessário fazer uma leitura crítica e reflexiva das pesquisas encontradas, e sistematizar os dados obtidos sobre a produção em determinada área do conhecimento. Para Soares (2000), o pesquisador tem um papel importante nesse processo, pois terá que ter um olhar peculiar frente a uma gama de pesquisas que irá encontrar sobre o mesmo tema, mas investigadas a partir de diferentes perspectivas. As informações encontradas devem ser devidamente referenciadas, além de dialogar com o tema pesquisado, interagindo com os autores e autoras de forma a permitir a construção de argumentos que deem embasamento à pesquisa.

Para o desenvolvimento do estado da arte, foi feita uma busca de teses e dissertações, através de consultas à base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), delimitando as produções dos últimos cinco anos, (2015-2020), realizadas em Universidades localizadas na Região Nordeste e estado da Bahia, a partir dos descritores: Associações Comunitárias femininas no Território do Sisal, mulheres sisaleiras e as questões culturais e educativas, curtume sisaleiro e as questões socioambientais, nesta ordem.

Para o descritor Associações Comunitárias femininas no Território do Sisal, surgiram, após a aplicação dos filtros, 1376 pesquisas; utilizando-se mulheres sisaleiras e as questões culturais e educativas, foram 558 pesquisas encontradas; no terceiro e último, curtume sisaleiro e as questões socioambientais, apenas 31 registros apareceram nas buscas realizadas. A maior parte das pesquisas encontradas estava concentrada na Universidade Federal da Bahia (607) e na Universidade do Estado da Bahia (521), seguido pela Universidade Estadual de Feira de Santana (301) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (72).

Analisando os resultados das pesquisas, pode-se perceber que a maior parte das teses e dissertações encontradas com o primeiro descritor concentra-se nas temáticas economia regional e o papel do homem nas comunidades, não dando ênfase ao papel da mulher dentro das associações. Fazendo um recorte mais específico na pesquisa, somando-se os dois primeiros descritores e descartando as repetições existentes, foram encontradas somente 29 pesquisas que traziam a mulher como objeto de estudo dentro de espaços comunitários, sendo 22 delas fora da Região Sisaleira. A maior parte delas presentes nos repositórios da Universidade Estadual de Feira de Santana (15), Universidade Estadual da Bahia (10) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (4). Sobre o terceiro descritor, dos 31 trabalhos encontrados, nenhum tratava sobre a presença, características e associações criadas a partir de curtumes presentes no Território.

Após o primeiro momento, foram realizadas leituras dos resumos de todas as pesquisas previamente separadas, e a partir da análise de seus objetivos, objeto de estudo e metodologia aplicada, quatro estudos foram selecionados para uma leitura completa do trabalho, a fim de fazer análise e reflexão sobre as temáticas, sinalizando as convergências e divergências entre elas e a presente pesquisa.

No Quadro 01 se encontram informações preliminares sobre os trabalhos selecionados, além de uma síntese sobre seus objetivos e objetos de estudo, passo importante para a discussão sobre a temática.

<b>Dissertação 01</b>	
TÍTULO	MULHERES DE FIBRA: da invisibilidade ao empoderamento em assentamentos de Reforma Agrária no Território do Sisal-BA
INSTITUIÇÃO E PROGRAMA	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Programa: Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento.
AUTOR/AUTORA	Losângela da Cunha Araújo
PALAVRAS-CHAVE	Mulheres Assentadas. Agricultura Familiar. Empoderamento. Autonomia. Território do Sisal.
ANO DE PUBLICAÇÃO	2017
SÍNTESE DA PESQUISA	A dissertação realizada por Araújo (2017) traz a mulher rural sisaleira como protagonista dentro de um contexto onde, na maioria das vezes, ela se encontra invisibilizada. O objetivo da pesquisa foi aumentar a participação social e formação política das mulheres agricultoras assentadas, além de contribuir para o acesso às políticas públicas rurais e empoderamento e superação da invisibilidade nos assentamentos de reforma agrária.
<b>Dissertação 02</b>	
TÍTULO	Vulnerabilidade ambiental do território do sisal- Bahia
INSTITUIÇÃO E PROGRAMA	Universidade Estadual de Feira de Santana Programa: Planejamento Territorial

**Quadro 01:** Sinopses das Dissertações, parte 2.

AUTOR/AUTORA	Mílvia Oliveira Cerqueira
PALAVRAS-CHAVE	Paisagem. Sistema ambiental. Ecodinâmica. Geoprocessamento. Semiárido.
ANO DE PUBLICAÇÃO	2015
SÍNTESE DA PESQUISA	O estudo trazido por Cerqueira (2015) traz aspectos importantes sobre os processos de vulnerabilidade ambiental dentro do território do Sisal, resultado de ações antrópicas, dentre elas, o uso e ocupação do solo e rios para atividade de subsistência realizada por moradores de comunidades instaladas na região Sisaleira. A pesquisa revela a situação ambiental do território, favorecendo a compreensão do sistema ambiental de forma interdependente, somando-se os fatores físicos, biológicos e humanos.
<b>Dissertação 03</b>	
TÍTULO	MULHERES DE “FIBRA”: Cantando rodas e reconstruindo histórias em São Domingos - BA (1990-2010)
INSTITUIÇÃO E PROGRAMA	Universidade do Estado da Bahia Programa: História Regional e Local

AUTOR/AUTORA	Iracema Lopes Alves
PALAVRAS-CHAVE	Mulheres sisaleiras. Cultura popular. Território do sisal. Memórias.
ANO DE PUBLICAÇÃO	2019
SÍNTESE DA PESQUISA	Através de memórias de suas trajetórias de vida, a pesquisa realizada por Alves (2019) compreende os papéis que as mulheres sisaleiras desempenham nas comunidades em que estão inseridas, trazendo junto às manifestações culturais presentes no município de São Domingos – BA, pertencente ao território do Sisal. Desta forma, descreve em seu trabalho os reflexos da liderança das matriarcas nas manifestações culturais locais, transmitidas há várias gerações, acentuadas entre as décadas de 1990 a 2010.
<b>Dissertação 04</b>	
TÍTULO	História oral de mulheres em cooperativas: o processo de empoderamento pela educação social na Educação de Jovens e Adultos
INSTITUIÇÃO E PROGRAMA	Universidade do Estado da Bahia Programa de pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos Mestrado Profissional
AUTOR/AUTORA	Graciela Regines de Paula Nascimento Santos
PALAVRAS-CHAVE	Cooperativas. Educação Social. EJA. Empoderamento. Mulheres.

**Quadro 01:** Sinopses das Dissertações, parte 3.

ANO DE PUBLICAÇÃO	2019
SÍNTESE DA PESQUISA	A pesquisa de G. R. P. N. Santos (2019) buscou compreender através das histórias orais de vida de mulheres cooperativadas, de que forma a Educação Social na EJA promoveu o empoderamento dessas mulheres, explicando, nesse contexto, a escolarização, o trabalho, a prática de educação social e EJA. Os objetivos específicos foram analisar as histórias de vida de mulheres das cooperativas; perceber se ocorreu um processo de empoderamento e compreender o processo de escolarização, da educação social na EJA e o trabalho das cooperadas.

**Fonte:** Site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Elaborado pela autora (2021).

As quatro dissertações selecionadas trazem como lócus da pesquisa o território do Sisal, ressaltando as dificuldades vividas na região, sejam elas nos âmbitos sociais, educacionais, ambientais e culturais, marcada por lutas em prol de políticas públicas que proporcionem melhorias para o seu povo. Destacam-se nessas lutas, as mulheres das comunidades, que além de vivenciar as dificuldades enraizadas no território, ainda enfrentam a desigualdade de gênero, discriminação e falta de atenção às suas demandas.

O protagonismo feminino dentro de suas comunidades é encontrado em três estudos selecionados e, em todos eles, está presente a necessidade de intervenções que auxiliem as mulheres no enfrentamento de entraves presentes nas suas realidades e na preservação de sua cultura, movimentos esses aliados à educação e às questões ambientais, setores em constante vulnerabilidade no território do Sisal, de acordo com a pesquisa realizada por Cerqueira (2015). Esta pesquisa, como consta no Quadro 01, confirma a necessidade de um olhar mais criterioso para o território a fim de preservar as suas culturas, concomitantemente às melhorias educacionais, sociais e ambientais da região sisaleira.

Sobre as metodologias utilizadas nas pesquisas sobre gênero, há convergência em todas elas, pois prevalece no geral a escuta das narrativas de mulheres envolvidas com as questões sociais das comunidades e associações. As metodologias utilizadas foram: história oral, história de vida e entrevistas semiestruturadas. De acordo com G. R. P. N. Santos (2019, p. 14), com as metodologias escolhidas “[...] busca-se compreender suas memórias, seu resgate de identidade, suas experiências vividas e explicações para os fenômenos do empoderamento social via educação e trabalho”. Nesse sentido, constata-se a abordagem qualitativa como importante via de estudo sobre gênero, e as escutas permitem fazer ouvir as mulheres tidas como “invisíveis”. A partir dessas vozes é possível perceber as opressões sofridas pelo machismo estrutural, assim como também as formas de superação pelas mulheres, a fim de resistirem e manterem a sua cultura.

Observa-se a partir das pesquisas selecionadas, a relevância dos estudos sobre o gênero feminino e a relação com a preservação de suas culturas aliada às questões socioambientais e educacionais, temas que ainda carecem de maiores aprofundamentos na pesquisa, principalmente no Território do Sisal. As mulheres continuam a exercer as atividades designadas pelas representações sociais construídas historicamente, como ressaltam as pesquisas de Alves (2019) e Araújo (2017). Essas construções sociais em torno da masculinidade e da feminilidade influenciam as identidades e as representações sociais acerca dos grupos e dos fenômenos, determinando também as opções e comportamentos das pessoas, das organizações e instituições.

De acordo com Scott (1989, p. 21), o gênero é uma construção social e histórica e apresenta-se como “um elemento constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres”. A definição de seus papéis e atitudes é fruto do que a sociedade traz de significado de ser homem e mulher, visão corroborada por Beauvoir (2009), que refuta a ideia de que a questão biológica define o papel do homem e da mulher. Verifica-se que tradicionalmente se atribuem

às mulheres papéis associados à esfera privada, isto é, que se baseiam mais em características emocionais, relacionais e estéticas (TAVARES, 2016).

O gênero feminino ainda é associado ao trabalho doméstico e é perceptível que as mulheres continuam a desempenhar a maior parte desse trabalho, em particular as tarefas tidas como tipicamente femininas. Os homens continuam a serem socialmente autorizados a afastar-se de tarefas legitimadas como pertencentes ao gênero feminino. Essa situação de reprodução da dominação masculina foi observada nas pesquisas voltadas aos grupos sociais localizados nas comunidades da região sisaleira, colocando as mulheres numa posição desfavorável do ponto de vista de seu reconhecimento social. Há uma opressão simbólica, muitas vezes não perceptível, tida como natural e legitimada, fazendo com que haja uma aceitação coletiva, resultando no processo de superioridade masculina (BOURDIEU, 2001).

De acordo com a cartilha Mulheres Transformando a Economia (SÃO PAULO, 2015, p. 9) nessa divisão sexual do trabalho “institui-se uma hierarquia na qual o trabalho feito por homens é valorizado em detrimento do trabalho feito por mulheres, assim como ao trabalho reprodutivo não é atribuído valor econômico”. Essa visão coloca a mulher dona de casa como sujeito economicamente inativo, tornando ainda maior a discrepância entre os gêneros. As mulheres pertencentes às associações fazem parte desse grupo excluído, mesmo promovendo atividades que geram renda para sua comunidade.

Enfrentar a exclusão do mundo capitalista não é tarefa fácil, principalmente para mulheres que participam de associações comunitárias, ponto de discussão nos estudos de Alves (2019) e G. R. P. N. Santos (2019). Elas vivem de forma coletiva, participando dos processos de geração de renda e preservação da cultura da sua comunidade, papéis importantes para a sobrevivência de todos e todas que fazem parte daquele ambiente, conforme afirma Mesquita (2013) em um estudo sobre o papel das mulheres na agricultura familiar.

O processo de manutenção da cultura advém do sentimento de pertencimento presente nas mulheres, que vêm aprendendo a valorizar as suas raízes e garantir a preservação de seu espaço como cidadã. Uma das formas mais utilizadas para permitir o processo de preservação cultural é através das relações positivas com a natureza.

Nos estudos de Joseph Campbell, os mitos que constituem a humanidade representam formas de pensamentos que distinguem os papéis de homens e de mulheres. De acordo com o referido autor, a mitologia é detentora de quatro funções básicas: a mística, cosmológica, sociológica e a pedagógica. Os mitos pedagógicos contribuem no processo de orientação dos indivíduos, mostrando como viver a vida humana a partir de bons e maus exemplos, em prol

de objetivos de um determinado grupo social. Eles ajudam a moldar indivíduos aos objetivos e ideais desses grupos, orientando-os do nascimento à morte através do curso de uma vida humana. Nesse processo de orientação dos sujeitos, a mulher se destaca e traz para si essa responsabilidade. “Do ponto de vista mitológico, sendo mãe, a mulher é a contrapartida simbólica, a personificação dos poderes da terra. Ela faz nascer tal como a terra. Assim, a magia feminina predomina nessas culturas” (CAMPBELL, 2008, p. 57-58).

As mulheres da região sisaleira conseguem manter uma relação mais saudável com os recursos naturais, e dessa forma, se esforçam para dar continuidade às atividades da comunidade, respeitando o meio em que vivem, fruto de um processo de orientação voltado para os papéis tidos como femininos ao longo da história. Com isso, “hoje, diante de um novo processo de acumulação primitiva, as mulheres são a principal força social que impede o caminho de uma completa comercialização da natureza. As mulheres são as agricultoras de subsistência do mundo” (FEDERICI, 2019, p. 312).

Como forma de contribuir para o processo de continuidade cultural, é preciso reconhecer a importância das culturas dentro desses espaços nas comunidades. Torna-se essencial valorizar a cultura local, as representações sociais construídas, as atividades desenvolvidas nos espaços não formais dentro das comunidades, que se constituem como espaços educativos também. São nesses espaços que os sujeitos obtêm os primeiros ensinamentos e criam laços que serão levados por toda a sua vida.

Nos estudos de G. R. P. N. Santos (2019) e Alves (2019), observa-se a importância das intervenções educativas como possibilidade de mudança, permitindo que as mulheres se percebam como sujeitos políticos dentro de suas comunidades, que fazem a diferença e merecem um lugar de representatividade. Independente do espaço de aplicação de intervenções educativas é necessária a identificação do contexto vivido pelas mulheres que farão parte das ações. Afirmam Gadotti e Gutierrez (2003) que, para intervir e mudar uma sociedade que deseja transformar é preciso conhecer a realidade onde atua, de forma racional, procurando analisar de forma ampla. É importante ressaltar que estratégias educativas para fortalecer a autonomia têm como ponto de partida a valorização dos saberes e potencialidades locais.

Saviani (2005) dialoga sobre concepções pedagógicas contra hegemônicas, assim como B. S. Santos (2010) e ressalta que essas concepções buscam a aprendizagem significativa através da contextualização das informações de acordo com a realidade vivida pelo aprendiz com o objetivo de compreender para superar esta realidade. Com isso, ressalta-se a importância de unir os saberes e constituir processos educativos que possibilitem

contribuir para manter as culturas preservadas, proporcionando a emancipação dos sujeitos dentro de seus locais de origem, abrindo possibilidades de crescimento e manutenção das suas raízes.

É necessária a tessitura de redes entre as comunidades, no sentido de trazer a mulher como voz ativa dentro de seus espaços, promovendo ações de transformação social em regiões nas quais as políticas públicas historicamente no Brasil, forma insuficientes e em alguns casos, inexistentes para a manutenção de suas culturas. Assim, destaca-se a importância desta pesquisa, pois são poucos os estudos que trazem a mulher como vetor no processo de preservação das culturas nas comunidades aliada às questões socioambientais no Território do Sisal, abrindo possibilidades para que mais intervenções educativas e sociais sejam aplicadas a fim de contribuir na formação de mulheres e que tragam o protagonismo feminino no processo de preservação de culturas diversas em diferentes locais e territórios. O Capítulo 02, intitulado “Região sisaleira e o curtume tucanense: elementos identitários” traz a continuidade dos estudos, análises e discussões sobre o lócus desta dissertação, promovendo uma interlocução entre os aspectos identitários presentes na Região Sisaleira e no Curtume Tucanense.

#### **1.4 PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Definir a metodologia aplicada numa pesquisa requer do pesquisador um olhar cuidadoso com as ferramentas escolhidas e reflexão sobre os objetivos a serem alcançados. De acordo com Minayo (2001) “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (p.16). Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foi utilizada como metodologia a abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo. Segundo Lüdke e André (1986, p. 18) “[...] o estudo qualitativo [...] é o que se desenvolve numa situação natural e é rico em dados descritivos, tem um plano aberto, flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Dessa forma, foi possível uma melhor compreensão dos fenômenos a serem pesquisados, permitindo a investigação do objeto de estudo através de processos variados.

As pesquisas exploratória e descritiva foram definidas a partir o objetivo geral do projeto. Através delas, foi possível ouvir as opiniões e crenças das colaboradoras da pesquisa, buscando aproximação com as mesmas, conhecer de perto os problemas existentes a fim de

obter um produto que contribua para melhoria e transformação social na vida das pessoas, indo ao encontro dos objetivos que esta dissertação visou alcançar.

Para complementar e dar base ao processo realizado foram feitas as pesquisas bibliográfica e documental. O levantamento bibliográfico faz parte do processo da pesquisa exploratória e “trata-se do primeiro passo em qualquer pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação” (MACEDO, 1994, p.14). Fez-se necessário revisitar a literatura a fim de observar o que se tem de pesquisa na área e as contribuições existentes que convergem com o tema, como também as ideias que se distanciam, sempre visando um olhar inovador e o mais completo possível sobre a temática.

Os dados referentes às colaboradoras e ao espaço de aplicação da pesquisa foram levantados a partir da pesquisa documental. A pesquisa documental trata da utilização de materiais (documentos) que não receberam qualquer tratamento de análise, como ressalta Minayo (2001). Essa seleção de materiais foi o ponto de partida na identificação e coleta digital de documentos. Para a coleta de informações sobre o curtume, foram utilizadas as atas das reuniões da Associação Comunitária e documentos relacionados à implantação do curtume, licenciamento ambiental e o Projeto de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD).

Sobre as colaboradoras, foram selecionadas cinco mulheres observando os critérios de inclusão. Foram elas: mulheres com idade entre 18 e 40 anos que possuem vínculo com a associação comunitária formada a partir de um curtume da região sisaleira, ex-estudantes do Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães (CELEM), Unidade de Ensino onde a pesquisadora encontra-se lotada, atualmente, no cargo de vice-diretora. Os documentos comprobatórios coletados foram os comprovantes de matrícula e históricos adquiridos na Unidade de Ensino citada e declaração de vínculo das mulheres com a associação comunitária.

## 1.5 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

A técnica escolhida para abordar as mulheres colaboradoras foi a entrevista narrativa, no formato de história de vida, através da qual o pesquisador é convidado a compreender o ponto de vista do sujeito sobre si e sobre os fatos socialmente estabelecidos, a partir da própria capacidade do sujeito de analisar essa realidade (COLOMBY et al., 2016). Sendo um dos métodos utilizados nas pesquisas dentro das Ciências Sociais, Haguette (1997, p. 59) diz que “a história de vida, no âmbito das metodologias científicas, pode ser entendida segundo

duas perspectivas: como documento e como técnica de captação de dados”. A referida técnica convergiu com a proposta da pesquisa e foi utilizada junto às colaboradoras para a coleta das informações em campo. Versa Minayo (2001, p. 59) que “ nela podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual”. Dessa forma, o olhar do sujeito para suas vivências permite integrar aos relatos uma ligação direta com o contexto vivido, a sua realidade histórica e cultural, permitindo compreender as relações construídas na comunidade a partir de suas percepções.

Nesta parte empírica da pesquisa, a entrevista de história de vida foi aplicada às cinco mulheres colaboradoras após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), o que permitiu momentos de escuta **destas** através da retrospectiva de suas vidas. A memória das mulheres “[...] dificilmente aparece, porque predomina em geral o relato masculino que desconsidera a presença feminina que, assim, não é memorizada” (BRITO, 1993, p.26). É uma forma de se fazer ouvir as vozes daquelas que sempre foram silenciadas, compreendendo melhor a atuação das mulheres nas associações e comunidade na qual estão inseridas, respeitando seu local de fala e considerando a potência de suas memórias. “A memória é produto social de um sistema posto sobre determinadas características ou fatos sociais, espaciais e temporais, e composto por grupos de pessoas que nas suas relações compartilham ou assimilam informações, e dessa forma, constituem as suas memórias” (HALBWACHS, 2004, p.32).

Para as coletas de dados, assim como para outras atividades, foi respeitado o distanciamento social devido ao contexto da Pandemia do COVID-19, seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Resolução nº 1.423/2020 da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Diante disso, as entrevistas foram realizadas utilizando-se a plataforma *Google Meet*, marcadas em dia e hora sugeridas pelas colaboradoras, respeitando suas particularidades e com livre consentimento das participantes, que tiveram seus nomes suprimidos, sendo utilizados como pseudônimos os nomes de plantas da caatinga em seu lugar: Palma, 19 anos, sem filhos, solteira; Mandacaru, 18 anos, sem filhos, solteira; Aroeira, 19 anos, sem filhos, solteira; Quixaba, 37 anos, três filhos, casada; e Umbuzeiro, 39 anos, uma filha, casada.

Foram cinco momentos de entrevistas, utilizando-se o roteiro de história de vida (Apêndice A), previamente construído, que serviu como guia para o processo. A aplicação se deu de forma individual, garantindo um clima favorável para que as colaboradoras se sentissem confortáveis para falar. As entrevistas aconteceram de forma amistosa, descontraída, e, em alguns momentos, emocionante, principalmente para a pesquisadora, que

recordou fatos da sua infância ao escutar as histórias contadas pelas mulheres. As informações coletadas foram gravadas com auxílio de um aparelho celular e um gravador, procedimento este realizado pela própria pesquisadora, com o consentimento das participantes e posteriormente transcrito de forma manual (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2005).

## 1.6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados obtidos verbalmente e posteriormente transcritos foi realizada através do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), o qual pode ser definido como:

[...] uma modalidade de apresentação de resultados de pesquisas qualitativas, que tem depoimentos como matéria prima, sob a forma de um ou vários discursos-síntese escritos na primeira pessoa do singular, expediente que visa expressar o pensamento de uma coletividade, como se esta coletividade fosse o emissor de um discurso (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA., 2003, p.70).

Consideraram-se as diferentes respostas colhidas nas entrevistas, de maneira a se extrair e obter material para a reescrita dos depoimentos na primeira pessoa do singular. As histórias das mulheres colaboradoras se entrelaçam, pois são sujeitos que convivem e compartilham do mesmo espaço sociocultural, unido essas vozes em uma só construção. Isso se torna possível por conta das representações sociais presentes na comunidade da qual elas fazem parte. Dessa forma, ao reunir as ideias semelhantes presentes nas diferentes respostas, através de categorizações, torna-se possível resgatar a matriz discursiva do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2005).

Tendo como parâmetro o estudo de análise de dados dos autores supracitados, foi seguido o seguinte roteiro: selecionar as chamadas expressões-chave (E-CH) dos depoimentos extraídos das colaboradoras a partir da entrevista narrativa e que carregam a essência do conteúdo do discurso; atribuir as Ideias Centrais (IC's), que são as palavras ou expressões linguísticas utilizadas para categorizar o sentido das E-CH; e as ancoragens (AC's), expressões de uma dada teoria ou ideologia que as autoras dos discursos professaram naturalmente em suas respostas. Todas essas etapas resultaram em três Discursos do Sujeito Coletivo (DSC), sínteses das falas que reuniram pedaços diferentes das respostas individuais das colaboradoras, mas que possuíam uma compatibilidade, observando a frequência das opiniões e pensamentos (ibid).

Como forma de organização para produção dos discursos, foram construídos três quadros denominados Instrumento de Análise de Discurso (quadros 01, 03 e 05), cada um

referente às perguntas realizadas a partir do roteiro aplicado. Cada quadro possui quatro colunas que foram divididas da seguinte forma e ordem: pseudônimos das colaboradoras, Expressões-Chave (E-CH), Ideias Centrais (IC's) e Ancoragens (AC's). Na coluna das E-CH foram inseridas as respostas das colaboradoras coletadas a partir das entrevistas e transcritas na íntegra. As expressões-chave foram destacadas em negrito para posterior confecção do discurso síntese; as IC's, categorizadas e representadas por letras; e as AC's, sublinhadas e destacadas, de acordo com a pergunta aplicada, como demonstra o Quadro 02, abaixo:

**Quadro 02:** Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD), parte 1.

<b>Pergunta 1:</b> Fale um pouco sobre sua história de vida: pessoal, familiar, religião, estudo			
<b>Colaboradoras</b>	<b>Expressões-chave (E-CH)</b>	<b>Ideias Centrais (IC's)</b>	<b>Ancoragens (AC's)</b>
Palma	<p>“<b>Trabalho com couro desde os dezesseis anos, sou de família de classe baixa e desde pequena tive que <u>trabalhar para ajudar a minha vó.</u> Quando a gente é jovem não entendemos direito o porquê de ter que trabalhar pra em si, ajudar em casa ou até mesmo comprar nossas próprias coisas</b>, mas mudamos com o decorrer do acontecimento. Hoje sou independente, tenho minha própria casa, minha própria vida, minhas próprias coisas, e hoje entendo que precisa de muito trabalho e esforço pra crescer e conquista-las. Os jovens divide sua vida pessoal em trabalho, estudo e vida social, trabalhamos meio período, e estudamos meio período. <b>Com isso fico um pouco puxado para poder dividir as tarefas, pelo fato de trabalhar pela manhã e estudar durante a tarde e sobra apenas a noite para</b></p>	<p>HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES ASSOCIADAS A UM CURTUME SISALEIRO (A)</p>	<p>Trabalho precoce</p> <p>Contribuir com o sustento da família</p> <p>Dificuldades em conciliar trabalho e estudo</p>

	<p>realizar as atividades escolares, ou até mesmo trabalhar pra entregar os pedidos de material no prazo solicitado, e se sobrar tempo ver amigos ou familiares, eu particularmente só via amigos quando dava tempo porque <u>trabalhar e estudar não é fácil</u>, mas quando formamos e concluimos os estudos fica mais fácil em ambas as partes.”</p>		
--	---	--	--

**Quadro 02:** Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD), parte 2.

Aroeira	<p>“Tenho 18 anos, sou católica, acredito em Deus, <u>ajudo minha família como posso, meus pais sonham em me ver numa profissão</u>, aqui é um lugar pequeno, não tem boa oportunidade de trabalhar em alguma coisa. De manhã eu estudava, de tarde eu tô trabalhando, mas eu sempre tento ajudar meus pais aqui, porque não posso dizer que temos uma ótima qualidade de vida. <b>Mas o sonho de meus pais é me ver formada e eu tô me esforçando pra isso.</b>”</p>	<p>HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES ASSOCIADAS A UM CURTUME SISALEIRO (A)</p>	<p>Trabalho precoce</p> <p>Contribuir com o sustento da família</p> <p>Realizações pessoais</p>
Mandacaru	<p>“Tenho 19 anos e <b>trabalho com couro “dês” dos meus 14 anos, minha família é de classe média, mas eu sempre tive a vontade de trabalha pra conquistar minhas coisas</b>, ainda moro com meus pais. Sou católica, <u>estudei com muito esforço</u>. Estudei no celem, e conseguia separar tempo pra ambos, mesmo sendo difícil e super cansativo. Principalmente quando tinha muitas entregas a fazer, mas a gente desenrola, e cresce. <b>Hoje sou</b></p>	<p>HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES ASSOCIADAS A UM CURTUME SISALEIRO (A)</p>	<p>Trabalho precoce</p> <p>Contribuir com o sustento da família</p>

	<p><b>outra pessoa, tenho minhas metas, meus pensamentos, meu modo de pensar, e me orgulho de tudo que já passei até aqui.</b> Faço todo o meu trabalho com amor, mesmo tendo momentos de estresse por pensar que não vou conseguir, por ser um trabalho demorado e exige cuidado e esforço, mas é divertido.”</p>		<p>Dificuldades em conciliar trabalho e estudo</p> <p>Realizações pessoais</p>
--	--	--	--

**Quadro 02:** Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD), parte 3.

Quixaba	<p>“Tenho 37 anos, três filhos, engravidei cedo e <u>estudei com muito esforço</u>. Não gostava muito de estudar e acredito em Deus. Trabalhei desde cedo em casa de família e no couro, mas hoje meu marido que vai pra o curtume e eu fico em casa.”</p>	<p>HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES ASSOCIADAS A UM CURTUME SISALEIRO (A)</p>	<p>Trabalho precoce</p> <p>Dificuldades em conciliar trabalho e estudo</p>
Umbuzeiro	<p>“Tenho 39 anos, uma filha e me viro desde novinha pra ajudar na casa, até dia de domingo com meu pai no couro. Faço de tudo pra ajudar meu marido a sustentar a casa. <u>A vida é difícil</u>, “né mole” não. Mas a gente vai se virando. Eu estudei, queria me formar em técnica de enfermagem, mas num deu. <b><u>Eu ainda tenho esse sonho, quem sabe um dia, quando as coisas melhorar.</u></b>”.</p>	<p>HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES ASSOCIADAS A UM CURTUME SISALEIRO (A)</p>	<p>Trabalho precoce</p> <p>Contribuição com o sustento da família</p> <p>Realizações pessoais</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A partir da sistematização presente nos instrumentos de análise de discurso, as E-CH foram organizadas, fazendo uso de conectivos que permitiram a construção de discurso coeso e que representa a coletividade, baseada nas IC's (A), destacando as ancoragens (orações

destacadas no texto) que foram desenvolvidas e discutidas no decorrer do estudo, especificamente no capítulo 03 desta dissertação. O Discurso do Sujeito Coletivo 1, destacado no Quadro 03, apresenta aspectos da história de vida das colaboradoras, trazendo questões familiares, relações com o estudo e sobre as dificuldades vividas na fase da adolescência. As ancoragens destacadas foram: trabalho precoce, contribuição com o sustento da família, dificuldades em conciliar trabalho e estudo, realizações pessoais.

**Quadro 03:** Discurso do Sujeito Coletivo 1

<b>Pergunta 1: História de vida das colaboradoras: questões pessoais, familiares, estudo, religião</b>
<b>Ideia Central (A): História de vida das mulheres associadas a um curtume sisaleiro (A)</b>
<p>“Trabalho com couro desde cedo, sou de família de classe baixa e desde pequena tive que trabalhar para <u>ajudar a minha família</u> e meu marido a <u>sustentar a casa</u>. Quando a gente é jovem não entendemos direito o porquê de ter que trabalhar pra em si, ajudar em casa ou até mesmo comprar nossas próprias coisas. Ajudo minha família como posso, meus pais sonham em me ver formada. Minha família é de classe média, mas eu sempre tive a vontade de trabalhar pra conquistar minhas coisas, <u>estudei com muito esforço</u>. Estudei no CELEM, e conseguia separar tempo pra ambos, mesmo sendo difícil e super cansativo. Com isso ficou um pouco puxado para poder dividir as tarefas, pelo fato de trabalhar pela manhã e estudar durante a tarde e sobra apenas a noite para realizar as atividades escolares, ou até mesmo trabalhar pra entregar os pedidos de material no prazo solicitado, e se sobrar tempo ver amigos ou familiares. Eu só via amigos quando dava tempo porque <u>trabalhar e estudar não é fácil</u>. Hoje sou outra pessoa, tenho minhas metas, meus pensamentos, meu modo de pensar, e me orgulho de tudo que já passei até aqui. Eu estudei, queria seguir os estudos, mas <u>a vida é difícil</u>. <u>Eu ainda tenho esse sonho</u>, quem sabe um dia, quando as coisas melhorar.”</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

O Quadro 02 contém o Instrumento de Análise do Discurso 2, criado a partir da pergunta 02 do roteiro, como explicitado abaixo:

**Quadro 04:** Instrumento de Análise do Discurso 2 (IAD), parte 1.

<b>Pergunta 2:</b> Comente sobre seu trabalho enquanto mulher, com o couro e como se dá as suas relações com a comunidade e a associação.			
<b>Colaboradoras</b>	<b>Expressões-chave (E-CH)</b>	<b>Ideias Centrais (IC's)</b>	<b>Ancoragens (AC's)</b>
Palma	“O couro, assim como qualquer outro trabalho temos que <u>desenvolver habilidade</u> , <u>esforço</u> <u>agilidade</u> , <u>coletividade</u> e	A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA E O TRABALHO COM O COURO NA	Baixa remuneração

	<p><b>querer.</b> Trabalhamos com o mesmo material, com as mesmas coisas, com isso na maioria das vezes um ajuda o outro, pra no final, manteremos uma <b>boa relação com a comunidade, somos em uma boa quantidade coletiva, ajudamos um aos outros,</b> assim fazemos amizade e coletividade.</p> <p><b>Eu fico trabalhando em cerca de 12 horas por dia, pra <u>ganhar bem menos que o merecido,</u></b> outras pessoas ganham mais com encomendas de várias cidades, hoje em dia financeiramente nós encontramos bem melhor de que tempos atrás, onde trabalhamos no sol sem uma boa qualidade no modo de vida. <b><u>Ser mulher não é fácil, mas a gente consegue se virar pra conseguir um futuro.</u></b></p>	<p>PERSPECTIVA DO GÊNERO FEMININO (B)</p>	<p>Habilidades para o trabalho com o couro</p> <p>Trabalho em equipe</p>
<p>Aroeira</p>	<p><b>“No curtume, o trabalho é mais pra os homens, porque <u>as mulheres não têm a mesma resistência que eles têm,</u> porque é muito cansativo, o único meio que a mulher encontra é o artesanato, fazendo carteira e vendida para fora da região -São Paulo, Rio de Janeiro- são vendidas por lá. E eu, ajudo minha mãe aqui dentro de casa e tô trabalhando numa casa de família aqui, eu tento ajudar o máximo porque a renda da carteira não é muito boa, <b>com essa pandemia cada vez mais tá caindo e o curtume dá lucro, porém pra manter uma família grande não tem condição de dar um conforto todo, o que ganha é pra fazer suas obrigações dentro de casa.</b> Minha mãe faz carteira, <b>mas a renda não é produtiva,</b> é bem pouco, não chega nem a ser um salário e eu sempre tento ajudar. Eu já trabalhei</b></p>	<p>A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA E O TRABALHO COM O COURO NA PERSPECTIVA DO GÊNERO FEMININO (B)</p>	<p>Habilidades para o trabalho com o couro</p> <p>Importância do trabalho em equipe</p> <p>Invisibilidade do gênero</p>

	<p>com carteira, mas eu queria arranjar um emprego em outro lugar para melhorar."</p> <p><b><u>A mulher não é valorizada não só no couro como também em outros aspectos, porque hoje quando se fala em uma mulher pra fazer isso ou aquilo, a sociedade logo pensa: ela não vai conseguir, não vai ter a mesma capacidade que um homem tem pra fazer, então no meu ponto de vista, nós mulheres somos um pouco excluídas das coisas que tem.</u></b></p> <p>Na área do curtume é mais homem, mas o pai de família às vezes leva sua mulher pra ajudar quando a demanda de trabalho é muito forte. Ajuda o marido a pegar o couro, entrar nos cochos. Fui criada com o cheiro do couro, tem dia que o vento traz o cheiro de lá aqui pra casa.</p> <p>O meu pai trabalha no curtume e a gente sobrevive disso, aqui onde a gente mora não tem outro tipo de emprego, não tem boa qualidade e o curtume aqui é uma forma de sustentar, eu creio que a maioria da comunidade inteira.</p> <p><b>A associação é favorável quando se junta porque é um <u>trabalho em equipe</u> pra poder realizar algo, não é um por um, como a estrutura do curtume que todos tiveram que se unir e contribuir, não só um, quem puder ajudar."</b></p>		<p>Importância do trabalho em equipe</p>
Mandacaru	<p>"Todos que moram aqui gostam e se admiram do que faz, minha família, meus amigos, conhecidos, trabalha com todos os utensílios de couro, uns bem avançados, outros iniciando, mais o importante é o esforço, a dedicação e <u>união</u>. Trabalhar com couro é muito especial e</p>	<p>A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA E O TRABALHO COM O COURO NA PERSPECTIVA DO GÊNERO FEMININO (B)</p>	<p>Importância do trabalho em equipe</p>

	<b>delicado, pois temos que ter cuidado com tudo para não danificar o couro,</b> mas foi com o couro que eu sempre trabalhei e hoje cheguei onde estou e sou muito feliz por tudo que passei trabalhando com couro, <b>mesmo ganhando pouco.”</b>		Baixa remuneração
Quixaba	“Hoje fico mais em casa, mas quando precisa, eu ajudo com tudo que me pede. Tem umas coisas mais pesadas, que só o homem faz, mas no que puder fazer, eu vou pra ajudar meu marido. Quando era mais nova, fazia mais coisa. <b>A associação é boa porque todo mundo se ajuda e é bem tranquilo aqui. A união ajuda o grupo.”</b>	A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA E O TRABALHO COM O COURO NA PERSPECTIVA DO GÊNERO FEMININO (B)	Importância do trabalho em equipe

**Quadro 04:** Instrumento de Análise do Discurso 2 (IAD), parte 2

Umbuzeiro	“ <b>Cansei de todo domingo botar um balde da cabeça e ir trabalhar nos cochos.</b> Quando passei a ter família, o pai da minha filha, onde que achar eu trabalho. Trabalho mais meu marido. Já sofri muito, mas graças a Deus temos nossa casa, trabalho do curtume facilitou mais, porque cada um curte o couro no seu dia, <b>mas não é fácil, os dois sofrem muito, mas a mulher tem que se dividir pra ajudar e cuidar da casa. A associação ajuda muito, um ajuda o outro, se une pra trabalhar, a comunidade depende disso.”</b>	A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA E O TRABALHO COM O COURO NA PERSPECTIVA DO GÊNERO FEMININO (B)	Invisibilidade do gênero	Importância do trabalho em equipe
-----------	---	---	--------------------------	-----------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A partir do Quadro 04, foi construído o Discurso do Sujeito Coletivo 2 (Quadro 05), que trata sobre as relações de gênero no trabalho com o couro dentro da comunidade, como também traz a visão das mulheres sobre a importância da formação de uma associação constituída pela união dos moradores da região, criada a partir do curtume sisaleiro. As

ancoragens foram: baixa remuneração; invisibilidade da mulher; habilidades para o trabalho com o couro; importância do trabalho em equipe.

**Quadro 05:** Discurso do Sujeito Coletivo 2 (DSC 2)

<b>Pergunta 2: Comente sobre seu trabalho enquanto mulher, com o couro e como se dá as suas relações com a comunidade e a associação.</b>
<b>Ideia Central (B): A associação comunitária e o trabalho com o couro na perspectiva do gênero feminino</b>
<p>O couro, assim como qualquer outro trabalho temos que <u>desenvolver habilidade</u>, esforço agilidade, coletividade e querer. Eu fico trabalhando em cerca de 12 horas por dia, pra <u>ganhar bem menos que o merecido</u>. Ser mulher <u>não é fácil</u>, mas a gente consegue se virar pra conseguir um futuro. No curtume, o trabalho é mais pra os homens, porque <u>as mulheres não têm a mesma resistência que eles têm</u>, porque é muito cansativo. Com essa pandemia cada vez mais tá caindo e o curtume dá lucro, porém pra manter uma família grande não tem condição de dar um conforto todo, o que ganha é pra fazer suas obrigações dentro de casa. Mas a renda não é produtiva, <u>a mulher não é valorizada</u> não só no couro como também em outros aspectos, porque hoje quando se fala em uma mulher pra fazer isso ou aquilo, a sociedade logo pensa: ela não vai conseguir, não vai ter a mesma capacidade que um homem tem pra fazer, então no meu ponto de vista, nós mulheres como um pouco excluídas das coisas que tem. Na área do curtume é mais homem, mas o pai de família às vezes leva sua mulher pra ajudar quando a demanda de trabalho é muito forte. Ajuda o marido a pegar o couro, entrar nos cochos. mesmo <u>ganhando pouco</u>. Temos <u>boa relação com a comunidade</u>, somos em uma boa quantidade coletiva, ajudamos um aos outros, A associação é favorável quando se junta porque é um <u>trabalho em equipe</u> pra poder realizar algo, não é um por um, como a estrutura do curtume que todos tiveram que se unir e contribuir, não só um, quem puder ajudar.” O importante é o esforço, a dedicação e <u>união</u>. Trabalhar com couro é muito especial e delicado, pois temos que ter cuidado com tudo para não danificar o couro, A associação é boa porque todo mundo se ajuda e é bem tranquilo aqui. <u>A união ajuda o grupo.</u>” <u>A associação ajuda muito</u>, um ajuda o outro, se une pra trabalhar, a comunidade depende disso.</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

O Quadro 06 apresenta o Instrumento de Análise de Discurso 3, construído a partir da pergunta 03 do roteiro (apêndice A), e possibilitou a construção de dois discursos, cada um baseado numa Ideia Central diferente: Transmissão intergeracional da cultura (C) e Importância da natureza para o bem-estar da comunidade (D).

**Quadro 06:** Instrumento de Análise de Discurso 3 (IAD), parte 1.

<b>Pergunta 3:</b> Fale um pouco da sua compreensão sobre o que é cultura. Qual a importância da preservar do meio-ambiente na comunidade?			
<b>Colaboradoras</b>	<b>Expressões-chave (E-CH)</b>	<b>Ideias Centrais (IC's)</b>	<b>Ancoragens (AC's)</b>
Palma	<p>“Cultura pra mim é o que a gente faz na comunidade, quando a gente se junta pra fazer <b>algo que é pra todos e que vai passando pros filhos</b>. É isso que deixa o povo feliz, porque é tudo tão difícil.”</p> <p>“E sobre o meio-ambiente, tudo mudou aqui. <b>O rio que passa aqui tá tão mais limpo, antes a gente não via nada, só o fedor, depois que limpou que a gente vê como é bom cuidar da natureza.</b>”</p>	<p>TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA CULTURA (C)</p> <p>IMPORTÂNCIA DA NATUREZA PARA O BEM-ESTAR DA COMUNIDADE. (D)</p>	<p>Transmissão da cultura para os descendentes</p> <p>Despoluição do rio após a saída do curtume</p> <p>Melhoria na qualidade de vida da comunidade</p>

**Quadro 06:** Instrumento de Análise de Discurso 3 (IAD), parte 2.

Aroeira	<p>“Acho que a nossa vida é uma cultura. Não sei dizer assim o que é certinho, <b>mas é o que a gente vive aqui, as coisas que a gente faz, o que vai aprendendo e passando</b>, as festas da comunidade, acho que é isso.”</p> <p>“<b>A natureza é muito importante porque a gente depende dela.</b> A gente viu com o rio, como ele sofreu com o couro, mas hoje ele menos poluído, menos mau cheiro. <b>A gente vive melhor.</b>”</p>	<p>TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA CULTURA (C)</p> <p>IMPORTÂNCIA DA NATUREZA PARA O BEM-ESTAR DA COMUNIDADE. (D)</p>	<p>Transmissão da cultura para os descendentes</p> <p>Despoluição do rio após a saída do curtume</p> <p>Melhoria na qualidade de vida da comunidade</p>
Mandacaru	<p>“O couro tem uma importância muito significativa nas nossas vidas, porque através dele que a gente pode se manter porque não é um emprego que dá muita qualidade de vida, <b>mas a partir dele a gente se mantém, é muito significativo, a gente pode sobreviver</b>, arranjar um outro emprego na nossa</p>	<p>TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA CULTURA (C)</p>	<p>Transmissão da cultura para os descendentes</p>

	<p>região é difícil, mas o curtume veio ajudar as famílias que não tem muita condição, ele é muito importante pra gente, inclusive vejo pais de família que acabam de ter seus filhos e <b>o dinheiro que sustenta vem do couro e já tá passando de geração pra geração</b>, pra ajudar os filhos dos nossos filhos e assim por diante.”</p> <p>“Realmente terem pedido para o curtume sair do rio foi uma boa, porque o rio tava acabado, a gente via quando a gente passava, não tinha mais aquele bom ar para respirar da natureza, sabe?! Era só aquele ar poluído, era muito couro espalhado pela margem do rio, não era uma coisa boa de se ver, tava ficando sem vida com o curtume lá. Agora que colocaram em outro local, o rio já tem outro aspecto mais vivo quando você passa e vê, mesmo agora que tá seco.”</p>	<p>IMPORTÂNCIA DA NATUREZA PARA O BEM-ESTAR DA COMUNIDADE. (D)</p>	<p>Despoluição do rio após a saída do curtume</p> <p>Melhoria na qualidade de vida</p>
Quixaba	<p>“É difícil dizer o que é cultura. É um nome que o povo fala muito, <b>mas eu acredito que é o que o povo aqui faz, o trabalho, as festas que acontece todo ano. Tudo aquilo que <u>nossos pais passa</u>, que já é costume na comunidade.</b>”</p> <p>“Eu nunca pensei que fosse tão bom limpar o rio, a gente depende da natureza e não cuida dela direito. <b><u>O rio que ajuda tanto a gente e a gente sujava tanto.</u></b> Tá tão bom assim agora, acho que todo mundo quer cuidar da natureza.”</p>	<p>TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA CULTURA (C)</p> <p>IMPORTÂNCIA DA NATUREZA PARA O BEM-ESTAR DA COMUNIDADE. (D)</p>	<p>Transmissão da cultura para os descendentes</p> <p>Despoluição do rio após a saída do curtume</p> <p>Melhoria na qualidade de vida</p>
Umbuzeiro	<p>“Cultura é importante pra gente, porque é o que a gente vive. <b><u>Nossos avós ensina como a gente deve fazer o trabalho com o couro, tudo isso. E a</u></b></p>	<p>TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA CULTURA(C)</p>	<p>Transmissão da cultura para os descendentes</p>

	<p><b>gente vai passando esses costume, as artes e vai sobrevivendo, é o que sustenta as família.”</b>  “Olha, antes a gente não ligava pra isso de preservar as coisa não. Mas depois que quase fecha o curtume, melhorou muito. <b>O rio voltou e ter mais peixe, o fedor diminui, pense que tá bom?! (risos) Mas a gente deve manter, né, porque a qualidade de vida é outra.”</b></p>	<p>IMPORTÂNCIA DA NATUREZA PARA O BEM-ESTAR DA COMUNIDADE. (D)</p>	<p>Despoluição do rio após a saída do curtume</p> <p>Melhoria na qualidade de vida da comunidade</p>
--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A partir do IAD 3, foram construídos os Discursos dos Sujeito Coletivo 3 (Quadro 07), que trazem, respectivamente, sobre a questão da transmissão intergeracional da cultura (C) e sobre a importância da preservação da natureza para a melhoria da qualidade de vida da comunidade (D). As ancoragens foram: Transmissão da cultura para os descendentes (C), Despoluição do rio após a saída do curtume (D) e Melhoria na qualidade de vida da comunidade (D).

**Quadro 07:** Discurso do Sujeito Coletivo 3

<p><b>Pergunta 3:</b> Fale um pouco da sua compreensão sobre o que é cultura. Qual a importância da preservar do meio-ambiente na comunidade?</p>
<p><b>Ideia Central (C): Transmissão intergeracional da cultura (C)</b></p>
<p>A cultura é algo importante que é pra todos e que vai passando pros filhos, mas é o que a gente vive aqui, as coisas que a gente faz, <u>o que vai aprendendo e passando</u>, como o trabalho com o couro, a partir dele a gente se mantém, é muito significante, a gente pode sobreviver. O dinheiro que sustenta vem do couro e já tá passando de geração pra geração, pra ajudar os filhos dos nossos filhos e assim por diante. Mas <u>eu acredito que cultura é o que o povo aqui faz o trabalho</u>, as festas que acontece todo ano. Tudo aquilo que nossos pais passa que já é costume na comunidade. Nossos avós ensina como a gente deve fazer o trabalho com o couro, tudo isso. E a gente <u>vai passando esse costume, as artes e vai sobrevivendo</u>, é o que sustenta as família.”</p>
<p><b>Ideia Central (D): Importância da natureza para o bem-estar da comunidade (D)</b></p>
<p><u>O rio que passa aqui tá tão mais limpo</u>, antes a gente não via nada, só o fedor, depois que limpou que a gente vê como é bom cuidar da natureza. <u>A natureza é muito importante</u> porque a gente depende dela e realmente terem pedido para o curtume sair do rio foi uma boa, porque o rio tava acabado, a gente via quando a gente passava, não tinha mais aquele bom ar para respirar da natureza, sabe?! Era só aquele ar poluído, era muito couro espalhado pela margem do rio, não era uma coisa boa de se ver, tava ficando sem vida com o curtume lá. Eu nunca pensei que fosse tão bom limpar o rio, a gente depende da natureza e não cuida dela direito. <u>O rio que ajuda tanto a gente e a gente sujava tanto</u>. O rio voltou e ter mais peixe, o fedor diminui, pense que tá bom?! Mas a gente deve manter, né, porque <u>a qualidade de vida é outra</u>.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O material foi redigido em primeira pessoa do singular e a partir dele pode-se discutir sobre o contexto das ideias das mulheres participantes e o caráter coletivo das representações sociais relativas ao tema trabalhado, possibilitando a análise detalhada e discussão dos

resultados, fundamentados no referencial teórico da pesquisa a partir das categorias gênero, identidade, associação comunitária sisaleira, cultura.

### 1.7 PLANO DE INTERVENÇÃO – OFICINAS (IN) FORMATIVAS

Foi realizada uma oficina, descrita no Apêndice B, como plano de intervenção e prática (in)formativa para as mulheres associadas. A temática da pesquisa foi trabalhada durante a intervenção com o objetivo de promover participação, socialização de experiências, (des)construções de saberes, processos inerentes à produção de conhecimento. Os resultados e discussão sobre a oficina, produto da presente dissertação, serão apresentados no Capítulo 04 desta pesquisa.

A oficina foi realizada remotamente, dividida em três momentos, com duração total de três horas, onde as colaboradoras tiveram oportunidade de participar de forma dialógica, utilizando metodologias ativas. Essas metodologias focam-se nos conhecimentos anteriores que os participantes têm acerca de sua própria realidade social (PRUDENTE; MERCADO; MATIAS, 2015).

Junto a essas mulheres, foram vivenciados, com o uso dessas metodologias e materiais descritos no apêndice B, momentos de aprendizagem, participação, construções e trocas de saberes que possibilitaram uma formação no sentido de valorizar os conhecimentos trazidos por elas e presentes dentro da comunidade.

Obteve-se como produto final, a constituição da oficina para (in)formação de mulheres sobre a importância de se preservar sua cultura a partir de práticas educativas e socioambientais, unida aos saberes locais trazidos por elas. Essa construção da prática formativa e informativa através da oficina constituiu-se numa devolutiva social às contribuições dadas pelas mulheres da comunidade para a pesquisa, um processo de simbiose necessário dentro do processo de intervenção, que oferece um importante contributo social.

O percurso metodológico e a estrutura da dissertação apresentada no Quadro 07, abaixo, possibilitou andar paralelamente com a temática escolhida, permitindo o alcance dos objetivos geral e específicos almejados.

## CAPÍTULO 02

### **REGIÃO SISALEIRA E O CURTUME TUCANENSE: ELEMENTOS IDENTITÁRIOS**

Paisagens secas na maior parte do ano, poucas chuvas e solo árido: assim se apresenta a região conhecida como sisaleira. A aparente simplicidade esconde a sua riqueza, constituída por elementos que fazem parte da identidade de seu povo e que dialogam com as características identitárias presentes no curtume localizado na cidade de Tucano-BA, um dos municípios que compõem do Território do Sisal.

Para compreender as questões identitárias presentes numa determinada região, é necessário levar em conta as narrativas históricas e culturais presentes naquele espaço ao longo do tempo. As fronteiras que delimitam uma região são formadas a partir de elementos comuns a um povo, que promovem a sensação de pertencimento por se identificarem com as características ecossistêmicas presentes no local.

Este capítulo tem como objetivo contextualizar a região sisaleira e o curtume tucanense destacando seus elementos identitários. Para sua confecção foi consultado um amplo acervo de documentos a respeito do Território do Sisal e da cidade de Tucano-BA produzidos pelo Governo da Bahia e disponíveis nos sites dos seguintes órgãos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria de Estado do Planejamento (SEPLAN), Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Foram utilizadas como documentos para consulta, o Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável e Solidário (PTDS), as atas registradas de reuniões realizadas pelos membros da Associação dos Agricultores Familiares e Produtores de Sola da Comunidade da Pedra Grande e Região, o Plano de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD), documento de instauração de Inquérito Civil do Ministério Público do Estado da Bahia, todos fornecidos pelo atual presidente da Associação.

Além deste material, foram trabalhados também os conceitos de região, cultura e identidade a partir dos estudos de Hall (2004), Bourdieu (2001), Albuquerque Júnior (1999) e Laraia (2007) e Sousa, Costa e Oliveira (2007). Sobre os aspectos sociais e ambientais presentes no Território do Sisal, as contribuições são das autoras Cerqueira (2015) e Faria (2014) e Santos, Silva e Coelho Neto (2011). Ferreira e Menieur (2015) e Pena (2017)

reforçaram as tessituras construídas ao longo do capítulo, falando sobre as características de um curtume.

O capítulo está dividido em três seções e uma subseção, distribuídas da seguinte forma: a) Região, cultura e identidade: discussões teóricas; b) Região Sisaleira: aspectos sociais, ambientais e culturais na construção da identidade c) Aspectos identitários da cidade de Tucano-BA e d) Curtume Tucanense: narrativas históricas que constituem a sua identidade. As referidas seções e subseção dialogam com o objetivo do capítulo, trazendo um olhar sobre o *locus* da pesquisa, entrelaçando a natureza, seu povo e sua cultura como construção da identidade.

## 2.1 REGIÃO, CULTURA E IDENTIDADE: DISCUSSÕES TEÓRICAS

Realizar um estudo sobre os elementos identitários da Região Sisaleira e o curtume tucanense requer trazer compreensões teóricas acerca de tópicos como região e identidade e as contribuições de autores que fundamentam os elementos que caracterizam o *locus* da pesquisa.

Primeiramente, conceituar região não é algo simples. Conforme Albuquerque Júnior (1999, p. 24), "definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos". Para entender seu conceito, se faz necessário compreender seu processo de construção abrangente, complexo e plural, formado por sujeitos atrelados a elementos históricos que demonstram relações de poder e estas relações e seus discursos se repetem ao longo do tempo e espaço determinados.

Observando a proposta epistemológica de Albuquerque Júnior (1999) sobre o conceito de região, nota-se uma aproximação ao processo histórico de formação dos sujeitos, os seus discursos e construções simbólicas. Para o autor, a região "não está ligada a um fenômeno natural e não a pensar como uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza faz cair por terra qualquer possibilidade de essência, naturalidade e neutralidade sobre a ideia de região" (ibid, p. 24). Logo, os sujeitos que a compõe são também parte desse processo, e trazem para si como verdade os discursos que dão embasamento ao conceito de região.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Bourdieu (2001) traz como perspectiva sobre a definição de região uma construção a partir de atos e práticas cuja intenção é serem reconhecidos pelos sujeitos, e para isso existe uma luta de forças com o objetivo de obter esse reconhecimento.

O acto da magia social que consiste em tentar trazer à existência a coisa nomeada pode resultar se aquele que o realiza for capaz de fazer reconhecer à sua palavra o poder que ela se arroga por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nova visão a uma nova divisão do mundo social: regere fines, regere sacra, consagra um novo limite (BOURDIEU, 2001, p. 116).

Para Bourdieu (2001), este “acto mágico” perpassa pelo campo do “poder simbólico” e traz consigo instrumentos, os quais o autor nomeia como “representações objectais” que demarcam a região, como emblemas, bandeiras, hinos, entre outros. Fazendo uso destas representações como estratégias de “manipulação simbólica”, as pessoas que fazem parte daquele local passam a se reconhecer nas mesmas, delimitando a sua região num “acto mágico” de divisão.

As representações sociais<sup>3</sup> passam a fazer parte do processo de construção de uma identidade, formada pela soma de diversos fatores e vivências ao longo da história de um povo. Existe uma identificação das pessoas pertencentes a uma comunidade ou região a partir dessas vivências, de tal forma que elas adquirem sentidos que são partilhados por todos aqueles que passaram pelas mesmas narrativas históricas. “Sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas histórias contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas” (HALL, 2004, p. 50). É um constructo que se torna inerente ao seu povo e dessa forma ele se sente pertencente àquele local.

O fato de a identidade ser inerente aos seus, não significa que ela é imutável. Assim como a evolução, essa construção identitária passa por transformações ao longo dos tempos e as mudanças que ocorrem são transmitidas para todas as gerações. De acordo com Hall (2004, p. 47) “essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto nós pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial”. Esse pensamento está tão enraizado que as comunidades tratam suas narrativas como fatores essenciais a serem passados aos seus descendentes, processo importante para a preservação das culturas. Nesse sentido, Hall traz um aspecto que corrobora com esse pensamento:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela

---

<sup>3</sup> Pierre Bourdieu (2004) defende a concepção de que as representações sociais são influenciadas pelas ideias, valores, crenças e ideologias existentes anteriormente em uma sociedade, e que se fazem presentes na linguagem que utilizamos para nos comunicar, nas religiões e no chamado senso comum que compõem o *habitus* de cada agente, e também as concepções que circulam entre os participantes dos campos sociais, grupos profissionais e classes sociais.

permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2004, p. 38).

A busca por uma completude faz com que os sujeitos estejam sempre querendo preencher o vazio com aquilo que tenha sentido na sua vida e que é encontrado muitas vezes na sua própria história e cultura. As narrativas sociais que perpassam pelas vidas das pessoas que vivem num determinado espaço, contribuem para a sua formação cultural e identitária.

O termo espaço empregado acima se refere ao sentido geográfico da palavra, a delimitação de área. Esses limites espaciais designados pelo homem são responsáveis também pelo estabelecimento das especificidades culturais presentes numa região. Lembrando que especificidade não indica falta de diversidade, pois, na realidade, “[...] é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico” (LARAIA, 2007, p.21). A cultura, pelo olhar antropológico, é diversa, assim como o povo que faz parte dela, mas que se identifica pela sua história e ancestralidade.

A cultura, segundo Laraia (2007), tornou-se uma forma de guiar os comportamentos dos sujeitos pertencentes a uma delimitação espacial. De acordo com o autor, “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura.” (LARAIA, 2007, p. 68). Constitui-se assim um fluxo de informações e trocas culturais nas regiões, promovendo construções da identidade.

Corroborando Hall (2004), trazendo em seus estudos que “os elementos identitários de uma região devem espelhar as peculiaridades de sua cultura contemporânea cuja base teórica encontra-se no passado, na sua história e na sua capacidade de adaptação ao novo” (p.39). Essas formações de identidade estão sempre sendo construídas e modificadas a partir de transformações que possam acontecer na sociedade. Para essa constituição, Sousa, Costa e Oliveira (2007) trazem diversos aspectos que devem ser levados em conta:

A memória histórica, as lutas regionais, os movimentos populares, as reivindicações públicas, os sistemas de dominação, as manifestações artísticas e estéticas, as tradições, as credences, as características ambientais, os costumes sociais, os conflitos de classe, a organização urbana (e mesmo a desorganização), os ciclos econômicos e as técnicas operacionais são elementos imprescindíveis na elaboração de uma narrativa identitária. Esses, entre outros aspectos, ao se correlacionarem, permitem a legitimação de um espaço e a percepção da continuidade (ou não) entre o seu passado e futuro (SOUSA; COSTA; OLIVEIRA, 2007, p. 6).

Observa-se, portanto, que a identidade se constitui a partir da soma de aspectos que proporcionam aos sujeitos o sentimento de pertencimento a uma cultura presente num espaço

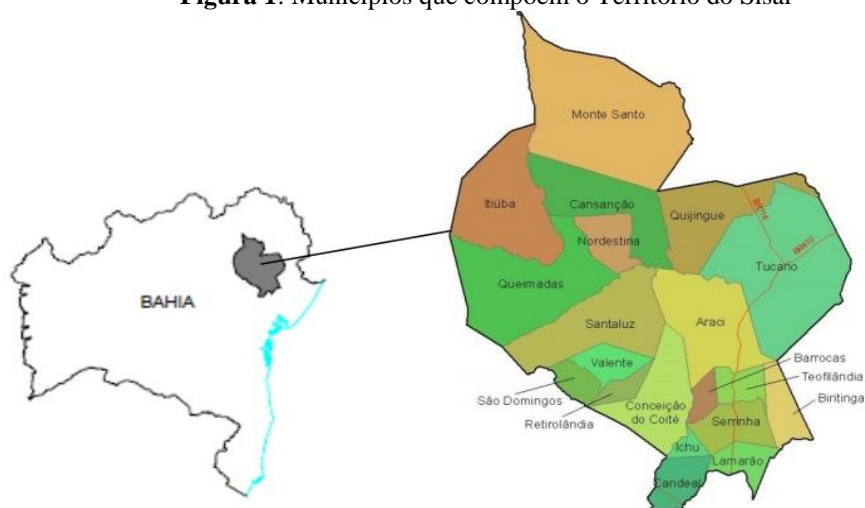
delimitado geográfica e sociologicamente, ao qual se denominou de região. O referido espaço permite o fluxo de informações gerando processos de transformações a partir das relações sociais existentes no local.

## 2.2 REGIÃO SISALEIRA: ASPECTOS SOCIAIS, AMBIENTAIS E CULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A Região Sisaleira é habitada por 582.329 pessoas em uma extensão territorial de 21.256,50 km<sup>2</sup>, o correspondente a 3,5% do Estado da Bahia. A população urbana é de 249.167 habitantes, equivalente a 42,79% do geral, enquanto a população rural é estimada em 333.162 habitantes, 57,21% de sua totalidade (IBGE, 2010).

O Território do Sisal (Figura 1), inserido no semiárido baiano, é um dos 27 Territórios de Identidade reconhecidos pelo Governo do Estado da Bahia. Ocupa uma área de 3,6% da área total do estado da Bahia, totalizando 564.692 km<sup>2</sup>, abrangendo 20 municípios: Araci, Barrocas, Biritinga, Candéial, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Queimadas, Retirolândia, São Domingos, Quijingue, Nordestina, Santaluz, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente (BAHIA, 2010).

**Figura 1:** Municípios que compõem o Território do Sisal



**Fonte:** Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (2010).

Os Territórios de Identidade da Bahia foram divididos “a partir das especificidades de cada região, observando as comunidades presentes e características ambientais, econômicas, culturais, políticas e sociais dentro de um espaço físico definido geograficamente” (BAHIA, 2020, p. 2). Esses espaços delimitados pelo homem criam as fronteiras regionais que, de

acordo com Sousa, Costa e Oliveira (2007, p. 5), “[...] mesmo sendo produtos de atos jurídicos de delimitação, são responsáveis pelo estabelecimento das especificidades culturais que permitem a legitimação dos espaços que identificamos como região”.

As especificidades tratadas sobre o processo de divisão dos territórios referem-se, entre outras questões, ao que apresenta Bourdieu (2001), quando diz que “a fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá o maior ou menor fundamento na realidade segundo os elementos que ela reúne, tenham entre si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes” (p.113). As características tidas como semelhantes são aquelas que geram a sensação de pertencimento dos sujeitos presentes naquela comunidade e que partilham das narrativas históricas e sociais.

As divisões em territórios foram estabelecidas como forma de melhor aplicar políticas públicas em cada região, para o desenvolvimento social e econômico, observando as características de cada local. A região denominada de sisaleira é composta por aspectos únicos, sejam eles nos âmbitos sociais, ambientais e culturais que fazem parte da identidade refletida na vida daqueles e daquelas que vivem ali.

Dentre os elementos identitários presentes na região, encontra-se a biodiversidade escondida na mata branca<sup>4</sup>. De acordo com Faria (2014), a sua paisagem mostra-se heterogênea, exibindo ecossistemas variados no semiárido baiano. De suas matas, “desabrocham sisal, mandacarus, caroás, facheiros, macambiras e gravatás” (FARIA, 2014, p. 57). Estas plantas, além de muitas outras espécies, são muito bem adaptadas morfofisiologicamente ao clima local e encontradas por todo o Território do Sisal. Além das plantas, animais variados também se adaptaram muito bem à região, compondo uma fauna diversa e peculiar.

Os elementos ambientais constituintes da fauna e flora da região contribuíram para o desenvolvimento de cultivos de plantas como feijão, milho e mandioca, além do sisal, sendo fontes de subsistência para milhares de famílias. Com isso, constituiu-se a base da economia do território, através da agricultura familiar que permitiu uma construção de uma atividade sólida para os pequenos agricultores (BAHIA, 2015).

A cultura do sisal que se instalou aos poucos em meados do século XX, na Bahia, permitindo que cidades pudessem se formar nesse território, como Conceição do Coité,

---

<sup>4</sup> Mata branca é o significado do nome Caatinga, dado pelos índios tupi-guarani em alusão à aparência que ele toma quando a água se torna escassa. O visual de sua vegetação na época de estiagem é, na verdade, uma estratégia exemplar de sobrevivência (EMBRAPA, 2021).

Valente, Serrinha entre outras, criando novas imagens agora voltadas para os produtos que o sisal poderia proporcionar. Desse modo, a cultura do sisal passou a ser uma atividade econômica importante no espaço que posteriormente recebeu a denominação de Região Sisaleira, definindo sua forma de estruturação, inclusive impulsionando o surgimento dos novos municípios (SANTOS; SILVA; COELHO NETO, 2011). Formou-se, então, uma região que partilhava de uma cultura única que impulsionava o desenvolvimento de seu povo e sua comunidade.

Ainda de acordo com Santos, Silva e Coelho Neto (2011), além do cultivo de sisal, a pecuária bovina presente em toda a extensão do semiárido baiano surgiu a partir da disponibilidade de grandes áreas de terra para a criação extensiva nas paisagens nativas da caatinga, exigindo poucos investimentos em mão-de-obra, constituindo-se numa alternativa para enfrentar as incertezas em relação à agricultura.

A história da região sisaleira está vinculada à pecuária extensiva e ao cultivo do sisal, culturas que permitiram o surgimento de suas primeiras vilas. A pecuária extensiva foi um dos instrumentos utilizados para ocupar o vasto espaço territorial, intensificando-se as medidas de ocupação do sertão, pelos baixos custos dos criatórios, possibilitando a interiorização nessa região do semiárido baiano, mesmo enfrentando diversidades por conta da seca e escassez de chuvas (SILVA, 2012).

Entre o final do século XIX e início do século XX, foi iniciado o cultivo do sisal, favorecido pelas condições climáticas da região, nas quais a referida planta adaptou-se muito bem. Porém, o aproveitamento econômico do sisal em larga escala só ocorreu no final da década de 1930, quando a Secretaria da Agricultura da Bahia estabeleceu uma política de fomento para a expansão da cultura sisaleira no Estado, por meio da instalação de campos de distribuição de mudas nos municípios de Feira de Santana e Alagoinhas, até então pertencentes à região, dos cultivos de uma grande plantação no município de Nova Soure e da introdução da primeira máquina desfibradora automática, chamada de paraibana (PTDRS, 2016).

Até meados de 1930, outra planta ganhava destaque nos cultivos da região, o caroá. No governo de Landulpho Alves, no período de 1938 a 1942, houve o estímulo ao plantio do sisal como alternativa de sobrevivência do sertanejo, aproveitando as condições favoráveis do mercado interno criadas pelos obstáculos de importação de produtos similares por conta da Segunda Guerra Mundial. Até finais da década de 40, a fibra do sisal continuava sendo extraída manualmente, nos conhecidos farrachos. A fibra era utilizada para a confecção de cabrestos, cordas, cordéis, entre outros produtos que passam a ocupar lugar de destaque no

mercado interno como no externo, naqueles casos possíveis, suplantando assim o caroá (PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL- PTDRS, 2016).

Dessa forma, a região começou a se desenvolver, permitindo a chegada de pessoas que se estabeleciam ali por conta do trabalho e do desenvolvimento econômico que a atividade sisaleira, junto à pecuária extensiva permitiu acontecer, fazendo com que o Brasil mudasse, em 1946, de país importador para a condição de país exportador de sisal. Em 1951, se destacava como 2º lugar no ranking de produção mundial (BAHIA, 1991).

Os principais produtores no Estado da Bahia nessa época eram os municípios de Conceição do Coité, Santaluz e Monte Santo (SILVA, 2013). A fibra é a principal matéria-prima do sisal e utilizada para fazer a maior parte dos produtos derivados da planta. Há, ainda, os seus subprodutos: polpa, bagaço, bucha, caldo ou mosto, os quais são utilizados na estoparia, na fabricação de papéis e papelão e, no caso do caldo ou mosto, transformado em produtos para serem usados como forragem animal. “O processo de trabalho no sisal compreende várias etapas, desde a preparação da terra para o plantio, até o beneficiamento da fibra em usinas beneficiadoras” (ALMEIDA, 2006, p.137-138). Desse modo, a cultura do sisal passa a ser uma atividade econômica importante no espaço que posteriormente recebeu a denominação de Região Sisaleira, definindo sua forma de estruturação (SANTOS; SILVA; COELHO NETO, 2011).

A partir de 1975, chegaram produtos no mercado derivados de polipropileno, material de origem sintética que permitia a confecção de objetos semelhantes aos constituídos por sisal e com menor custo, gerando um declínio da cultura. A sua decadência realçou os problemas econômicos e gerou novos problemas sociais, baixa remuneração dos pequenos produtores e trabalhadores rurais que forçaram um grande contingente populacional a se retirarem do território e da atividade sisaleira (BAHIA, 1991).

Atualmente o território apresenta três setores principais na sua economia: a ovino-caprinocultura, a criação extensiva de gado bovino e o setor de extração mineral, mas em alguns municípios se mantêm a produção de sisal, no entanto com menor força do que no período auge da produção. Destaca-se também a existência de um amplo número de pequenas propriedades dedicadas à agricultura de subsistência, onde se cultiva geralmente a plantação de milho, feijão e mandioca junto com pequenos criatórios de galinha caipira e com a manutenção de um número reduzido de cabeças de gado bovino, ovino, caprino ou suínos, como também a permanência de alguns latifúndios da pecuária extensiva (SANTOS; SILVA; COELHO NETO, 2011).

São culturas mantidas e passadas entre as gerações, como forma de se adequar às características ambientais e sociais do local. O delineamento desses caracteres deve considerar “os fatos naturais e instituídos no ambiente, de modo que seja possibilitado o entendimento da atual complexidade da sociedade em formação e dentro desta as complexas relações socioeconômicas que dinamizam sua cultura.” (SOUSA et al., 2007, p.03).

Os elementos ambientais também fazem parte do processo de construção da identidade de uma região, refletindo também na sua dinâmica cultural, tendo como embasamento as narrativas históricas e a sua capacidade de se adaptar ao novo. Dessa forma, as características que compõem a identidade vão se mantendo e se moldando, de acordo com as novas vivências e situações, gerando um fluxo cultural.

Mesmo com sua população conseguindo promover formas de sobreviver na região a partir dos recursos disponíveis, Cerqueira (2015) aponta que vários são os fatores que se pode inferir sobre a evolução da população do Território do Sisal, dentre eles o comprometimento das atividades agropecuárias decorrentes da instabilidade instaurada nos padrões ambientais, ocasionados pela exploração antrópica incoerente com as características do território.

Ressalta-se que o desmatamento da caatinga e cerrado para abertura de áreas agropastoris, sem levar em consideração o sistema de reflorestamento das áreas e das espécies e a recomposição do solo; a extração de água de subsolo sem medidas de conservação dos lençóis freáticos; o pisoteio animal em margens de rios sem manejo adequado que evite a compactação do solo e, ainda, a poluição hídrica ocasionada pelo lançamento de efluentes e resíduos químicos oriundos de fertilizantes e pesticidas são processos rotineiros no Território do Sisal, aliados a atividades agropecuárias que, ironicamente, resultam numa gradativa queda de produtividade biológica e agrícola, remetendo o ambiente à vulnerabilidade (CERQUEIRA, 2015, p.79).

É necessário cuidar do meio-ambiente de forma responsável, pois a sua destruição significa perder a fonte de renda das comunidades, em seu sentido amplo. Buscar novos caminhos para o desenvolvimento autossustentável da região é uma ferramenta importante e pode ser economicamente viável, visto que incorpora como ação processual para manter o meio em que vivem e que são dependentes de forma direta.

A região sisaleira é conhecida por apresentar irregularidade na distribuição e quantidade de precipitações pluviométricas, com dois períodos chuvosos anuais: um no verão, com chuvas torrenciais e altas taxas de evapotranspiração; outro no inverno, associado às frentes frias. O território é totalmente inserido no semiárido, onde os raios solares e as temperaturas médias oscilam entre 26° a 28°C (CERQUEIRA, 2015). As suas bacias hidrográficas encontram-se inseridas em quatro Regiões de Planejamento e Gestão das Águas

(RPGA's), de acordo com a resolução CONERH nº 01/05, sendo três de gestão estadual: Recôncavo Norte, Rio Itapicuru, Rio Paraguaçu; e uma de gestão compartilhada com o estado de Sergipe: Rio Vaza-Barris. Dentre elas, a bacia do Rio Itapicuru se destaca por ser fundamental para o uso da população, seja para suas atividades na agricultura e pecuária, como também para o abastecimento das pessoas que vivem na região (CERQUEIRA, 2015).

Quando se fala em região semiárida, as pessoas remetem à pobreza e à seca, já que as chuvas não ocorrem de forma uniforme e constante ao longo do ano, formando o chamado Polígono das Secas. Esta situação traz vulnerabilidade ao seu povo, mas, além disso, e ainda mais difícil, os preconceitos e discriminações enfrentados ao longo da história.

De acordo com o PTDS (2016), “O Território do Sisal tem uma história de luta marcada pela articulação e mobilização de seus agentes envolvidos e empenhados no acesso as políticas públicas e conseqüentemente na melhoria da qualidade de vida da população” (p.41). As questões sociais causadas pela escassez de chuva são os principais motivos que induziram à organização popular e à mobilização dos movimentos sociais na busca de políticas públicas para amenizar as diversas formas de desigualdades enfrentadas pelas famílias rurais, provocada pelos longos períodos de estiagem. Traz consigo também potencialidades historicamente ignoradas ou propositalmente deixadas de lado. O fenômeno da seca associado à falta de políticas públicas afetou e ainda afeta as famílias pertencentes ao território.

Essas dificuldades estruturais criam a necessidade do desenvolvimento de alternativas para garantir a sobrevivência das famílias, principalmente contextualizada em ações de convivência com o semiárido. O Estado, longe de implementar políticas que pudessem atender as demandas dos sisaleiros, contribuiu ainda mais para a história marcada pela cultura do assistencialismo e do clientelismo (FARIA, 2014).

As condições sociais da população do Território do Sisal são críticas, herança de um processo de exclusão socioeconômica ainda não superado, mantendo e aprofundando as desigualdades regionais. Existe uma importante contribuição na movimentação da economia do território, segundo o PTDS (2016), proveniente da transferência de recursos governamentais, principalmente através da previdência social e programas sociais de assistência à família de baixa renda, e da agricultura familiar local. Programas sociais beneficiaram a população do semiárido, o Bolsa Família, por exemplo, beneficiou 104.008 famílias do território (IBGE, 2010). Mesmo assim, a região sisaleira continua apresentando baixos níveis de pobreza e exclusão social, já que são restritas as possibilidades de geração de trabalho e renda nos seus municípios.

A dificuldade de acesso e baixa qualidade da educação ofertada no território refletem no processo de exclusão social na região. A taxa de analfabetismo, de acordo com os dados demográficos de 2010, foi de 16,3%, demonstrando que o número de pessoas com baixo desenvolvimento na leitura e escrita presentes na Região Sisaleira é bastante alto, e essa realidade não sofreu grandes mudanças ao longo dos anos, apesar do consenso sobre a importância da educação de uma comunidade para o seu processo de desenvolvimento.

Como afirma Freire (1998, p. 58), “O aprender por toda a vida faz homens e mulheres serem sujeitos da História, humaniza-os, potencializa suas condições de sujeitos pensantes, que interferem e transformam, com seu agir, o seu cotidiano, o seu lugar, o mundo.” A educação formal faz parte do processo de construção da identidade dos sujeitos e contribui para que os mesmos se percebam num espaço de desigualdades, e que, a partir desta percepção, busquem transformar as suas histórias.

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (ibid).

A história das sisaleiras e sisaleiros traduz sua identidade cultural, consolida os laços coletivos, traz alegria, coragem e determinação para o seu viver. Ribeiro (1995) trata sobre os diversos brasis com o intuito de compreender a diversidade da cultura brasileira. Para tanto, traz as variantes identitárias principais que emergiram durante séculos de formação da cultura no Brasil. São elas: crioula, cabocla, sertaneja, caipira e sulina. O povo sertanejo é considerado um povo pastoril e que geralmente vive em comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos. Dentre as suas características, de acordo com Ribeiro (1995), estão a fidelidade, força, religiosidade, e enfrentam grandes adversidades em seu cotidiano, além disso, cita que:

Por mais anos ou gerações que permaneça numa terra, o sertanejo é sempre um agregado transitório, sujeito a ser desalojado a qualquer hora, sem explicações ou direitos. Por isso, sua casa é o rancho em que está apenas arranchado; sua lavoura é uma roça precária, só capaz de assegurar-lhe um mínimo vital para não morrer de fome, e sua atitude é a de reserva e desconfiança, que corresponde a quem vive num mundo alheio, pedindo desculpas por existir (RIBEIRO, 1995, p.359).

Apesar de todas as negligências vivenciadas, o povo sisaleiro possui uma riqueza sociocultural e religiosa singular, com destaque especial para a sua resistência ao longo dos

séculos. Mesmo com as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia e o imenso sofrimento causado pelas condições estabelecidas, o sertanejo desta região ainda encontra força para exaltar festa e a alegria.

A musicalidade contagiante das bandas de pífano, que percorrem as comunidades animando os festejos de Santo Antônio, São João e São Pedro e outros acontecimentos religiosos; montar uma quermesse para ajudar na reforma da igreja da comunidade, incluindo a toca do coelho, tendo como prêmio uma lata de goiabada cascão, e os famosos bingos cujo prêmio oferecido é sempre um carneiro para o sortudo ganhador. Ainda presente, o dia de Reis, comemoração da visita dos Três Reis Magos ao Menino Jesus, onde um grupo de cantadores visita os moradores das comunidades, de casa em casa, com acompanhamento do pandeiro e cavaquinho, promovendo um samba de roda com suas mulheres girando no salão cheio de animação (FARIA, 2014). Alegria também nas vaquejadas, com os homens vestindo trajes de couro costurado por suas mulheres e utilizados para melhor proteger dos galhos repletos de espinhos da caatinga, acompanhado da rainha e da princesa com seus estandartes<sup>5</sup>.

Uma das imagens mais representativas do sisaleiro é ver as suas mulheres carregando a lata na cabeça da beira do rio até as suas casas, levando um pouco de água para matar a sede da família e banhar os corpos marcados pela invisibilidade. A referida descrição não é somente sinônima de sofrimento, é uma das formas de demonstrar a fé por dias melhores de um povo lutador, de um lugar onde brota a vida e a alegria, onde a água percola por entre o solo seco e permite o desabrochar da semente, a sua riqueza cultural e os saberes de sua gente, dando cor às identidades presentes em meio à mata branca.

### 2.3 ASPECTOS IDENTITÁRIOS DA CIDADE DE TUCANO-BA

Em pleno sertão sisaleiro, no meio de árvores com seus galhos secos e retorcidos e belas formações rochosas, surge Tucano, uma cidade que emergiu sobre um dos maiores aquíferos do Estado da Bahia, integrante da Bacia Sedimentar de Tucano. Em volta de muitas histórias e “estórias” em torno da origem de seu nome, seja dos indígenas, seja das aves, a cidade se desenvolveu em meio ao sertão sisaleiro.

O município, segundo dados do IBGE (2010), localiza-se na Mesorregião do Nordeste Baiano e é composto por 52.418 pessoas, sendo 21.958 pessoas residentes na zona urbana e 30.460 pessoas residentes na zona rural, distribuídas em uma área de 2.436 km<sup>2</sup>. Na

---

<sup>5</sup> Descrição da autora a partir das vivências de sua infância.

decomposição por gênero, a população era, em 2010, majoritariamente do sexo masculino, sendo deste gênero, 26.254 indivíduos, e 26.164 habitantes do gênero feminino.

A grande quantidade de povoados e distritos existentes no município tornou-se possível devido a sua extensa área territorial. São 27 povoados, quatro distritos e 79 comunidades, de acordo com a Secretaria Municipal de Agricultura, distribuídos por todo o território que abriga uma beleza geográfica magnífica, atraindo olhares de pesquisadores pertencentes a diversos locais do mundo em busca de uma melhor compreensão sobre suas formações rochosas.

Sua condição geográfica proporcionou a constituição natural do chamado Buraco do Vento, local que recebe frequente visitação de turistas, além da bela Cachoeira do Inferno com uma queda d'água esculpida pela própria natureza. Os tabuleiros do Boqueirão que rodeiam a cidade formando uma paisagem única, além das belezas da Serra de Santa Cruz e do Riacho da Caetana localizadas no povoado do Marizá (ROCHA, 1987).

As águas termais da Estância Hidromineral de Caldas do Jorro e do Jorrinho com seu famoso bode assado, distritos pertencentes à Tucano, são fortes atrativos turísticos também devido às suas potencialidades medicinais referentes ao tratamento de doenças no tecido epitelial, como descreve Rocha, (1987). Essas riquezas naturais formam um verdadeiro “oásis” no meio do sertão baiano.

Tucano também tem suas datas comemorativas tradicionais, eventos nos quais seu povo se alegra para partilhar momentos de risos e muita música, como o São João de Caldas do Jorro, quermesse da Padroeira Nossa Senhora Santana, a Micareta em comemoração ao aniversário da cidade no dia 21 de março, festa da Independência da Bahia, realizada na Rua Dois de Julho, as festas de Santo Antônio (13 de junho) no distrito de Creguenhem e São Pedro (29 de junho) nos povoados de Poço Redondo e Olhos D'água.

Apesar de tamanha beleza e alegria, o município também apresenta seus problemas e a situação de seu povo não foge muito da realidade encontrada em outras cidades pertencentes ao Território do Sisal. As dificuldades enfrentadas pela seca e falta de políticas públicas efetivas que auxiliem no desenvolvimento das comunidades são muito presentes, e através de muita luta as pessoas tentam conseguir seu sustento e ter acesso a uma vida digna.

Quando se trata de educação, a partir da análise de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), se observa um avanço nos resultados das avaliações de seus alunos. Atualmente Tucano possui, incluindo as redes Municipal, Estadual e Particular de Ensino, 59 estabelecimentos de ensino pré-escolar, 56

estabelecimentos de ensino fundamental e cinco estabelecimentos de ensino médio/técnico<sup>6</sup>. Observando dados do último IDEB<sup>7</sup> realizado em 2019, os resultados adquiridos por Tucano foram acima da média do estado da Bahia nas séries 5º ano e 9º ano do Ensino Fundamental, tanto na disciplina de Língua Portuguesa como Matemática, apresentando-se com média acima dos números adquiridos na maior parte das cidades da região sisaleira.

Apesar de suas médias estarem acima da porcentagem geral do Estado, os números alcançados estão distantes do que seria considerado adequado. Os índices refletem diretamente no IDH do município que, de acordo com a PTDRS (2016), encontra-se na faixa considerada de baixo valor de desenvolvimento humano, obtendo apenas o valor de 0,579.

A educação deve ser pensada com o intuito de dar possibilidades e atender a todos, principalmente os mais vulneráveis. Como versa Freire (1980), a prática de uma educação problematizadora permite a libertação de uma consciência oprimida e leva a uma reflexão sobre o contexto social onde estão inseridos, promovendo mudanças em todos os âmbitos. Melhorias na educação são ações que reverberam para todos os setores da sociedade e abrir espaços coletivos para discussões nesse sentido fortalece a luta daquelas e daqueles que não têm voz na sociedade e são invisibilizados.

Mesmo estando situado numa região ainda excluída e com altos índices de pobreza e desigualdade social, como dialoga Faria (2014), os tucanenses, assim como os demais sisaleiros utilizam seus saberes tradicionais para aprimorar seus cultivos e sua cultura:

A história e os costumes da população contribuem para a identidade de —ser sisaleiro, pois ressaltam que são —mulheres e homens de fibral, herdeiros de um legado de privações, mas também de lutas e resistências, concebida como a capacidade de colocar-se frente às dificuldades e desafios do cotidiano com uma atitude de esperança, crença e perseverança. O contrário da resistência seria a entrega a um destino imutável e dado previamente (FARIA, 2014, p.73).

A cidade de Tucano se destaca em algumas atividades econômicas, como os cultivos de castanha-de-caju, manga, melancia, maracujá, milho e feijão. Há também artesanato de produtos provenientes de atividades extrativistas e de cultivos regionais, tais como a do caroá e das fibras de sisal. A criação de gado também se destaca e, de acordo com Cerqueira (2015),

---

<sup>6</sup> Dados coletados na Secretaria Municipal de Educação de Tucano-BA diretamente para a autora no dia 04 de fevereiro de 2021, fornecidos pelo setor de Educação Básica do município.

<sup>7</sup> O IDEB é um índice utilizado pelo MEC para avaliar o desempenho dos estudantes de escolas públicas - redes estaduais, municipal, e federal - e privadas, em três níveis: no 5º ano, que se refere às notas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no 9º ano (anos finais do Ensino Fundamental), e no 3º ano do Ensino Médio. O índice, que vai de 0 a 10, é calculado com base na aprovação escolar e nos exames do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), ao qual os alunos são submetidos a provas de Matemática e Língua Portuguesa.

o município de Tucano-BA, dentro do Território do Sisal, era o detentor da maior quantidade de rebanho, chegando num total de 35.800 cabeças de gado no ano de 2015, cerca de 10% do número total de animais no território, seguido do município de Itiúba, que possuía um efetivo de 32.179, situação que ainda se repete nos dias atuais. O rebanho é destinado para corte e para a produção de leite, e o couro dos animais, levado para os curtumes da região.

Além da agricultura, pecuária e turismo, outra atividade se destaca na economia do município: a manufatura artesanal nas confecções de artefatos de couro produzidos pelo seu curtume cuja produção é exportada para os estados de São Paulo, Paraná, Sergipe, Paraíba, Pará, Maranhão, Minas Gerais e Ceará (TUCANO, 2021). São diversos produtos confeccionados utilizando-se o couro de bovinos, como por exemplo, bolsas, cintos, solas, carteiras, entre outros. Esta atividade tornou-se uma das mais importantes para os moradores de alguns povoados e distritos da cidade, um legado cultural tradicionalmente passado de geração para geração através de ensinamentos e narrativas históricas contadas pelos seus moradores.

#### 2.4 CURTUME TUCANENSE: NARRATIVAS HISTÓRICAS QUE CONSTITUEM A SUA IDENTIDADE

De origem centenária, as histórias referentes ao surgimento do curtume em Tucano-BA são conhecidas através das memórias de moradores mais antigos e contadas para seus descendentes nos momentos de descanso nos alpendres de suas casas, sentados nos batentes das portas ou deitados numa rede sob a luz do candeeiro.

Não há registros sobre o exato ano de fundação do curtume, mas de acordo com os relatos desses moradores, as mulheres foram as primeiras a iniciarem o trabalho com o couro. Inicialmente, a produção se restringia às solas de sapato, e o couro bovino utilizado era tingido com a casca de angico, uma planta típica do bioma caatinga, presente na região sisaleira. Segundo Ferreira e Menieur (2015), “o uso de tanantes vegetais na região Nordeste do Brasil é uma prática tradicional, adotada para preparação do couro usado na confecção da indumentária típica dos vaqueiros” (p. 1). As primeiras curtidoras já dominavam essa técnica e a aplicavam para conseguir confeccionar os produtos e ajudar na renda da família.

A história mais recente do curtume encontra-se contada nas atas de reuniões a partir de ano de 1998, arquivadas na sede da Associação Comunitária local. A atividade iniciada por mulheres tornou-se promissora e permitiu o sustento de diversas famílias no povoado de Pedra Grande. Para melhor organização da produção e venda do couro curtido para fabricação

de artesanato, foi fundada em três de março de 1998, a Associação dos Moradores e Produtores de Sola de Pedra Grande, elegendo seus representantes e constituindo na mesma data, o conselho fiscal do curtume.

Com o passar dos anos, as técnicas de curtimento foram se aperfeiçoando, aumentando a produção e comercialização de seu produto. A partir do couro, os moradores desenvolveram a técnica de criação de produtos confeccionados com este material. Além da sola, bainha de facão, sela e materiais para vaqueiros, homens e mulheres começaram a criar outros objetos com essa matéria-prima: bolsas, carteiras, cintos, mochilas. Moradores do distrito denominado Tracupá e comunidades circunvizinhas começaram a se organizar para garantir a renda de suas famílias e montaram a Cooperativa dos Produtores de Artefato de Couro da Comunidade do Tracupá (COOPACT) em 2011, voltada para a confecção e venda desses produtos. Mulheres e homens trabalhavam constantemente para aprimorar seu artesanato produzido a partir do couro proveniente do curtume local. O comércio cresceu e expandiu-se para fora do estado, surgindo a necessidade de importar couro de curtumes fora do território, a fim de garantir a demanda atingida (TUCANO, 2021).

Mesmo obtendo destaque na região, a produção do couro para fabricação de artefatos passou por um período conturbado. Em sete de janeiro de 2016, a Prefeitura Municipal de Tucano recebeu um documento do Ministério Público informando a instauração do Inquérito Civil contra o gestor do Município, bem como contra os Associados dos Curtumes localizados nos distritos de Varginha e Pedra Grande, para a devida apuração sobre a poluição no Rio Itapicuru, motivado pelo despejo de esgoto não tratado e pelo processo de curtimento do couro no leito do rio, exigindo medidas de cessão ao dano e promoção de recuperação da área degradada.

De acordo com o documento do Ministério Público da Bahia, disponível no Sistema Integrado de Dados, Estatística e Atuação (2016), “[...] as peles dos animais mortos (bois, ovelhas, bodes) é um produto em decomposição, por natureza, fétido e que para transforma-se em couro propício à confecção de cintos, sandálias, passa por um processo químico de extremo risco para os trabalhadores (curtidores do couro) e a natureza” (p.8). No curtume é onde acontecem todas as etapas do processamento do couro até a sua fase de acabamento. De acordo com Pena (2017) “O acabamento do couro consiste de etapas de: acabamento molhado (desacidulação, recurtimento, tingimento e engraxe), secagem, pré-acabamento e acabamento” (p. 2). Durante essas etapas, são lançados materiais que promovem o processo de eutrofização nos rios, e no caso da cidade de Tucano-BA, o rio Itapicuru-mirim estava sendo diretamente atingido. Diante da situação, tornou-se alta a probabilidade de fechamento

do curtume, colocando em risco o sustento de todas as famílias que dependem, direta ou indiretamente, do curtimento e da produção artesanal criada a partir do couro.

Caso não fossem acatados os pedidos elencados no documento do IDEA às comunidades de Pedra Grande, Varginha e região, a ação civil pública seria instaurada e liquidaria a sentença, deixando dezenas de famílias sem sua renda mensal. Diante da situação, foram realizadas diversas audiências públicas a fim de propor soluções para os problemas reportados, e os curtidores foram em busca de alianças para ganhar força e se adequar às questões ambientais requisitadas pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA).

Até então, as associações dos povoados que dependiam da atividade com o couro formavam grupos independentes. No dia 20 de julho de 2017, produziram um documento único direcionado ao Ministério Público do Estado da Bahia, reconhecendo a não observância das atividades do curtume aos artigos disposto nas leis ambientais. Contudo, buscariam dentro das suas realidades e com o auxílio do poder público, adotar ações mitigadoras para proteger os limites da Área de Proteção Permanente do Rio Itapicuru-Mirim, obtendo assim a regularização ambiental de suas atividades.

Como forma de fortalecer a associação dos curtidores, houve uma junção de comunidades e representantes para contribuir na busca de soluções e dar continuidade ao trabalho. Pensando nisso, no dia 14 de setembro de 2018, foi realizada nova eleição da diretoria executiva e Conselho Fiscal da associação, englobando, além da Pedra grande, mais dois povoados da cidade: Varginha e Araticunzeiro (abrangendo as comunidades denominadas Caimpé e Gameleira). A partir dessa data, a nova diretoria, formada por homens e mulheres das comunidades, assumia o compromisso, junto aos demais membros, de colocar em prática um novo modelo de curtume, associando a cultura do couro às práticas socioambientais que permitissem a viabilidade do funcionamento local.

Para isso, foi desenvolvido em outubro de 2018 o Plano de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD)<sup>8</sup> pelo responsável técnico contratado pelos associados e associadas das comunidades de Araticunzeiro, Pedra Grande e Varginha. Elaborou-se um estudo técnico, com propostas de mitigação dos danos ambientais provenientes da atividade curtumeira. A partir desta análise, a associação comprou um terreno afastado do rio e adequou o projeto da nova construção aos parâmetros solicitados pelo INEMA e por todas as resoluções do

---

<sup>8</sup> Plano de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD) é um documento produzido em outubro de 2018 por um engenheiro civil e fornecido pela associação, contendo informações específicas sobre as novas instalações do curtume.

Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA). Diante das novas instalações explanadas no referido projeto, o Departamento de Meio Ambiente de Tucano-Ba, no dia 23 de agosto de 2008, concedeu a licença ambiental de implantação e localização para a Associação, com validade de dois anos a partir da data de expedição do documento.

A construção foi iniciada logo após a concessão, respeitando os condicionantes estabelecidos na licença. Todo investimento para as adequações das instalações foi e continua sendo até o presente ano, mantido pela própria associação, e esse alto custo levou a um declínio da cultura, pois muitos associados e principalmente as associadas acabaram se desligando por não terem condições financeiras para esse custeio. Durante a luta para manter a atividade ativa, muitas foram as promessas de apoio financeiro, inclusive sendo evidenciada esta necessidade pela associação através de documentos, mas nada foi investido por parte do poder público para a nova instalação.

As comunidades dependentes da atividade do curtume e confecção de material com o couro proveniente do local sofrem impacto direto com o declínio da produção. Hoje, são 89 famílias registradas na associação que dependem diretamente do funcionamento do curtume e estão na luta para manter a sua cultura e meio de subsistência, mas esse número já foi muito maior, chegando a ter mais de 300 famílias sobrevivendo a partir da atividade com o couro. Estas foram obrigadas a deixar o ofício por não haver um olhar sensível do poder público perante aos problemas ambientais, sociais e educativos enfrentados.

São mulheres e homens que, na medida do possível, conseguiam conciliar o trabalho com o estudo na zona urbana do município, mesmo com todas as dificuldades encontradas, em busca de um diploma de conclusão da educação básica, como forma de aprimorar seus conhecimentos. São pessoas que desejam ver a sua cultura preservada e sobreviver a partir dela, permitindo a prosperidade e permanência das comunidades, espaços importantes de transformação social.

## CAPÍTULO 03

### **ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS DA REGIÃO SISALEIRA: PERSPECTIVAS NA IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININO**

O Território do Sisal possui um histórico de lutas decorrente dos problemas vividos e enfrentados diante das secas, pobreza e marginalização. Uma das formas encontradas para diminuir e buscar alternativas de enfrentamento das dificuldades é através das associações comunitárias nas suas diversas configurações, estabelecendo entre os sujeitos envolvidos um vínculo de solidariedade que ultrapassa as fronteiras na luta por uma melhor vivência para a coletividade, contribuindo assim, para um possível fortalecimento dos grupos sociais envolvidos nesse processo.

As mulheres dentro desses espaços resistem através do desenvolvimento de atividades que promovem melhorias das suas condições de vida. Apesar de estarem majoritariamente em ambientes rurais, encontram-se enraizadas nas associações as determinações sociais que designam as funções do homem e da mulher. Este capítulo aborda sobre a participação social e política das mulheres no contexto das associações comunitárias da região sisaleira, promovendo um diálogo com o campo empírico, trazendo a história de vida das mulheres associadas a um curtume da referida região e suas perspectivas sobre os aspectos socioambientais, educativos e culturais.

Para a sua construção, foram aplicadas entrevistas narrativas (Apêndice A) às mulheres colaboradoras utilizando-se a técnica história de vida. Segundo os autores Eugênio e Trindade (2017), as entrevistas narrativas “possibilitam identificar e refletir sobre aspectos característicos a partir dos quais produzem histórias cruzadas entre o individual e o contexto social coletivo” (p. 122). Sendo assim, a narrativa é fundamental para a construção da noção de coletivo.

Durante as entrevistas, foram vivenciados momentos de emoção, entrelaçados nas memórias dessas mulheres e resgatados através de seus relatos, trazendo à tona as vivências, atuações e sentimentos das colaboradoras, presentes em seus espaços de trabalho e nos seus respectivos lares. Deixar essas mulheres à vontade para falar é condição indispensável para as vivências pessoais despontarem de dentro das pessoas, como na visão de Cipriani (1988) quando considera o “livre fluir do discurso” importante na história de vida.

O capítulo está dividido em: a) História de vida das mulheres associadas a um curtume da região sisaleira; b) A associação comunitária e o trabalho com o couro na

perspectiva do gênero feminino; e c) Transmissão intergeracional da cultura e preservação ambiental: diálogos com o campo empírico. Seguem, logo abaixo, as reflexões promovidas a partir dos Discursos do Sujeito Coletivo.

### 3.1 HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES ASSOCIADAS A UM CURTUME DA REGIÃO SISALEIRA

O Discurso do Sujeito Coletivo 1 apresenta aspectos da história de vida das colaboradoras, trazendo questões familiares, relações com o estudo e sobre as dificuldades vividas na fase da adolescência, pontos de destaque trazidos nas falas dessas mulheres que superaram e continuam a superar desafios diariamente para sobreviver, mas que não desistem de seus sonhos, como podemos observar no discurso do Quadro 09. As ancoragens foram: trabalho precoce, contribuir com o sustento da família, dificuldades em conciliar trabalho e estudo e realizações pessoais.

**Quadro 09:** Discurso do Sujeito Coletivo 1

<b>Ideia Central (A): História de vida das mulheres associadas a um curtume sisaleiro (A)</b>
<b>Pergunta 1: Fale um pouco sobre sua história de vida: pessoal, familiar, religião, estudo</b>
<p>“<u>Trabalho com couro desde cedo</u>, sou de família de classe baixa e desde pequena tive que trabalhar para <u>ajudar a minha família</u> e meu marido a <u>sustentar a casa</u>. Quando a gente é jovem não entendemos direito o porquê de ter que trabalhar pra em si, ajudar em casa ou até mesmo comprar nossas próprias coisas. Ajudo minha família como posso, meus pais sonham em me ver formada. Minha família é de classe média, mas eu sempre tive a vontade de trabalhar pra conquistar minhas coisas, <u>estudei com muito esforço</u>. Com isso ficou um pouco puxado para poder dividir as tarefas, pelo fato de trabalhar pela manhã e estudar durante a tarde e sobra apenas a noite para realizar as atividades escolares, ou até mesmo trabalhar pra entregar os pedidos de material no prazo solicitado, e se sobrar tempo ver amigos ou familiares. Eu só via amigos quando dava tempo porque <u>trabalhar e estudar não é fácil</u>. Hoje sou outra pessoa, tenho minhas metas, meus pensamentos, meu modo de pensar, e me orgulho de tudo que já passei até aqui. Eu estudei, queria seguir os estudos, mas <u>a vida é difícil</u>. Eu ainda tenho esse sonho, quem sabe um dia, quando as coisas melhorar.”</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

Para compreender as narrativas das mulheres presentes no Quadro 09, faz-se necessário conhecer o conceito de gênero e a organização social da relação entre os sexos. Conforme versa Scott (1989), o termo gênero vem sendo utilizado para dar ênfase ao caráter social das diferenças baseadas no sexo, indicando uma rejeição do determinismo biológico presente no uso de termos diferença sexual. Ainda de acordo com a autora, compreender as relações sociais historicamente construídas que se estabelecem entre os gêneros permite fazer uma releitura social da situação das mulheres na contemporaneidade.

De acordo com Campbell (2008), nos caminhos seguidos pelas mulheres, existem várias jornadas dentro da jornada e a cada ciclo que elas passam, essas jornadas se

enriquecem. O homem já parte nessa jornada como “herói”, mas para a mulher, existe o fardo natural da maternidade, aumentando a distância para a sua jornada heroica. Mas a mulher seguir o caminho da maternidade não significa que toda a criação e o cuidado da criança sejam somente papel dela. Entretanto, apoderando-se da questão biológica, muitos papéis acabaram sendo designados socialmente para a mulher, sendo elas mães ou não. As mulheres contemporâneas precisam enfrentar questões como conciliar carreira e maternidade, ou são confrontadas por ter que escolher entre uma ou outra, o mito da inferioridade feminina.

A identidade de gênero não é determinada a partir do nascimento do indivíduo, é algo construído no cerne das relações sociais, de forma processual. As representações de gênero na sociedade acontecem das mais variadas formas, cercadas de modelos, símbolos e conceitos que são apresentados aos sujeitos desde a infância e influenciam na construção da sua identidade (MOREIRA, 2017).

Nesse período inicial de formação do sujeito é que o gênero aparece como uma forma primária de dar significado às relações de poder, como traz Scott (1990) em seus estudos, quando diz que a sua definição tem duas partes que estão inter-relacionadas. A referida autora afirma que o “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, e também é “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1989, p.86). Diante das afirmativas, pode-se perceber a inserção de um modelo de identidade incorporado a partir de comportamentos reproduzidos ao longo da história que determina os papéis sociais do homem e da mulher.

Falar sobre gênero requer, de forma concomitante, trabalhar o conceito de poder como um papel indissociável na compreensão das relações sociais e na sua capacidade de defini-las e norteá-las. De acordo com Foucault (1995), o poder atrai e se difunde por todo o seio da sociedade e tornou-se parte intrínseca das relações. O que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, transita por entre as pessoas, induz as ações dos indivíduos, produz discurso. Dessa forma, não deve ser visto como algo negativo, e sim, uma teia produtiva que constitui as relações sociais. Quando o poder é colocado em prática, promove uma ação que gera reações dos sujeitos livres, seja através de resistências e/ou questionamento às instâncias que estão fazendo uso dessa força.

A história das mulheres da região sisaleira revela uma trajetória de luta invisibilizada como sujeito ativo em um processo de transformação social que busca se libertar de uma história marcada pela inferiorização e submissão feminina. No Território do Sisal, a luta para superar a pobreza e as desigualdades sociais e de gênero se deram principalmente no final da

década de 1980, por meio de ações de mobilização social para implantação de políticas públicas que pudessem melhorar as condições de vida das mulheres da região do sisal (OLIVEIRA, 2012).

Mesmo assim, constata-se que muitas situações de discriminação e desigualdade continuam a persistir no território. As mulheres enfrentam, desde a tenra idade, as duplas ou triplas jornadas para contribuir de alguma forma com o sustento da família, além de terem que se dividir entre trabalho e estudo, como se pode perceber no discurso das mulheres colaboradoras.

Estudei no CELEM, e conseguia separar tempo pra ambos, mesmo sendo difícil e super cansativo. Com isso ficou um pouco puxado para poder dividir as tarefas, pelo fato de trabalhar pela manhã e estudar durante a tarde e sobra apenas a noite para realizar as atividades escolares, ou até mesmo trabalhar pra entregar os pedidos de material no prazo solicitado, e se sobrar tempo ver amigos ou familiares (DSC 1).

De acordo com Carrara (2009), muitas meninas, principalmente de famílias com condições de vida mais precárias, assumem muito cedo os afazeres domésticos e os cuidados com os irmãos menores, prejudicando, dentre outros aspectos, a sua formação escolar. Dessa forma, fica evidente a situação da opressão que a mulher vivencia nos dias atuais, sendo uma realidade cíclica, enraizada na sociedade patriarcal, tendo como consequência a precariedade de acesso da mulher à educação, por dar prioridade à família, a ser mãe (cuidar dos filhos) e ser encarregada de outros ofícios designados pelos fatores sociais e históricos.

Trabalho com couro desde cedo, sou de família de classe baixa e desde pequena tive que trabalhar para ajudar a minha família e meu marido a sustentar a casa. Quando a gente é jovem não entendemos direito o porquê de ter que trabalhar pra em si, ajudar em casa ou até mesmo comprar nossas próprias coisas (DSC 1).

O discurso acima confirma que a realidade das mulheres do curtume é a mesma descrita nos estudos de Carrara (2009), e o ciclo continua persistindo nos dias atuais. Elas ajudam no sustento familiar desde cedo, e muitas vezes acabam deixando seus sonhos e conquistas para segundo plano em detrimento do bem-estar da família. “Eu estudei, queria seguir os estudos, mas a vida é difícil. Eu ainda tenho esse sonho, quem sabe um dia, quando as coisas melhorar” (DSC 1).

Elas reconhecem, através do discurso, a importância da educação para ter acesso a mais oportunidades e aprendizado, porque é através das práticas educativas que elas adquirem conhecimento sobre os temas que envolvem o cotidiano, passam a compreender os seus direitos e adquirem visões diferentes sobre sua realidade. Mas, por assumirem muitas

responsabilidades, elas acabam desistindo dos estudos ou terminam de forma precária, não conseguindo adquirir as habilidades e competências necessárias ao final do processo.

Essas mulheres são importantes colaboradoras das comunidades onde vivem, principalmente no que diz respeito à vida familiar, pois se dedicam à casa e à família, da mesma forma que ajudam nas atividades produtivas para garantir sua subsistência, construindo formas de participação no âmbito familiar e comunitário, como afirma Rodrigues (2009).

A mulher do semiárido é forte, assim como o couro, e com essa força elas “resgataram o direito de sonhar e alimentam esse sonho com a solidariedade, com os seus saberes e com os seus fazeres. É assim que a mulher, enquanto sujeito histórico tem dado e continuará dando sua contribuição para a construção de um mundo melhor para todos e todas” (FIRMO, 2010, p. 29).

São elas que cuidam da família, trabalham com o couro para ajudar no sustento, mesmo ganhando pouco e buscam a união dentro das comunidades para conseguirem sobreviver, enfrentando discriminações, fruto de uma construção social e histórica baseada na reprodução de ideias do patriarcado, persistentes até os dias atuais, como trata o Discurso do Sujeito Coletivo 2, na seção seguinte.

### 3.2 A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA E O TRABALHO COM O COURO NA PERSPECTIVA DO GÊNERO FEMININO

O Discurso do Sujeito Coletivo 2 trata sobre as relações de gênero no trabalho com o couro dentro da comunidade e discute sobre a importância da formação de uma associação a partir do curtume que se deu pela união dos moradores da região. As ancoragens foram: baixa remuneração, invisibilidade da mulher, habilidades para o trabalho com o couro, importância do trabalho em equipe. Dessa forma, ressalta-se sobre a importância de pesquisar sobre as associações da região sisaleira, os papéis sociais e a divisão sexual do trabalho presentes nesses espaços na perspectiva do gênero feminino, fazendo uma interlocução com as narrativas das colaboradoras, expostas do Quadro 10, abaixo:

**Quadro 10:** Discurso do Sujeito Coletivo 2

<b>Pergunta 2: Comente sobre seu trabalho enquanto mulher, com o couro e como se dá as suas relações com a comunidade e a associação.</b>
<b>Ideia Central (B): A associação comunitária e o trabalho com o couro na perspectiva do gênero feminino</b>
<p>O couro, assim como qualquer outro trabalho temos que <u>desenvolver habilidade, esforço</u> agilidade, coletividade e querer. Eu fico trabalhando em cerca de 12 horas por dia, pra <u>ganhar bem menos que o merecido. Ser mulher não é fácil</u>, mas a gente consegue se virar pra conseguir um futuro. No curtume, o trabalho é mais pra os homens, porque as <u>mulheres não têm a mesma resistência que eles têm</u>, porque é muito cansativo. Com essa pandemia cada vez mais tá caindo e o curtume dá lucro, porém pra manter uma família grande não tem condição de dar um conforto todo, o que ganha é pra fazer suas obrigações dentro de casa. Mas a renda não é produtiva, <u>A mulher não é valorizada</u> não só no couro como também em outros aspectos, porque hoje quando se fala em uma mulher pra fazer isso ou aquilo, a sociedade logo pensa: ela não vai conseguir, não vai ter a mesma capacidade que um homem tem pra fazer, então no meu ponto de vista, nós mulheres como um pouco excluídas das coisas que tem. Na área do curtume é mais homem, mas o pai de família às vezes leva sua mulher pra ajudar quando a demanda de trabalho é muito forte. Ajuda o marido a pegar o couro, entrar nos cochos. mesmo <u>ganhando pouco. Temos</u> boa relação com a comunidade, somos em uma boa quantidade coletiva, ajudamos um aos outros, A associação é favorável quando se junta porque é um <u>trabalho em equipe</u> pra poder realizar algo, não é um por um, como a estrutura do curtume que todos tiveram que se unir e contribuir, não só um, quem puder ajudar. “o importante é o esforço, a dedicação e <u>união</u>. Trabalhar com couro é muito especial e delicado, pois temos que ter cuidado com tudo para não danificar o couro, A associação é boa porque todo mundo se ajuda e é bem tranquilo aqui. <u>A união ajuda o grupo. A associação ajuda muito</u>, um ajuda o outro, se une pra trabalhar, a comunidade depende disso.</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

As associações comunitárias são espaços de mobilização das pessoas em prol de um bem comum a um grupo ou comunidade, na luta por políticas públicas que tragam benefícios e busquem sanar problemas locais. De acordo com E. M. C. Santos (2010),

[...] a associação é vista como uma forma de se alcançar objetivos coletivamente, uma vez que, individualmente, consegui-los seria mais difícil. Nessa perspectiva, o associativismo figura como uma possibilidade de resolução de problemas ou de melhoria das condições de vida [...] (E. M. C. SANTOS, 2010, p. 35).

Observa-se nas palavras da autora, a importância das associações no contexto local, como uma ferramenta de luta por direitos coletivos e solução de problemas imediatos da população local. A união dentro das comunidades é uma forma de buscar apoio, de continuar sobrevivendo em meio às adversidades.

O Território do Sisal é um destaque a nível estadual, no número de organizações que tendem a buscar melhores condições de vida para a população local e incentivar a atuação de outras entidades. A quantidade de associações da Bahia corresponde a aproximadamente 30% do total de associações do Nordeste. Já o Território do Sisal possui 35,5% do total de associações do estado da Bahia (CERQUEIRA, 2015). A cidade de Tucano-BA, situada no

referido território, com suas mais de 20 associações comunitárias registradas, revela a multiplicidade dessa configuração de coletividade e organização, no sentido de contribuir para superar dificuldades e gerar benefícios para os seus associados (IBGE, 2010).

A abertura desses espaços para a participação social e política das mulheres no Território, ainda de forma tímida, com o intuito de superar a pobreza, se deu no final da década de 1980, com o apoio da Igreja Católica, através das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Estes movimentos incluíram nas suas pautas, as demandas de interesse das mulheres, mobilizaram as comunidades da região sisaleira priorizando o interesse coletivo e o reconhecimento de direitos das mulheres, permitindo que muitas delas começassem a migrar do ambiente doméstico para espaços sociopolíticos coletivos (MOREIRA, 2017).

Como forma de contribuir no processo de visibilidade e participação das mulheres nas associações e decisões coletivas, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio da Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais, realizou parcerias que possibilitou a articulação de demandas para o atendimento às mulheres por meio da política de assistência técnica e extensão rural. Estas ações foram importantes por incorporarem a problemática de gênero nas agendas e políticas públicas e incentivar a mobilização das mulheres nos seus espaços (BUTTO et al., 2014).

As mulheres rurais da Bahia, especialmente as do território do sisal, apresentam registros da organização de suas lutas também no início da década de 80 com os clubes de mães, surgindo na mesma década os primeiros Movimentos de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), nas cidades de Araci e Retirolândia, onde já nesse período eram discutidos seus problemas, desde os mais específicos como discriminação e dupla jornada até os mais gerais, como espaço, trabalho, moradia, educação, saneamento, segurança, entre outros. Esse momento tem como marco as mobilizações para entrega das emendas populares aos constituintes - discussão, levantamento e elaboração de propostas, assinaturas de abaixo-assinado (MOREIRA, 2017).

A associação formada a partir de um curtume sisaleiro surge a partir de dificuldades e união de sua comunidade, com o intuito de promover melhorias para os seus moradores. Sua fundação foi registrada em ata no dia três de março de 1998, na cidade de Tucano-BA, nomeada como Associação dos Moradores e Produtores de Sola de Pedra Grande, tendo homens e mulheres como componentes da diretoria e associados.

De acordo com E. M. C. Santos (2010), o associativismo da região sisaleira revela uma forma de contribuição para o desenvolvimento local e regional do Território do Sisal, espaço marcado pela resistência de seu povo frente às desigualdades sociais e históricas

existentes ali. Antes predominantemente masculino, observou-se nos últimos anos, a participação mais ativa de mulheres nas associações, ocupando cargos e atuando diretamente em algumas funções, como trata Moreira (2017).

Mas, como explica a referida autora, o fato de as mulheres assumirem cargos e funções nas associações, não significa ausência do preconceito, mas representa a conquista de espaços onde a mulher pode trabalhar em prol do coletivo que inclua os direitos e demandas das mesmas, tendo maior representatividade. Ainda de acordo com Moreira (2017), a atuação das mulheres nos espaços de associação foi fundamental para a região sisaleira, a partir de ações e representações que possibilitam o desenvolvimento local e a atenção às demandas do gênero por meio da participação social, e essa importância é exaltada pelas mulheres do curtume: “A associação é boa porque todo mundo se ajuda e é bem tranquilo aqui. A união ajuda o grupo. A associação ajuda muito, um ajuda o outro, se une pra trabalhar, a comunidade depende disso” (DSC 2).

Participar de forma mais atuante nesses espaços possibilita às mulheres se perceberem pessoas que têm direitos e poder de reivindicação, muitos deles negados, historicamente. É possível, assim, que tenham maior visibilidade, representatividade e o poder de decisão nos vários setores da comunidade, ainda predominantemente masculinos.

O engajamento das mulheres rurais nos movimentos, associações, sindicatos e grupos de produção propicia uma transição na vida dessas mulheres, a saída do espaço privado para o espaço público, significa representação e representatividade, colocando-as frente a novas relações com a comunidade e seu entorno (MOREIRA, 2017, p. 104).

Existe a necessidade de um maior engajamento das mulheres nas entidades e a abertura desses espaços para elas, através de políticas públicas e programas de incentivo à inserção feminina, para que dessa forma, elas tenham participação ativa e posição de reconhecimento frente aos debates nas comunidades.

O espaço rural, assim como o urbano, ainda é um local de domínio masculino, sendo necessário promover rupturas históricas de invisibilidade do gênero feminino. Ao analisar o Discurso do Sujeito Coletivo 2, percebe-se que a atuação das mulheres na associação comunitária sisaleira e no trabalho com o couro ainda segue as regras do patriarcado e a subalternidade feminina. Matos (2008) diz que o patriarcado é um sistema que ordena as relações sociais, políticas, econômicas, e até mesmo simbólicas, tendo como base o homem como detentor do poder e o controle dos valores e sentidos. As pesquisas existentes não referenciam quando surgiu esse sistema e como ocorreu o processo de chegada e permanência

do homem em uma posição de poder e controle de diversos aspectos da vida social, presente até os dias atuais.

A desigualdade de gênero, como outras formas de diferenciação social, trata-se de um fenômeno estrutural com raízes complexas e instituído social e culturalmente de tal forma, que se processa cotidianamente de maneira quase imperceptível e com isso é disseminada deliberadamente, ou não, por certas instituições sociais como escola, família, sistema de saúde, igreja. (CABRAL e DIAZ, 1998, p. 03).

O gênero feminino ainda é associado ao trabalho doméstico e é perceptível, a partir do DSC 2, que as mulheres continuam a desempenhar a maior parte desse trabalho, em particular as tarefas tidas como tipicamente femininas. Os homens continuam a serem socialmente autorizados a não desenvolverem tarefas legitimadas como pertencentes ao gênero feminino.

A mulher não é valorizada não só no couro como também em outros aspectos, porque hoje quando se fala em uma mulher pra fazer isso ou aquilo, a sociedade logo pensa: ela não vai conseguir, não vai ter a mesma capacidade que um homem tem pra fazer, então no meu ponto de vista, nós mulheres somos um pouco excluídas das coisas que tem (DSC 2).

Essa situação de reprodução da dominação masculina percebido nas narrativas das colaboradoras, coloca as mulheres numa posição desfavorável do ponto de vista de seu reconhecimento social como trabalhadora ativa dentro das atividades do curtume, além de contribuir para a divisão injusta de tarefas, seja no trabalho ou dentro de casa. Há uma opressão simbólica, muitas vezes não perceptível, tida como natural e legitimada, fazendo com que haja uma aceitação coletiva, resultando no processo de superioridade masculina (BOURDIEU, 1989). Na visão do referido autor, o poder simbólico é “o poder invisível, o qual pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 8). Este poder foi naturalizado e está impregnado nas relações e na cultura de tal forma que define as concepções de mundo presentes nas comunidades. “No curtume, o trabalho é mais pra os homens, porque as mulheres não têm a mesma resistência que eles têm [...]” (DSC 2).

As características biológicas serviram de embasamento para autorizar a sociedade a estabelecer as diferenças sociais entre homens e mulheres. A partir de Beauvoir (2009) surgiram questionamentos e reflexões acerca do determinismo biológico que, ao longo da história, provocou e continua provocando a desigualdade entre os gêneros. Dentre as transformações ocorridas a partir desse movimento, o mundo do trabalho se abriu para as mulheres, permitindo a ocupação das mesmas em espaços antes não acessados (SAFFIOTI, 2004). A educação, mesmo que de forma lenta, é umas das contribuições possíveis para o

combate a essas práticas machistas e sexistas. Mesmo assim, ainda são identificadas práticas de desvalorização e exposição a condições de discriminação.

O determinismo biológico permanece, contrariando pesquisas nas quais os autores afirmam que esta divisão construída não é interligada às questões fisiológicas dos sujeitos. No entanto, esse pensamento já está tão impregnado na sociedade que, mesmo as mulheres tendo adquirido a conscientização sobre essa dominação, não é suficiente para frear com a “violência simbólica” a qual são submetidas, como cita Bourdieu (1989). Verificam-se profundas desigualdades, por exemplo, nos salários diferenciados e nas condições impostas ao trabalho das mulheres, nos diferentes espaços ocupacionais, e essas diferenças são percebidas e vivenciadas por essas mulheres que sobrevivem do couro. No espaço do curtume, ainda prevalecem as decisões masculinas sobre as questões econômicas e políticas. “Eu fico trabalhando em cerca de 12 horas por dia, pra ganhar bem menos que o merecido. Ser mulher não é fácil, mas a gente consegue se virar pra conseguir um futuro” (DSC 2).

Por trás do termo “se virar” existe uma rotina cansativa de trabalho, muitas vezes não reconhecido, remunerado e nem legitimado como trabalho. Saffioti (2004) afirma que mesmo a mulher conseguindo seu espaço, ainda é de sua inteira responsabilidade a tarefa doméstica, assumindo então jornada intensa de trabalho.

Apesar dessa relevante inserção feminina no mercado de trabalho, a mulher não teve diminuído o seu papel de cuidadora dos filhos, esposa e responsável pela administração da casa, pois o gênero masculino, na maioria das vezes não assume essas tarefas tidas como culturalmente femininas. Quando há um aumento da demanda do trabalho dos maridos, a família é acionada para trabalhar junto com eles, incluindo as esposas. Ainda que a mulher exceda os limites da sua casa, passando a vender sua força de trabalho para outros, seu trabalho é visto como uma ajuda ao marido e um complemento à renda familiar. “Na área do curtume é mais homem, mas o pai de família às vezes leva sua mulher pra ajudar quando a demanda de trabalho é muito forte. Ajuda o marido a pegar o couro, entrar nos cochos. mesmo ganhando pouco” (DSC2).

Uma vez inserida no mercado de trabalho, a mulher apresenta uma média salarial inferior à masculina, apesar de ter um nível médio de instrução maior (ANTUNES, 2009). Não há dúvidas sobre a importância da remuneração do trabalho feminino para seu reconhecimento, mas o valor econômico por si só não basta e não altera as relações de gênero.

A autora Federici (2019) afirma que “o trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado” (p.42-43). Entre outras palavras, além de atribuir às mulheres a responsabilidade

sobre a reprodução, a divisão sexual do trabalho rotula o trabalho reprodutivo como um não trabalho, não lhe atribuindo valor, não tendo direitos e garantias e o marginalizando como objeto de estudo da economia (CISNE, 2012). O trabalho reprodutivo ao qual esta autora se refere é o conjunto de responsabilidades como tarefas domésticas, criação dos filhos, reprodução biológica, entre outras funções similares.

As mulheres vinculadas às associações e cooperativas fazem parte desse grupo excluído, mesmo que promovam atividades que geram renda para sua comunidade. Enfrentar a exclusão do mundo capitalista não é tarefa fácil, principalmente para mulheres que participam de cooperativas e associações comunitárias (MESQUITA, 2013). Elas vivem de forma coletiva, participando dos processos de geração de renda e preservação da cultura da sua comunidade, papéis importantes para a sobrevivência de todos e todas que fazem parte daquele ambiente.

A opressão sofrida pela mulher é anterior à sociedade capitalista e muito provavelmente não desaparecerá em outras formas de sociabilidade de forma rápida, no entanto um “modelo de sociedade que oportunize a liberdade, a autodeterminação e emancipação humana dos indivíduos poderá possibilitar uma mudança significativa para a questão da desigualdade de gênero presente na sociedade hoje” (ANTUNES, 2009, p. 110). Mesmo diante desta situação, as mulheres continuam empenhadas a ressignificar seu papel social e suas vidas, buscando conquistar espaços maiores na sociedade, mesmo que isso aconteça de forma lenta e gradativa.

Por isso, ressalta-se a importância de falar sobre desigualdade de gênero e de escutar as mulheres sisaleiras como um ato de resistência que se faz necessário, como um exercício diário da luta de uma opressão latente que ainda permeia nos dias atuais. Com um cenário social adverso, relatar experiências femininas é sinalizar sobre os diversos campos de atuação da mulher, é abrir espaços para sua participação social ativa em setores onde há predominância masculina, é refletir sobre as condições de vida, de trabalho, de seu papel social e, nesse sentido, trazer as vozes das mulheres sisaleiras.

### 3.3 TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA CULTURA E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: DIÁLOGOS COM O CAMPO EMPÍRICO

O Discurso do Sujeito Coletivo 3 (Quadro 11) traz, respectivamente, sobre a questão da transmissão Intergeracional da cultura (C) e sobre a importância da preservação da natureza para a melhoria da qualidade de vida da comunidade (D). As ancoragens foram:

Transmissão da cultura para os descendentes (C), Despoluição do rio após a saída do curtume (D) e Melhoria na qualidade de vida da comunidade (D).

**Quadro 11:** Discurso do Sujeito Coletivo 3

<b>Pergunta 3:</b> Fale um pouco da sua compreensão sobre o que é cultura. Qual a importância da preservação ambiental para a comunidade?
<b>Ideia Central (C):</b> Transmissão intergeracional da cultura (C)
A cultura é algo importante que é pra todos e que vai passando pros filhos, mas é o que a gente vive aqui, as coisas que a gente faz, <u>o que vai aprendendo e passando</u> , como o trabalho com o couro, a partir dele a gente se mantém, é muito significativo, a gente pode sobreviver. O dinheiro que sustenta vem do couro e já tá <u>passando de geração pra geração</u> , pra ajudar os filhos dos nossos filhos e assim por diante. Mas <u>eu acredito que cultura é o que o povo aqui faz o trabalho</u> , as festas que acontece todo ano. Tudo aquilo que nossos pais passa que já é costume na comunidade. Nossos avós ensina como a gente deve fazer o trabalho com o couro, tudo isso. E a gente <u>vai passando esse costume, as artes e vai sobrevivendo</u> , é o que sustenta as família.”
<b>Ideia Central (D):</b> Importância da natureza para o bem-estar da comunidade. (D)
<u>O rio que passa aqui tá tão mais limpo</u> , antes a gente não via nada, só o fedor, depois que limpou que a gente vê como é bom cuidar da natureza. <u>A natureza é muito importante</u> porque a gente depende dela e Realmente terem pedido para o curtume sair do rio foi uma boa, porque o rio tava acabado, a gente via quando a gente passava, não tinha mais aquele bom ar para respirar da natureza, sabe?! Era só aquele ar poluído, era muito couro espalhado pela margem do rio, não era uma coisa boa de se ver, tava ficando sem vida com o curtume lá. Eu nunca pensei que fosse tão bom limpar o rio, a gente depende da natureza e não cuida dela direito. <u>O rio que ajuda tanto a gente</u> e a gente sujava tanto. O rio voltou e ter mais peixe, o fedor diminui, pense que tá bom?! Mas a gente deve manter, né, porque <u>a qualidade de vida é outra</u> .

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

A cultura é coletiva, ou seja, devem ser levadas em conta as questões do grupo no qual está inserida e respeitar as características dos indivíduos que o compõem dentro de seus contextos e histórias. Assim, possibilita a interpretação do ser humano sobre suas histórias e memórias relacionadas à sua família e à sociedade na qual se insere, destacando seus símbolos (GEERTZ, 1989).

A conservação das culturas tornou-se um desafio para comunidades que têm limitações a enfrentar ao longo do tempo. É através da passagem de geração a geração que são reconhecidas as tradições das famílias e comunidades, ancoradas em hábitos e atitudes do cotidiano, “garantindo a sobrevivência do grupo em meio às transformações sociais e econômicas da sociedade” (LISBOA; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2007, p. 52). O conceito de transmissão intergeracional compreende a travessia de legados, rituais e tradições de uma geração à seguinte, podendo ocorrer de forma consciente ou inconsciente. São vínculos ligados aos costumes, religião e questões históricas como forma de sustentação da cultura de um grupo (LISBOA; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2007).

A cultura é algo importante que é pra todos e que vai passando pros filhos, mas é o que a gente vive aqui, as coisas que a gente faz, o que vai aprendendo e passando, como o trabalho com o couro, a partir dele a gente se mantém, é muito significativo, a gente pode sobreviver (DSC 03).

Ao entrelaçar as gerações, histórias são compartilhadas e perpetuadas, criando as identidades. As experiências adquiridas servem como exemplo e o entendimento do futuro vai sendo construído e compartilhado entre os membros, percepções estas inseridas no discurso das colaboradoras. “Tudo aquilo que nossos pais passa que já é costume na comunidade. Nossos avós ensina como a gente deve fazer o trabalho com o couro, tudo isso. E a gente vai passando esse costume, as artes e vai sobrevivendo, é o que sustenta as família” (DSC 03).

Grandesso (2006) diz que a família e as culturas devem ser apreciadas, que as histórias, valores, experiências e tradições que foram adquiridos ao longo das gerações sejam preservadas e transmitidas aos futuros familiares.

Histórias construídas entre os membros da família através de palavras, gestos, atitudes e, mesmo no que se diz pelo silêncio, constroem uma rede de crenças compartilhadas sobre a família de cada um, mantida e ressignificada em diferentes contextos de vida (GRANDESSO, 2006, p.16).

Apesar do reconhecimento sobre a importância da manutenção das atividades culturais, fatores externos e problemas surgidos ao longo do tempo podem comprometer esse processo, sendo necessária a adequação das comunidades às novas realidades existentes, sem deixar de lado a sua essência. No caso da atividade com o couro na cidade de Tucano, a comunidade enfrentou e continua enfrentando o desafio de preservar a sua cultura unida à preservação ambiental. No diálogo promovido junto às mulheres colaboradoras, a visão trazida por elas sobre cultura comprova a importância do curtimento do couro para as pessoas da comunidade, mas ao mesmo tempo, quando trata de preservação ambiental, percebe-se ainda que há informações escassas sobre a relação da manutenção da natureza e a preservação cultural para esses sujeitos.

A cultura é algo importante que é pra todos e que vai passando pros filhos, mas é o que a gente vive aqui, as coisas que a gente faz, o que vai aprendendo e passando, como o trabalho com o couro, a partir dele a gente se mantém, é muito significante, a gente pode sobreviver (DSC 03).

Eu nunca pensei que fosse tão bom limpar o rio, a gente depende da natureza e não cuida dela direito. O rio que ajuda tanto a gente e a gente sujava tanto (DSC 03).

No final do século XX e início do século XXI, já se tinha conhecimento de que essas áreas se inter-relacionavam e que todo patrimônio se configura e se engendra mediante suas relações com a cultura e o meio. Hoje se reconhece que “a cultura é construída historicamente, de forma dinâmica e ininterrupta, alterando-se e ampliando seu cabedal de

geração em geração, a partir do contato com saberes ou grupos distintos” (PELEGRINI, 2006, p. 118).

Falas proferidas pelas colaboradoras remetem ao não saber como conduzir os efeitos nocivos da atividade, e isso, durante toda a trajetória do curtimento ao longo dos anos, remeteu ao processo de eutrofização das águas do rio Itapicuru-Mirim, no trecho onde o curtume estava instalado.

A natureza é muito importante porque a gente depende dela e realmente terem pedido para o curtume sair do rio foi uma boa, porque o rio tava acabado, a gente via quando a gente passava, não tinha mais aquele bom ar para respirar da natureza, sabe?! Era só aquele ar poluído, era muito couro espalhado pela margem do rio, não era uma coisa boa de se ver, tava ficando sem vida com o curtume lá (DSC 03).

A ausência de um processo educativo dentro das comunidades sobre as questões socioambientais pode levar ao declínio de culturas que causam efeitos mais danosos ao meio ambiente, como ocorre no curtume e as consequências ambientais provocadas no rio Itapicuru- Mirim. A necessidade de se combinar o uso e a conservação dos bens naturais e culturais, de modo a se evitar a degradação dos patrimônios, contribuem para a sobrevivência das comunidades (PELEGRINI, 2006).

O discurso das colaboradoras ressalta que a percepção dos danos ambientais se tornou mais evidente após a possibilidade de fechamento do curtume. Ao mesmo tempo, reconhecem a importância deste bem para a comunidade e ratificam que diminuir os lançamentos de dejetos nos mananciais favoreceu a todas pessoas moradoras do local. Assim, se depreende que a interpretação do patrimônio cultural ou do patrimônio ambiental não pode ser abstraída dialeticamente das ações historicamente responsáveis por sua construção, nem tampouco do sentido de pertencimento. Partindo dessas reflexões, percebe-se a necessidade de ações efetivas que contribuam com a diminuição de atitudes que agridam a natureza e ao mesmo tempo, permitam a continuidade da atividade do curtimento do couro na comunidade, contribuições essas descritas no Capítulo 04 desta pesquisa.

## **CAPÍTULO 04**

### **SABERES DAS MULHERES NO ÂMBITO EDUCATIVO, SOCIOAMBIENTAL E NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO E TRANSMISSÃO DA CULTURA NUM CURTUME DA REGIÃO SISALEIRA: OFICINAS (IN) FORMATIVAS**

Como forma de contribuir para o processo de preservação cultural, é necessário reconhecer a importância das culturas dentro dos espaços comunitários. Torna-se relevante a valorização dos saberes locais, as representações sociais construídas, as atividades desenvolvidas nos espaços não formais dentro das comunidades, que acabam sendo espaços educativos também. São nesses ambientes que os sujeitos obtêm os primeiros ensinamentos e criam laços que serão levados por toda a sua vida.

O processo de manutenção da cultura advém do sentimento de pertencimento que está muito presente nas mulheres, pois elas vêm aprendendo a valorizar as suas raízes e garantir a preservação de seu espaço como cidadã. Uma das formas mais utilizadas para permitir o processo de preservação cultural é através das relações positivas com a natureza. No curtume sisaleiro, a centenária cultura do couro é a principal atividade econômica de seu povo, e este, diante de tantas dificuldades, ainda consegue manter a produção por conta da união e dos saberes adquiridos pelos sujeitos que vivem ali.

Mas existe a necessidade do fortalecimento dessa cultura, através de práticas educativas. Para isso, faz-se necessário conhecer um pouco mais sobre as suas formas de sobrevivência, seus conhecimentos e saberes, tendo como fonte as mulheres que colaboram diariamente com a comunidade, seja dentro de casa ou no curtume.

Este capítulo traz a intervenção realizada, considerando a questão de pesquisa: quais as contribuições educativas e socioambientais trazidas pelas mulheres de um curtume no processo de preservação e transmissão da cultura local? O objetivo foi constituir oficina (in)formativa remota sobre a preservação e transmissão da cultura local no âmbito educativo e socioambiental com as mulheres pertencentes a uma organização comunitária de curtume da região do sisal.

Para tanto, foram vivenciados três momentos (in) formativos com as mulheres colaboradoras, promovendo uma simbiose de conhecimentos que permitiram fortalecer a cultura aliada à preservação meio ambiente local através de ações educativas.

#### 4.1 PLANEJAMENTO DAS OFICINAS FORMATIVAS

Para a construção de um plano de intervenção (in)formativo, é necessário planejamento e estratégias de implementação que coadunem com os objetivos almejados e que promovam aprendizagens significativas aos sujeitos participantes do processo. De acordo com Pereira (2019) “a pesquisa de intervenção deve assumir a intencionalidade crítica e emancipatória para que tenha o efeito desejado, qual seja o de operar mudanças qualitativas na vida dos sujeitos” (p.21). As oficinas consistem em reuniões periódicas dos grupos por tempo determinado, focado numa demanda inicial da comunidade. As oficinas também trazem como característica a abertura de espaços de aprendizado que buscam o diálogo entre os participantes (CORRÊA et al., 2000).

A oficina formativa (Apêndice B) foi pensada a partir de um processo de intervenção com as colaboradoras com o intuito de possibilitar reflexões, (des)construções de saberes e troca de conhecimentos com essas mulheres. As propostas didáticas pensadas para os encontros da oficina visaram proporcionar às participantes um ambiente colaborativo que possibilitou a participação dialógica por parte das envolvidas. O planejamento das oficinas foi articulado para promover a interação de todas as cinco colaboradoras da pesquisa, permitindo o envolvimento dos indivíduos de maneira integral. São elas: Palma, 19 anos, sem filhos, solteira; Mandacaru, 18 anos, sem filhos, solteira; Aroeira, 19 anos, sem filhos, solteira; Quixaba, 37 anos, três filhos, casada; e Umbuzeiro, 39 anos, uma filha, casada.

Como objetivo geral, a oficina visou promover uma abordagem nos âmbitos educativos e socioambientais sobre a importância da preservação cultural de forma reflexiva, a fim de ampliar os conhecimentos da temática pelas mulheres estudantes associadas. Os objetivos específicos apresentados foram: identificar os saberes trazidos pelas colaboradoras acerca da temática a ser trabalhada; abordar os aspectos culturais, educativos e socioambientais no processo de preservação e transmissão cultural e planejar ações futuras de sobre o processo de preservação e transmissão da cultura local a partir de práticas socioambientais.

A oficina, cuja aplicação foi pensada para acontecer na forma remota devido ao contexto da pandemia da COVID-19, foi dividida em três momentos, cada um com duração de uma hora, totalizando três horas de práticas interventivas. A plataforma utilizada para a realização da intervenção foi o *Google Meet*, escolhida pelas colaboradoras por terem mais facilidade de acesso a ela, bem como a escolha dos dias e horários dos encontros.

A oficina (in)formativa é um processo de educação não formal que, de acordo com Libâneo (2010) está relacionado com aquilo que o sujeito aprende ou ensina em razão, por exemplo, da sua família e contexto sociocultural, histórico e econômico. Esta visão coaduna com as compreensões de Gohn (2014) quando ele traz o seguinte conceito sobre educação não formal:

Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. [...] o aprendizado gerado e compartilhado na educação não formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas (GOHN, 2014, p. 40).

As entrevistas narrativas aplicadas anteriormente possibilitaram conhecer mais as colaboradoras e seu contexto, permitindo a adequação do planejamento das oficinas a partir das vozes dessas mulheres, num processo de horizontalidade da construção de saberes visando alcançar os objetivos propostos. Nesta perspectiva, a educação não formal não compete com a educação escolar, e sim existe uma complementação na formação do cidadão e articulação entre escola e comunidades localizadas no seu entorno.

Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. Trata-se de um conceito amplo, muitas vezes associado ao conceito de cultura. Daí a educação não formal estar ligada fortemente à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam adultos ou crianças (GADOTTI, 2012, p. 08)

Faz-se necessária a proposição de alternativas que ampliem as aprendizagens em grupos, associações, comunidades, sendo neste caso, utilizada a educação não formal para compreender as potencialidades das organizações, as dinâmicas de sua cultura e os problemas enfrentados por ela, para que assim, possam planejar as ações necessárias para a sua manutenção, com vistas a garantir a sobrevivência dos sujeitos da comunidade. Gadotti (2012) versa que esta forma de educação está ligada ao conceito de cultura e não segue um padrão de hierarquia. A educação popular, conceito dentro da educação não formal e imbricada com o plano de intervenção desta pesquisa, visa a construção de saberes e o fortalecimento das organizações populares. O autor defende a importância de torná-la uma política pública sendo uma oportunidade de construção do poder popular e, através dele, fortalecer o processo de emancipação dos sujeitos que dela participam.

Com isso, educação popular possibilita a viabilidade de projetos onde os sujeitos sintam-se pertencentes ao meio em que vivem, e os auxiliem no enfrentamento dos desafios, A construção da aprendizagem de interesse popular saber-fazer, através da contextualização, problematização, reflexão e ação (FREIRE, 1998).

Pensando nisso, os três momentos foram tematizados, como descrito no Apêndice B, sempre observando os objetivos de cada um deles para a definição da metodologia e dos materiais a serem utilizados para cada vivência. Corrêa et al. (2000) apontam como estratégia para a realização de trabalhos formativos, as seguintes etapas: a pessoa que se propõe a construir uma oficina deverá definir o tema de estudo a ser realizado, reunir todo o material possível sobre o tema, buscando subsídios em revistas, filmes, livros, vídeos, como também em conversas cotidianas a fim de desenvolver estratégias de introdução da temática, podendo referir-se a qualquer meio disponível ou possível de ser criado.

As temáticas definidas para discussões e reflexões foram: gênero, preservação cultural, questões socioambientais e educativas. Dentre os materiais e técnicas selecionados como estratégia para formação, foram utilizadas as dinâmicas em grupo através de roda de conversa, vídeo que dialogou com as temáticas pertinentes aos momentos e materiais pedagógicos como papel e caneta.

De acordo com Pereira (2010), o mestrado profissional “[...] leva à construção de um produto final que tenha relação direta com a mudança qualitativa dos sujeitos envolvidos na pesquisa” (p. 19). Os resultados relativos à avaliação da intervenção, enfocaram na análise dos dados, observando as características da intervenção responsável pelos efeitos percebidos nas colaboradoras. Dessa forma, coadunando com Pereira (2010), o produto final desse planejamento resultou na (in) formação de mulheres vinculadas a uma associação constituída a partir de um curtume sisaleiro no processo de preservação/manutenção da cultura, observando os aspectos socioambientais e educativos necessários para preservar a atividade cultural centenária do couro presente na comunidade. A descrição das etapas vivenciadas com as colaboradoras no processo de intervenção para a obtenção do produto final encontra-se na próxima seção.

#### 4.2 OFICINAS (IN) FORMATIVAS: FERRAMENTAS EDUCACIONAIS INTERVENTIVAS

Realizar intervenções a partir da realidade observada cria a possibilidade de construir junto às participantes, momentos de ações práticas em processo formativo. Essa construção

tornou-se possível através de aplicação de oficina em grupo como plano de intervenção, descrito no Apêndice B. A intervenção foi dividida em três momentos, cada um deles resultando em reflexões a partir das discussões propostas.

#### **4.2.1 Primeiro Momento: Vivências e Trajetória das Mulheres do Curtume da Região Sisaleira**

Para o primeiro momento, ocorrido no dia 30 de junho de 2021, através do *Google Meet*, das 14h às 15 h, as colaboradoras receberam o convite através do aplicativo *Whatsapp*, com um mês de antecedência, momento no qual foi acertado o melhor dia e horário para todas as cinco colaboradoras. Algumas dificuldades foram sinalizadas pelas colaboradoras, como precariedade dos aparelhos eletrônicos utilizados e baixo sinal de internet, mas com todas essas intempéries, elas se mostraram com boa vontade e alegria em participar da oficina.

No primeiro momento, foram apresentados os objetivos geral e específicos da oficina às colaboradoras. Logo após, a oficina iniciou seu caminho através de uma roda de conversa com as mulheres, para que houvesse uma apresentação individual, permitindo que cada uma falasse um pouco sobre sua trajetória de vida. Após a apresentação, a roda de conversa deu seguimento com a leitura do Discurso do Sujeito Coletivo 1 (Quadro 02), e junto com ele, um diálogo sobre o que o referido discurso trazia de significado para as suas vidas, sentimentos e memórias.

O Discurso do Sujeito Coletivo 1 é fruto da pergunta 1 da entrevista narrativa (Apêndice A): **Fale um pouco sobre sua história de vida: pessoal: questões pessoais, familiares, estudo, religião.** Foi construído a partir do Quadro 1: Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD) apresentado no Capítulo 1 intitulado Percursos metodológicos, presente nesta dissertação.

Após a leitura do discurso, o primeiro momento possibilitou às colaboradoras externarem reflexões de suas vivências, compreensões, dúvidas, entendimentos, bem como trouxeram à tona contradições e decepções ocorridas ao longo da vida. Corrêa et al. (2000) corroboram com a ideia de que a oficina pode permitir a quebra das “hierarquias do conhecimento o (...) que se dá muitas vezes, pela detenção de um discurso especializado que justifica a maior importância de quem profere em relação aos outros” (p.122). Neste sentido, as integrantes foram convidadas a discutir também suas vivências na comunidade relacionadas à sua maneira de pensar e agir diante das questões sobre gênero feminino. E em processo formativo dialógico, elas foram instigadas a olhar para si, para um cuidado de si de

suas atitudes, valores, desejos, tristezas, angústias no processo de formação do sujeito enquanto mulheres da região do sisal.

O primeiro momento colaborativo de forma dialógica com as colaboradoras deixou a mensagem de primeiros passos efetivos de formação, pois permitiu construir significados e sentidos da temática, o que proporcionou abertura para iniciar o processo de troca de experiências, demonstrada em diversas percepções na qual se destacam: desejo de uma vida melhor, vontade de contribuir na melhoria da comunidade, valorização da atividade com o couro. O diálogo resultou no Discurso do Sujeito Coletivo 04, trazido no Quadro 07.

**Quadro 12:** Discurso do Sujeito Coletivo 04

<b>Primeiro momento: Vivências e trajetória das mulheres do curtume da região sisaleira</b>
O texto que você leu pra gente agora é o que acontece mesmo. A gente vive bem, mas sempre acha que podia ser melhor, porque tudo que se faz é para a nossa família, às vezes até esquece da gente, deixa os sonhos pra depois. Cuida da casa, ajuda no couro, faz uma pouco de tudo, parece que nunca para. “Mais” todo mundo trabalha aqui, trabalha muito, homem e mulher, o ganho que é pouco, a ajuda de fora também é pouca. Aí a gente desiste de continuar os estudos. Seria muito bom pra gente uma ajuda pra manter o curtume, porque ninguém ajudou a sair do rio, que já tava todo sujo, “mais” é o que a gente tinha, nosso sustento.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

As memórias e as vivências das colaboradoras constituem um arcabouço de informações relevantes para a construção das narrativas que, em sua maior parte, são comuns entre elas, pois são proferidas por pessoas que passam pelas mesmas construções históricas e sociais. Percebe-se no DSC 04 que essas mulheres enxergam a educação como uma fonte de oportunidades, de realização dos sonhos e aprendizado, porque é através das práticas educativas que elas têm acesso a temáticas que envolvem o seu dia, passam a compreender os seus direitos, informações importantes do seu campo de trabalho e acessam outra visão sobre sua realidade. Sobre isso, Saviani (2007) afirma:

[...] aprender a ler, escrever e contar, e dominar os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais constituem pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive, inclusive para entender a própria incorporação pelo trabalho dos conhecimentos científicos no âmbito da vida e da sociedade (SAVIANI, 2007, p. 160).

As mulheres colaboradoras da pesquisa concluíram o Ensino Médio no Educação Básica, mas por conta de fatores variados, como trabalho, necessidade de contribuir no sustento da família e cuidar dos filhos, não seguiram seus estudos. Observa-se que as mulheres da comunidade continuam priorizando na sociedade o “papel” determinado pelas construções sociais como cuidar dos filhos, cuidadora do lar, a qual precisa ter dedicação e

disponibilidade para tais “ofícios”, porém de forma submissa, abnegando-se de outras possibilidades como é o caso do seu acesso à educação, como afirma Louro (1997).

Ressalta-se também nas suas narrativas, a angústia e medo de perderem a fonte de renda, no caso, a atividade com o couro e as famílias serem prejudicadas por ficarem sem seu sustento. Esta é uma preocupação que perpassa por todos da comunidade, e sempre chamam a atenção pelo fato de não terem apoio para conseguirem manter a sua cultura e seu sustento. Esse processo de medo da perda foi inaugurado em função da degradação do meio ambiente local, consequência da atividade de curtimento, resultando na autuação do curtume em 2016.

A partir dos discursos proferidos, pode-se perceber a necessidade de apoio educativo voltado às questões socioambientais e ao reconhecimento de que esses bens (cultura e natureza) fazem parte do legado que deixarão para as futuras gerações.

#### **4.2.2 Segundo Momento: Construções (In)Formativas no Âmbito Socioambiental para a Preservação da Cultura.**

O segundo momento da oficina aconteceu no dia 22 de julho de 2021, das 14h às 15h, pelo *Google Meet*, como fora o primeiro momento. A segunda parte da oficina foi realizada em dia diferente por conta das demandas das colaboradoras, mas foi importante essa diferença de dias para refletir sobre as questões trazidas por elas no primeiro encontro, que tratou sobre as suas vivências e as relações na comunidade. É importante conhecer o público, permitindo aprimorar o planejamento de acordo com as suas necessidades.

Inicialmente, foi realizada a leitura do Discurso do Sujeito Coletivo 03, (Quadro 06), que trata, respectivamente, sobre a questão da Transmissão intergeracional da cultura (C) e sobre a importância da preservação da natureza para a melhoria da qualidade de vida da comunidade (D). A leitura prévia dos discursos foi realizada para contextualizar a discussão e as atividades desenvolvidas posteriormente. Após a apresentação do discurso, as colaboradoras foram convidadas a refletir sobre a ideia de cultura trazida por elas. Cultivar valores, saberes, tradições de uma determinada região pode manter ativo o referencial cultural convertendo-se mais tarde em um potencial capaz de contribuir para o desenvolvimento local e aflorar o sentimento de pertencimento àquele espaço. Nesse sentido, esse referencial deve vir acompanhado de especial atenção à valorização, conservação e manutenção garantindo, sobretudo, a possibilidade de existência desses bens para a população residente e para as gerações futuras.

Durante o primeiro diálogo, pode-se perceber que havia um desejo de mudança a partir das falas dessas mulheres, mas as contribuições externas, sejam elas por parte de governantes ou de outras instituições, eram escassas e as pessoas do curtume tiveram que aprender algumas formas de sanar a problemática ambiental e continuar trabalhando com o couro praticamente sozinhas, sem apoio externo. Nesse processo, muitas famílias acabaram buscando outros ofícios, pois ao não conseguirem gerenciar o problema, tiveram que procurar outras formas de obter renda.

Cultura e natureza não devem ser vistas como categorias antagônicas, e sim como complementares. Essa mudança de visão permite colaborar com a manutenção da diversidade da natureza e, ao mesmo tempo, preservar as culturas que dependem dela, mesmo que de forma indireta.

A cultura apreendida como formas de organização simbólica do gênero humano remete a um conjunto de valores, formações ideológicas e sistemas de significação que norteiam os estilos de vida das populações humanas no processo de assimilação e transformação da natureza (PELEGRINI, 2006, p.118).

Ainda de acordo com Pelegrini (2006), “as singularidades relacionais entre as culturas e o meio ambiente definem, conforme os fundamentos da geografia cultural, os traços da própria paisagem e a distinguem de outros espaços, determinando o seu *geni'us loci*, ou seja, a alma do lugar” (p. 119). No caso do curtume, o rio, no estágio de poluição em que se encontrava, emitia sinais de que a qualquer momento a cultura do couro poderia declinar. Para preservar e transmitir a sua cultura é necessário primar pela união entre a comunidade e a natureza de modo a garantir a gestão democrática dos espaços territoriais e o adequado manejo do meio ambiente, permitindo assim, a continuidade de suas atividades (PELEGRINI, 2006).

Como forma de demonstrar e exemplificar formas de se relacionar bem com a natureza foi apresentado o documentário denominado “Encantadas - Mulheres e suas lutas na Amazônia”, no qual mostra mulheres de comunidade na luta pela preservação das águas, pelo direito de viver bem, em harmonia com a natureza para conseguir manter as suas culturas e seus modos de vida.

Através do documentário, pode-se observar a luta de mulheres ribeirinhas para a manutenção de sua cultura unida à preservação do rio. Essas mulheres, através de seus conhecimentos tradicionais unidos à aplicação de oficinas, constituíram um espaço de formação, informação e incentivo para os demais membros das comunidades como forma

de barrar o avanço de atividades de degradação ambiental no seu ambiente. Na perspectiva da diversidade de saberes das temáticas para se constituir um ambiente de (in) formação, Santos, Silva e Coelho Neto (2011) contextualiza o sentido do saber em espaços de construção do conhecimento em que, “[...] entendemos que não há igualdade de saberes, mas saberes diferentes” (p.102).

O documentário suscitou reflexões importantes sobre diversas questões, dentre elas, as dificuldades que as mulheres encontraram para assumir um papel não designado para elas, socialmente falando, mesmo que seja uma ação para contribuir com a comunidade. Ao mesmo tempo, o ato de resistir e se manter firme nos objetivos em prol de um grupo pode fazer a diferença na vida de famílias. Neste espaço da apresentação do documentário, as colaboradoras demonstraram muito interesse em agregar aos seus conhecimentos os saberes direcionados à preservação do rio como forma de contribuir com a natureza e manter as suas atividades sem promover degradação do meio.

Algumas ações positivas em relação à natureza já existem na comunidade. Mulheres aproveitam resíduos do corte de couro para fazer pequenas bolsas, e apesar de não terem noção da importância desta atitude para a questão ambiental, elas fazem o reaproveitamento de material que poderia ter como destino final, o rio. É uma ação que precisa ser divulgada e incentivada para mais pessoas da comunidade, a fim de diminuir a quantidade de resíduos e adquirir renda com a venda dos produtos confeccionados.

No curtume, ações positivas em relação ao meio ambiente favorecerão a todas as pessoas que vivem naquele local, visto que há uma interdependência entre a cultura e o meio. Mas as benfeitorias não se resumem a isso, são múltiplos os benefícios quando se consegue unir as atividades que compõem o sustento das famílias com a preservação ambiental, como traz Pelegrini (2006), em seus estudos:

No século XXI, o reconhecimento das chamadas populações tradicionais e da sua possível contribuição para a conservação e manutenção da diversidade biológica apontou o surgimento de um ecologismo diferenciado daquele emergente nos países industrializados que sacralizavam o mito da “natureza intocada”, dois séculos antes. A acepção do “equilíbrio dos ecossistemas” e do “novo naturalismo”, manifestos por meio de movimentos sociais, primou pela diversidade cultural e pela união entre o homem e a natureza de modo a garantir a gestão democrática dos espaços territoriais e o adequado manejo das áreas de proteção ambiental (PELEGRINI, 2006, p. 118)

Durante esta discussão, as colaboradoras foram convidadas a partilhar saberes e experiências vivenciadas sobre a temática, por meio de roda de conversa que se constituem em sessões coletivas de diálogo, definidas por Santos (2011) como sendo “[...] espaço-tempo

de estudo, de reflexão crítica sobre a prática. Momentos nos quais o grupo se desafia a problematizar as práticas desenvolvidas” (p. 51). Sendo assim, compreende-se que este momento proporcionou espaços dialógicos e interventivos de formação e informação.

Nesse sentido, em espaço (in)formativo na construção do conhecimento, foram lançados os seguintes questionamentos: Quais as principais dificuldades encontradas pela comunidade para reduzir os danos ambientais no rio? Quais ações seriam mais efetivas para conseguir conciliar a preservação ambiental e cultural? As respostas e reflexões a partir desses questionamentos foram trabalhadas no terceiro momento da oficina.

#### **4.2.3 Terceiro Momento- Reflexões da Teoria e Prática Dialogada: Sistematização das Ações Futuras**

Como parte do percurso metodológico, o terceiro momento, ocorrido no dia 22 de julho de 2021, das 15 às 16 h, foi voltado para reflexões a partir do que foi discutido e logo após, sistematizado ações futuras voltadas a contribuir com o processo de preservação da cultura do couro, observando as questões socioambientais. Os questionamentos lançados levaram a um diálogo que possibilitou a construção do Discurso do Sujeito Coletivo 05 (Quadro 08).

**Quadro 13:** Discurso do Sujeito Coletivo 05.

<b>Terceiro momento: Reflexões da teoria e prática dialogada: sistematização das ações futuras</b>
<p>A gente sempre usou o rio pra preparar o couro e sujava mesmo, era um fedor, mas a gente nunca cuidou porque é nosso sustento. Quando disseram que ia fechar o curtume, foi muito triste, porque todo mundo ficou com medo de passar fome e até achava que fosse bobagem esse negócio todo. Ninguém fazia ideia do que fazer pra ajudar, foi um prejuízo só. Tirou dinheiro do bolso pra sair do rio, ir pra outro lugar, mas hoje a gente vê a diferença na região. Os urubus tomava conta da área lá do curtume, mas a gente achava tudo normal, era do trabalho. Você falando aqui pra gente, ensinando melhor o que é isso que eles falavam tanto (eutrofização) fica melhor pra gente saber o que fazer. Nunca ninguém falou aqui do perigo do material que a gente usa, a gente sabia que era perigoso, mas não tanto assim. E até a água do poço que a gente usa pra beber, pra dá os bicho podia chegar até ela esse material. Acho que todo mundo aqui devia saber disso, ter essa informação, pra cuidar mais no rio, ter saído antes de lá. Mas a gente precisa de ajuda dos político, chegar junto, ajudar a plantar na beira do rio, na limpeza da água, pra comprar materiais pra terminar de construir o outro curtume, aqui é muita gente que depende, não tem condição. Muita coisa a gente também já fazia, né?! Aproveitar as sobras pra num jogar no lixo ou na água, mas agora vamo chamar mais o povo daqui pra produzir mais carteira com a sobra de couro. Você disse que isso é nossa cultura, todo mundo aqui vive disso, temos que nos ajudar, né?! Se a sujeira é errada, a gente vai ter que consertar, pra sobreviver e que os político ajude mais, que o povo aprenda mais porque precisa pra dar comida a nossa família. Ensinar mais pessoas daqui tudo isso que a gente tá aprendendo e conversando aqui.</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

No Discurso do Sujeito Coletivo 05, as mulheres reconhecem as dificuldades enfrentadas para evitar a perda de sua cultura, como enfatizado no trecho abaixo:

Quando disseram que ia fechar o curtume, foi muito triste, porque todo mundo ficou com medo de passar fome e até achava que fosse bobagem esse negócio todo. Ninguém fazia ideia do que fazer pra ajudar, foi um prejuízo só. Tirou dinheiro do bolso pra sair do rio, ir pra outro lugar, mas hoje a gente vê a diferença na região (DSC 05).

A falta de percepção dos sujeitos da comunidade de que as ações de degradação no rio poderiam afetar de forma profunda as suas atividades com o couro fez com que a situação chegasse ao extremo, ao ponto de refletir nas questões financeiras das famílias associadas. As pessoas da comunidade não enxergavam o rio como algo atrelado às suas atividades, e a negação desse pertencimento afetou diretamente as questões socioambientais.

[...] os grandes desafios para aqueles que se dedicam à defesa dos bens culturais não se circunscrevem à descoberta dos meios eficazes para o desenvolvimento da educação patrimonial ou da educação ambiental, mas englobam o despertar da consciência e do apreço a esses bens (PELEGRINI, 2006, p. 126).

Possibilitar momento dialógico de formação permitiu que as colaboradoras assumissem a tarefa de construir caminhos, de fazer percursos, em conjunto na tentativa de atender às demandas percebidas por elas.

Acho que todo mundo aqui devia saber disso, ter essa informação, pra cuidar mais no rio, ter saído antes de lá. Mas a gente precisa de ajuda dos político, chegar junto, ajudar a plantar na beira do rio, na limpeza da água, pra comprar materiais pra terminar de construir o outro curtume, aqui é muita gente que depende, não tem condição. Muita coisa a gente também já fazia, né?! Aproveitar as sobras pra num jogar no lixo ou na água, mas agora vamo chamar mais o povo daqui pra produzir mais carteira com a sobra de couro (DSC 05).

Nesse sentido, foram propostas ações para dar continuidade ao processo de revitalização do rio, como reconstituir a mata ciliar deteriorada por conta de dejetos do curtume, limpeza da água e principalmente, dar seguimento à construção de um espaço maior e adequado para o curtimento do couro, afastado do rio e que tenha tratamento correto dos resíduos resultantes da atividade.

Organizar momentos (in)formativos que possibilitem a reflexão nesse campo deve iniciar-se pela percepção direta de que o patrimônio não se restringe somente aos bens culturais. “O conceito de patrimônio cultural é muito mais amplo, não se circunscreve aos bens materiais ou às produções humanas, ele abarca o meio ambiente e a natureza, e ainda se faz presente em inúmeras formas de manifestações culturais intangíveis” (PELEGRINI, 2006, p 126).

Sobre esse aspecto, no discurso construído, ressalta-se a importância de dar continuidade ao processo formativo e informativo para mais mulheres da comunidade, no sentido de auxiliar no processo de transmissão da cultura para os descendentes, a partir das melhorias na atividade promovidas pelo processo educativo aplicado. Ensinar mais pessoas daqui tudo isso que a gente tá aprendendo e conversando aqui (DSC 05).

Como produto da oficina, obteve-se a (in) formação de mulheres num processo dialógico como estratégia para que elas possam contribuir na preservação de sua cultura nos âmbitos socioambientais e educativos, trazendo benefícios para a localidade na qual estão inseridas, e dessa forma, nortear práticas sociais vigentes a serem transformadas em ações educativas que possam ser disseminadas na sociedade. Assim, são contemplados os objetivos do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social, no sentido de aplicar ações interventivas nos diversos contextos, dando contributos sociais significativos para as comunidades. Para tanto, os momentos de oficina serão ofertados anualmente, durante o período de cinco anos, sempre adequando os procedimentos metodológicos de acordo com as necessidades apresentadas pela comunidade e representadas pelas colaboradoras.

## **5 CONCLUSÃO**

A preservação da cultura é uma ação política e social que permite a sobrevivência das comunidades. Para que essas ações continuem acontecendo, são necessárias contribuições nos âmbitos educativos e socioambientais que favoreçam a continuidade de uma atividade que faz parte da cultura da comunidade e que permite seu sustento. Nesse sentido, a presente dissertação trouxe como questão de pesquisa: como formar e informar as mulheres pertencentes a uma associação comunitária de um curtume sisaleiro presente na cidade de Tucano-BA sobre o processo de preservação e transmissão da cultural local dentro de um contexto educativo e socioambiental?

As metodologias utilizadas para a aplicação da pesquisa foram definidas observando o objetivo geral. Foram elas: a abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo e pesquisa empírica. Em campo, foram aplicadas entrevistas narrativas utilizando a história de vida e a análise de dados através do Discurso do Sujeito Coletivo.

As narrativas presentes nesta dissertação surgiram a partir do risco da descontinuidade da cultura do couro na cidade de Tucano- BA, por conta de questões socioambientais a partir das quais a comunidade encontrou dificuldades para dirimir e unir o processo de preservação ambiental à manutenção de sua cultura. Para tanto, as mulheres vinculadas à associação do

curtume na região do sisal constituíram o objeto de estudo, sendo as colaboradoras desta pesquisa, ocupando papéis sociais voltados ao gênero feminino e ligados ao processo de preservação cultural e ações positivas com o meio ambiente.

O Capítulo 02, intitulado **Região sisaleira e o curtume tucanense: elementos identitários** buscou identificar quais os elementos identitários presentes na região sisaleira, bem como no curtume localizado na cidade de Tucano-BA. Este capítulo trouxe uma discussão sobre região, identidade e cultura, observando os aspectos sociais, ambientais e culturais como base para traçar o perfil identitário do *locus* da pesquisa. Mediante esta discussão, foi possível reconhecer características inerentes ao Território do Sisal e ao Curtume, que reverberaram a sensação de pertencimento às comunidades presentes na região.

As fronteiras que delimitam um espaço são linhas invisíveis criadas pelo homem, e nessa separação, naturalmente são cultivadas manifestações culturais distintas entre si, permitindo criar elos de identificação entre os sujeitos, como também o surgimento de características que os diferenciam das demais regiões. Nessas delimitações, as pessoas presentes ali vivenciam e escutam histórias passadas ao longo das gerações, criando elementos que geram uma identificação comum entre seu povo, seja ela nas questões culturais, como também nos processos históricos de invisibilidade e sofrimento dos sisaleiros e sisaleiras.

Os elementos identitários que compõem a região sisaleira e o curtume tucanense se entrelaçam na história, pois carregam em comum a força das sisaleiras e sisaleiros, sujeitos invisibilizados na sociedade e que lutam diariamente em busca de melhores condições de vida dentro de seus espaços. O Território do Sisal, incluindo o município de Tucano-BA e seu curtume, trazem resquícios de uma história repleta de preconceitos, estigmas da seca e falta de investimentos por parte do poder público ao longo dos anos.

Os números apresentados nos sistemas de avaliações da educação indicam um histórico de exclusão e investimentos insuficientes no setor educacional. Mesmo tendo apresentado um tímido crescimento nos últimos dez anos, o território possui números ainda considerados baixos nos sistemas de avaliação da qualidade da educação. Os indicadores socioeconômicos acompanham esses resultados, herança de um processo de exclusão social, educacional e econômica ainda não superado, mantendo e aprofundando as desigualdades regionais.

Os problemas ambientais no território também são muito frequentes, principalmente aqueles ligados ao desenvolvimento de alguma cultura, como agricultura, pecuária e, no caso de Tucano, a poluição do rio provocada pela atividade do curtume. As sisaleiras e sisaleiros,

historicamente sempre enfrentando dificuldades e superando as invisibilidades, buscam, através da união e criação de associações, cooperativas, comunidades, formas de fortalecer sua cultura, e a partir dela, sobreviver.

O Capítulo 03, intitulado **Associações comunitárias da Região Sisaleira: perspectivas na identidade de gênero feminino** objetivou compreender como se dá o papel e a presença das mulheres nas associações comunitárias existentes no Território do Sisal, na perspectiva daquelas que vivenciam diariamente as relações existentes dentro desses espaços, as mulheres vinculadas a uma associação comunitária criada a partir de um curtume sisaleiro. Para tanto, foram utilizados os Discursos do Sujeito Coletivo 1, 2 e 3 que permitiram realizar a análise sobre gênero e o seu olhar sobre as questões socioambientais, culturais e educativas partindo de mulheres pertencentes a uma associação que possui o curtume como principal atividade econômica. O engajamento das mulheres nas associações propicia uma transição na vida destas, pois amplia a ocupação de espaços sociais, permitindo que haja mais representatividade, colocando-as frente a novas relações com a comunidade e seu entorno, obtendo reconhecimento e a busca por direitos antes negados pela sociedade patriarcal, que prioriza o homem como provedor e chefe de família.

As vozes das mulheres reafirmam que seu papel social está atrelado à não valorização de seu trabalho e as suas contribuições ainda são vistas como pouco importantes para o todo. O seu trabalho é tido como um não trabalho, ou seja, como ações que elas devem desempenhar apenas por serem mulheres, e não devem ser remuneradas por isso. Essa visão está tão presente que as próprias mulheres não reconhecem a sua importância no processo de preservação da cultura a partir de atitudes positivas que elas desempenham na comunidade. A questão ambiental também não era um tema presente no cotidiano das pessoas que vivem ali, essa ausência de informações desencadeou a crise no curtume.

A presença e a atuação dessas mulheres nas associações são fundamentais para o território, partindo de ações que possibilitem o desenvolvimento local e a atenção às demandas da comunidade por meio da participação social. Os dados obtidos na pesquisa a partir da escuta das mulheres colaboradoras permitiram concluir sobre a necessidade de fortalecer a condição de sujeitos de direitos dentro da sociedade e a necessidade da atuação política e social das mulheres com mais intensidade nas associações, como forma de promover maior autonomia, práticas positivas com a natureza e preservação da cultura.

O Capítulo 4, **Saberes das mulheres no âmbito educativo, socioambiental e no processo de preservação e transmissão da cultura num curtume da região sisaleira: oficinas (in) formativas**, buscou identificar os saberes educativos, socioambientais e culturais

trazidos pelas mulheres colaboradoras da pesquisa no processo de preservação/transmissão da cultura local. Para este propósito, foram realizadas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de intervenção através de oficina formativa com vistas a colaborar no processo de preservação cultural junto a essas mulheres.

As mulheres da região sisaleira possuem saberes inerentes às suas histórias e vivências que, unidos aos conhecimentos adquiridos na prática formativa, leva a atitudes concretas que fazem a diferença neste processo de educação, promovendo um comportamento positivo nas relações socioambientais que podem ser transmitidos aos descendentes. A oficina possibilitou conhecer mais as mulheres colaboradoras e suas vivências, problemas, as relações dentro da comunidade, promovendo de forma positiva o processo (in)formativo. Os momentos vivenciados na pesquisa de intervenção permitiram compreender as dinâmicas presentes na comunidade e associação, as potencialidades das pessoas e também as suas dificuldades diante da problemática ambiental instalada.

As reflexões feitas por elas no momento formativo permitiram responder à questão da pesquisa, trazendo à tona a necessidade de constituir espaços de educação não formal com a temática preservação cultural aliada às atitudes positivas em relação à natureza, como forma de manter e transmitir a sua cultura. Os momentos (in) formativos deverão incluir momentos de escuta e reflexão por parte das pessoas da comunidade como forma de articular as suas necessidades ao planejamento desses momentos. Essas pessoas lidam com uma atividade cultural que produz resíduos, mas existem formas de evitar o lançamento de materiais tóxicos ao rio da região e ações, inclusive já presentes na comunidade, que podem ser potencializadas e divulgadas para os demais moradores, contribuindo na diminuição de resíduos sólidos.

Também se verifica a necessidade de um olhar sensível do poder público sobre a situação da comunidade, investimentos para melhorarem o espaço de instalação do curtume e recursos para auxiliar na revitalização do trecho do rio Itapicuru-Mirim atingido pelos resíduos do curtimento.

Diante do exposto, essa pesquisa torna-se relevante, ressaltando a necessidade de constituir espaços de (in) formação no formato de oficinas educativas no âmbito socioambiental e cultural com as mulheres provenientes de associação comunitária da região sisaleira, a fim de contribuir no processo de preservação e transmissão da cultura local, além de possibilitar a estas mulheres uma oportunidade de reconhecimento maior de seu trabalho, somando saberes das mulheres aos constituídos a partir de oficina formativa que possam dar retorno social à comunidade e que permita práticas prevaletentes que serão transmitidas aos descendentes no processo de preservação e transmissão da sua cultura.

Essas oficinas serão ofertadas anualmente, durante um período de cinco anos, tendo como público as mulheres da associação referenciada na pesquisa, a fim de colaborar com a comunidade, articulando o conteúdo e planejamento da oficina de acordo com as necessidades das pessoas que dependem do couro para o seu sustento. Além disso, a disponibilização deste material científico que servirá de apoio para pesquisas futuras do **Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social** e o **Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde**, que tenham as comunidades da região sisaleira e outros territórios que comunguem com problemáticas semelhantes ao desta pesquisa como foco de investigação.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALMEIDA, Suzana Souza Moreira de. Memória e Trabalho no Sertão: A peleja de pequenos agricultores no sisal. **Cadernos de Pesquisa NPGA**, v. 3, n. 2. Salvador-BA, 2006. Disponível em: <http://www.cadernosnpga.ufba.br/viewarticle.php?id=110&layout=abstract>. Acesso em: 27 set. 2021.

ALVES, Iracema Lopes. **Mulheres de “fibra”**: Cantando rodas e reconstruindo histórias em São Domingos - BA (1990-2010). Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019.

ANTUNES, Ricardo Luís Coltro. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 Ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, Losângela da Cunha. **Mulheres de fibra**: da invisibilidade ao empoderamento em assentamentos de Reforma Agrária no Território do Sisal-BA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.

BAHIA. Lei 11.612 de 08 de outubro de 2009. Dispõe sobre a Política Estadual de Recursos Hídricos, o Sistema Estadual de Gerenciamento de Recursos Hídricos, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado da Bahia**. Salvador, Bahia, 08 Set. 2009. Disponível em: < [http://www.inema.ba.gov.br/wp-content/uploads/2011/08/Lei\\_11612.pdf](http://www.inema.ba.gov.br/wp-content/uploads/2011/08/Lei_11612.pdf)>. Acesso em: 07 jan.2021.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 12.354 de 25 de agosto de 2010. Institui o Programa Territórios de Identidade e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado da Bahia**. Salvador, Bahia, 26 Ago. 2010. Disponível em:< <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1024959/decreto-12354-10>>. Acesso em: 01 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria do Planejamento da Bahia – SEPLAN. Disponível em: < <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=55>> . Acesso em: 07 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Planejamento. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais - SEI. **Painel de Geoinformações**. Disponível em: < <https://portal.geo.sei.ba.gov.br/portal/apps/MapSeries/index.html?appid=b8022395b610453b9bf3173b900b18be>> Acesso em: 10 jan. 2021

\_\_\_\_\_. Ministério Público do Estado da Bahia. **Documento de Instauração de Inquérito Civil**. Disponível em: <<https://sicop.sistemas.mpba.mp.br/Modulos/Consulta/ConsultaPublicaProcessos.aspx>>. Acesso em: 03 fev.2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. A identidade e a representação – elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: **O poder simbólico**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2001.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira– Inep. **Consulta ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BRITO, Maria Noemi Castilho de Brito. Memória e Gênero. IN: FONSECA, Cláudia (Org.). **Fronteiras da Cultura: Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

BUTTO, et al. Percepção das Mulheres Rurais e Gestores sobre a implementação das políticas públicas para igualdade de gênero. BUTTO, Andrea. et al. (orgs). **Mulheres rurais e autonomia: formação e articulação para efetivar políticas públicas nos Territórios da Cidadania** Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, 2014, pp. 60-83.

CARRARA, Sérgio. Educação, diferença, diversidade e desigualdade. In: BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete. (Orgs.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/res em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC, p.13-183, 2009.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e transformação**. São Paulo: Editora Ágora, 2008

CERQUEIRA, Mílvia Oliveira. **A vulnerabilidade ambiental do Território do Sisal-Bahia**. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial) Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, Feira de Santana-Ba, 2015.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 1 ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

CIPRIANI, Roberto. Biografia e Cultura - da religião à política. IN: VON SIMSON, Olga de Moraes (org.). **Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

COLOMBY, Renato Koch et al. Histórias de vida como um caminho metodológico em estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. IN: **IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. Anais. Porto Alegre, RS, Brasil, 2016.

CORRÊA, Guilherme Carlos et al. **Pedagogia Libertária: Experiências Hoje**. Editora Imaginário, 2000.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). EMBRAPA AGROBIOLOGIA. Linhas de pesquisa. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agrobiologia/>> . Acesso em: 24 jan. de 2021.

ENCANTADAS - Mulheres e Suas Lutas na Amazônia. Vídeo publicado no canal **CFEMEA**- Centro Feminista de Estudos e Assessoria. 2019. 1 vídeo (21min15seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-PvE8bpJJI8>>. Acesso em: 03 dez. de 2020.

EUGÊNIO, Benedito; TRINDADE, Lucas Bonina. A entrevista narrativa e suas contribuições para a pesquisa em educação. **Pedagogia em Foco**, Iturama (MG), v. 12, n. 7, p. 117-132, jan./jun. 2017.

FARIA, Edite Maria da Silva de. **A luta social ensina: o direito à educação na vida de mulheres e homens sisaleiros - Assentamento Nova Palmares – Conceição do Coité**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FIRMO, Célia Santos. **Desenvolvimento Territorial Sustentável e Gênero: O caso do Território Sisaleiro da Bahia**. (Monografia) Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

FERREIRA, Rinaldo Luiz Caraciolo; MENIEUR, Isabelle Maria Jacqueline. Uso de espécies produtoras de taninos para curtimento de peles no Nordeste. **Jornal Dia de Campo**. Artigos Especiais. 2015. Disponível em: <<http://diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=31140&secao=Artigos%20Especiais>> Acesso em: 03 fev.2021.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus; Paul Rabynow. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8ª Edição. Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1998.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v. 18, n. 1, dez., 2012. p. 10-32.

GADOTTI, Moacir; GUTIERREZ, Francisco (Orgs.). **Educação Comunitária e Economia Popular**. São Paulo: Cortez, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação**, II série, n.1. Campinas, 2014.

GRANDESSO, Marilene Aparecida. Família e narrativas: histórias, histórias e mais histórias. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (Org.). **Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, pp. 13-29.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. p.32.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro/RJ: DP&A, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico 2010**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 20 jan. de 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 21ª edição. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília. Liber Livro Editora, 2005.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LISBOA, Aline Vilhena; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 51–59, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/tqcPSnqYFPjhND6Z68Swzbp/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 27 Sep. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2ª ed. São Paulo: Loyola. 1994.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 333–357, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/6Y8dcfxYKPXWmyZmhF5yph/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2021.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires de. **O papel das mulheres na agricultura familiar: a comunidade Rancharia**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Campo Alegre de Goiás- GO, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Ozileide Matos. **“Lugar de mulher é onde ela quiser”**: O Protagonismo De Lideranças Femininas No Território Do Sisal - Bahia. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial) Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, 2017.

OLIVEIRA, Maria Vandalva Lima de. **“Todas podem, desde que”**: uma análise das relações de gênero no território do sisal no semiárido baiano. Monografia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, BA. 2012.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, v. 26, n. 51, p. 115–140, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/PVLJ6HmX7hxYDD9bkdFqYLD/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 set 2021.

PENA, Aline de Cássia Campos. **Tratamento de efluentes de curtume com consórcio de microalgas**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Química) Departamento de Engenharia Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

PEREIRA, Antonio. **Pesquisa de Intervenção em Educação: teoria e prática**. 1º ed. Eduneb: Bahia, 2019.

PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DO SISAL. CODES-SISAL. **Núcleo de Extensão e Desenvolvimento Territorial – NEDET**; Universidade Estadual de Feira de Santana –UEFS. Valente, 2016.

PRUDENTE, Thiago Pessoa; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo; MATIAS, Walter. O uso de metodologias ativas com tic no ensino de disciplinas filosóficas: a abp nos estudos filosóficos. IN: **3er Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación**. México, 2015. Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/57>. Acesso em: 27 set. 2021.

RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade: Luce Fabri e o anarquismo contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Rubens. **História de Tucano: 150 anos de emancipação política**. Feira de Santana: Bahia Artes Gráficas, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Edinússia Moreira Carneiro. **Associativismo e desenvolvimento: o caso da região Sisaleira da Bahia**. Dissertação (Mestrado) Feira de Santana – Bahia: UEFS Editora, 2010.

SANTOS, Edinússia Moreira Carneiro.; SILVA, Onildo Araújo da. COELHO NETO, Agripino Souza. **Gente ajudando gente: o tecido associativista do Território do Sisal**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. IN: Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. p.31-83. 2010.

SANTOS, Graciela Regines de Paula Nascimento. **História oral de mulheres em cooperativas: o processo de empoderamento pela educação social na Educação de Jovens e Adultos**. Dissertação (Mestrado em Educação de Jovens e Adultos) Departamento de Educação I da Universidade do Estado da Bahia, Salvador- BA, 2019.

SÃO PAULO. **Mulheres Transformando a Economia: Cartilha da Economia Solidária e Feminista**. 2015. Disponível em:  
<<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/02/cartilhaSOFdigital.pdf>> . Acesso em: 29 ago. de 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**37. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152–165, 2007. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?lang=pt>>. Acesso em: 27 Set. 2021.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1989.

SILVA, F. P. M. **Desenvolvimento territorial: a experiência do Território do Sisal na Bahia**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento territorial: a experiência do Território do Sisal na Bahia. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 23, n. 3, p. 567-585, jul./set. 2013.

SOARES, Isabel Gomes. **Políticas sociais de leitura no Brasil: os discursos do PROLER e do PRÓLEITURA**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte- MG, 2000.

SOUSA, Mari Guimarães; COSTA, Moabe Breno Ferreira; OLIVEIRA, Adailson Henrique Miranda de. Narrativas Históricas e Literárias como Elementos Identitários da Região Cacaueira Sul-Baiana. IN: **III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 23 a 25 de maio de 2007. Salvador, BA, 2007.

TAVARES, Silvana Beline. Gênero e direito como heterodoxia possível para construção de direitos humanos das mulheres. IN: TAVARES, Silvana Beline; STABILE, Patrícia Basílio

Teles; CARVALHO, Maria Meire (Orgs.). **Direitos Humanos das mulheres: múltiplos olhares**. Goiânia, GO: Gráfica UFG, 2016.

TUCANO. **Plano Municipal Econômico**. Secretaria Municipal de Agricultura. Tucano, 2021.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Resolução nº 1.423/2020. Aprova os Documentos Referenciais concernente às AÇÕES ACADÊMICAS e GESTÃO DE PESSOAS E PROCEDIMENTOS ADMINISTRATIVOS em função do estado de calamidade pública decorrente da Pandemia COVID-19, no âmbito da UNEB. **Diário Oficial do Estado**, 13 ago. 2020.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA REMOTA UTILIZANDO A TÉCNICA HISTÓRIA DE VIDA

As entrevistas acontecerão de forma remota, utilizando-se das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), especificamente pelo Google Meet, serão gravadas e transcritas posteriormente, respeitando a não divulgação dos nomes e imagens das colaboradoras.

#### ROTEIRO DA HISTÓRIA DE VIDA

- 1) Fale um pouco sobre sua história de vida: pessoal, familiar, religião, estudo.
- 2) Comente sobre seu trabalho enquanto mulher, com o couro e como se dá as suas relações com a comunidade e associação?
- 3) Fale um pouco da sua compreensão sobre o que é cultura. Qual a importância da preservação ambiental para a comunidade?

APÊNDICE B- PROPOSTA DE PLANO DE INTERVENÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA INTITULADO ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA FEMININA EM UM CURTUME DA REGIÃO SISALEIRA: PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS, SOCIOAMBIENTAIS E CULTURAIS

Projeto de Intervenção em Educação, como parte dos requisitos para o Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade Estadual do Estado da Bahia –UNEB/*campus* XI.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Célio Coelho Gomes da Silva

Serrinha-BA  
Outubro de 2020

## INTRODUÇÃO

A proposta de intervenção constitui-se como mais uma etapa integrada ao projeto de pesquisa intitulado ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA FEMININA EM UM CURTUME DA REGIÃO SISALEIRA: PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS, SOCIOAMBIENTAIS E CULTURAIS. Junto às cinco mulheres vinculadas a uma associação comunitária de um curtume da região sisaleira, serão vivenciados, com o uso de metodologias ativas, momentos de aprendizagem, participação, construções e trocas de saberes que possibilitarão uma formação no sentido de valorizar os conhecimentos trazidos por elas presentes dentro da comunidade, refletir sobre a questão de gênero e seus aspectos sociais, compreender a importância da preservação da cultura nos âmbitos educativos e ambientais ligados às ações antrópicas. Dessa forma, o processo (in) formativo trará como possibilidade a reverberação de saberes no âmbito socioambiental que contribuam para a sobrevivência cultural da comunidade.

## OBJETIVOS

### ❖ Objetivo Geral:

Promover uma abordagem sobre a importância da preservação cultural de forma reflexiva, observando as questões educativas e socioambientais.

### ❖ Objetivos específicos:

- Identificar os saberes trazidos pelas colaboradoras acerca da temática da pesquisa.
- Abordar os aspectos culturais, educativos e socioambientais numa perspectiva do gênero feminino.
- Sistematizar ações que possibilitem contribuir na preservação e transmissão cultural a partir de atitudes positivas com a natureza.

## METODOLOGIA

As oficinas formativas remotas serão aplicadas utilizando-se de metodologias ativas para cinco mulheres colaboradoras da pesquisa. De acordo com Prudente, Mercado e Matias (2015, p.09), “Esse tipo de metodologia é focada nos estudantes, nos conhecimentos prévios que os mesmos possuem da realidade do meio social em que estão inseridos”. Através do uso das TIC’s (Tecnologias de Informação e Comunicação), pela plataforma *Google Meet*, as colaboradoras terão espaço de participação, sendo incentivadas às reflexões e escuta de suas vozes durante as oficinas formativas. Será um encontro remoto, dividido em três momentos, cada um com uma hora de duração, totalizando três horas de oficina. Cada momento abordará um objetivo específico e as participantes terão participação ativa na construção de conhecimento e nas discussões propostas em cada momento. A análise dos dados será realizada a partir da construção do Discurso do Sujeito Coletivo, baseado nos trabalhos de Lefèvre e Lefèvre, (2005).

### 1. PRIMEIRO MOMENTO

Tema: Vivências e trajetória de saberes femininos

A primeira oficina iniciará seu caminho através de uma roda de conversa com as colaboradoras, para que haja uma apresentação individual e cada uma fale um pouco sobre sua trajetória de vida. Serão apresentados os objetivos geral e específicos da oficina às colaboradoras. Após a apresentação, a roda de conversa terá seguimento com a leitura do Discurso do Sujeito Coletivo 1 (Quadro 11), permitindo que as colaboradoras possam relatar o que as imagens trazem como significado para as suas vidas, sentimentos e memórias.

TEMA	OBJETIVO	CAMINHOS METODOLÓGICOS	RECURSOS UTILIZADOS
------	----------	---------------------------	---------------------

Vivências e trajetória de saberes	Identificar os saberes trazidos pelas colaboradoras acerca da temática a ser trabalhada.	Roda de apresentação Relatos das colaboradoras sobre o que compreendem sobre a temática DSC 1.	Tecnologia de Informação e Comunicação
-----------------------------------	--	---	--

## 2. SEGUNDO MOMENTO

Tema: Construções (in) formativas sobre as questões de gênero e os âmbitos culturais, educativos e socioambientais

Nessa segunda oficina, será um momento dialógico com as colaboradoras a respeito da temática do projeto, trazendo a mulher como foco principal no processo de preservação e transmissão da cultura no âmbito socioambiental. Será apresentado vídeo (Encantadas), disponível no YouTube, com duração de 20 minutos) como exemplificação sobre formas de preservação do meio-ambiente aliada às atividades culturais nas comunidades, mas sempre abrindo espaço de perguntas e reflexões sobre o conteúdo. Ao final da explanação, as colaboradoras terão espaços para falar da sua compreensão sobre o que foi discutido, as possibilidades de continuidade e preservação da cultura sem agredir de forma abrupta o meio ambiente, incluindo ações já presentes no cotidiano da comunidade. Ao final, teremos a aplicação de alguns questionamentos para posterior reflexão, no terceiro momento.

TEMA	OBJETIVO	CAMINHOS METODOLÓGICOS	RECURSOS UTILIZADOS
Construções (in)formativas sobre as questões de gênero e os âmbitos culturais, educativos e socioambientais	Abordar a importância da preservação cultural nos âmbitos educativos e socioambientais numa perspectiva do gênero feminino.	Apresentação de vídeo para contextualização das temáticas Criação de roda de conversa sobre o papel da mulher no processo de preservação e transmissão da cultura local	Tecnologia de Informação e Comunicação  Vídeo informativo sobre a temática

## 3. TERCEIRO MOMENTO- REFLEXÕES DA TEORIA E PRÁTICA DIALOGADA: SISTEMATIZAÇÃO DAS AÇÕES FUTURAS

O terceiro momento será iniciado a partir das respostas trazidas pelas colaboradoras sobre os questionamentos abordados no segundo momento. Dessa forma, haverá uma abertura para reflexão sobre a temática, permitindo que as colaboradoras de forma dialógica,

sistematizem ações futuras para contribuir com a diminuição da degradação ambiental na comunidade e que essas ações sejam transmitidas aos sujeitos que dependem do couro para sobreviver. ressignificando e (re) construindo sobre o processo de preservação cultural nos âmbitos educativos e socioambiental, a partir das discussões ocorridas ao longo dos momentos promovidos durante a oficina.

TEMA	OBJETIVO	CAMINHOS METODOLÓGICOS	RECURSOS UTILIZADOS	PRODUTO DA OFICINA
Prática X Teoria: refletir e ressignificar	Refletir acerca da possibilidade de ressignificação da importância da mulher no processo de preservação e transmissão da cultura local nos âmbitos educativos e socioambiental	Dinâmica do novelo de forma remota Reapresentação das imagens do primeiro momento DSC 3 e 4	Tecnologia de Informação e Comunicação Imagens sobre cultura, gênero e meio ambiente	Pequeno relato de cada colaboradora sobre o que se manteve e o que mudou sobre as concepções da temática do projeto a partir do que das vivências nas oficinas. Informação e formação das mulheres colaboradoras sobre a importância da preservação de sua cultura.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Guilherme Carlos et al. **Pedagogia Libertária: Experiências Hoje**. Editora Imaginário, 2000.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação**, II série, n.1. Campinas, 2014.

PRUDENTE, Thiago Pessoa; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo; MATIAS, Walter. O uso de metodologias ativas com tic no ensino de disciplinas filosóficas: a abp nos estudos filosóficos. IN: **3er Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación**. México, 2015.

Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/57>. Acesso em: 27 set. 2021.



## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS XI**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N<sup>o</sup> 466/12 DO  
 -  
 CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

#### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante:

Documento de Identidade n<sup>o</sup>: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )

Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Endereço:

\_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: ( ) \_\_\_\_\_ / ( ) \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

#### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** **Organização comunitária feminina em um curtume sisaleiro: proposições educativas, socioambientais e culturais**

2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** **Sandra Célia Coelho Gomes da Silva**

**Cargo/Função:** **Professora permanente/Coordenadora do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) no Departamento de**

## Educação (DEDC – campus XI –Serrinha)

### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

A senhora está sendo convidada para participar da pesquisa: **Organização comunitária feminina em um curtume sisaleiro: proposições educativas, socioambientais e culturais**, de responsabilidade da pesquisadora, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva, docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo, **avaliar/constituir um processo de (in)formação sobre as contribuições educativas e socioambientais com as mulheres pertencentes a uma organização comunitária constituída a partir de um curtume sisaleiro no processo de preservação/manutenção da cultura local.**

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios **contribuir na preservação de sua cultura nos âmbitos socioambientais e educativos da localidade na qual está inserida, e dessa forma, podem nortear práticas sociais prevaletentes e serem transformadas em ações educativas.** Caso aceite, a Senhora será entrevistada **através do uso de tecnologias digitais com uso da técnica história de vida e participará de 3 oficinas formativas, todas de forma remota pela plataforma Teams, cada uma com duração de 2 horas. Tanto a entrevista como as oficinas serão conduzidas pela aluna Carla Giselle Pereira Mascarenhas de Alencar do curso de pós-graduação em Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social. Devido à coleta de informações a senhora poderá se sentir incomodado por relembrar momentos de sua-vida, podendo existir risco de ordem emocional e social. No desenvolvimento da pesquisa poderão existir riscos que devem ser levados em consideração. Um deles é a invasão de privacidade. Por isso, a colaboradora ao participar da entrevista em forma de história de vida, assim como participar das oficinas formativas, de ordem emocional, pode ocorrer a perda do autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos. Será garantido local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras. Caso seja identificado algum desconforto, será suspensa a entrevista imediatamente. Quanto aos riscos da entrevista história de vida, observa-se situações em que a pesquisadora precisa que a participante compartilhe detalhes muito íntimos de sua vida, que os participantes não se sintam à vontade em relação a outros integrantes do grupo, ou que apresentem fortes discordâncias de opinião ou, ainda, que sejam hostis entre si. Caso isso ocorra, a participante poderá se ausentar da sala assim que desejar. Assim também será**

garantido o seu direito de não se manifestar durante o encontro, caso não se sinta à vontade para falar.

É garantido que o estudo seja suspenso imediatamente ao perceber algum risco ou danos à saúde do sujeito participante da pesquisa, não previsto no termo de consentimento. Também, assegurar a inexistência de conflito de interesses entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Caso persista, a participante será encaminhada à assistência psicológica da Universidade do Estado da Bahia. Por fim, garantir que os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo e conforme acordado no TCLE. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:**.....Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

**Endereço:** Rua Santa Catarina, nº 1104, bairro Bela Vista, Guanambi - BA.**Telefone:** .(77) 99135-2732, **E-mail:** [scsilva@uneb.br](mailto:scsilva@uneb.br)

**ORIENTANDA:**.....Carla Giselle Pereira Mascarenhas de Alencar

**Endereço:** Rua Anibal Esteves, Tucano - BA.**Telefone:** .(75) 99230-0995, **E-mail:** [cgpmalencar@gmail.com](mailto:cgpmalencar@gmail.com)

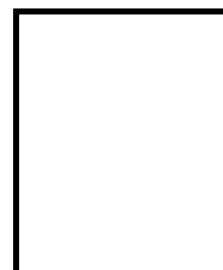
**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

## V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **Organização comunitária feminina em um curtume sisaleiro: proposições educativas, socioambientais e culturais**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador discente  
(orientando)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor responsável  
(orientador)



## ANEXO- PARECER DO CEP



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA FEMININA EM UM CURTUME SISALEIRO:  
PROPOSIÇÕES EDUCATIVAS, SOCIOAMBIENTAIS E CULTURAIS

**Pesquisador:** CARLA GISELLE PEREIRA MASCARENHAS DE ALENCAR

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 39796720.6.0000.0057

**Instituição Proponente:** Departamento de Educação - Campus XI/UNEB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.428.014

**Apresentação do Projeto:**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL (MPIES)

As mulheres possuem, histórica e socialmente falando, importância fundamental no processo de preservação cultural, mesmo sendo por conta de papéis sociais estigmatizados pela cultura machista disseminada durante toda a construção da sociedade. Apesar de ser tido como papel imposto ao gênero, a preservação da cultura é uma ação política e social que permite a sobrevivência das comunidades. Partindo da seguinte questão de pesquisa : Como formar e informar as mulheres pertencentes a uma associação comunitária de um curtume sisaleiro sobre o processo de preservação/transmissão da cultura local dentro de um contexto educativo e socioambiental? Tem como objetivo principal avaliar e constituir a (in)formação sobre as contribuições educativas e socioambientais com as mulheres pertencentes a uma organização comunitária constituída a partir de um curtume sisaleiro no distrito do Tracupá, na cidade de Tucano-BA, no processo de preservação e transmissão da cultura local. Para isso, será utilizada a abordagem qualitativa através da pesquisa bibliográfica e documental, com pesquisa de campo feita aplicando-se a história de vida junto às cinco colaboradoras, mulheres estudantes matriculadas na EJA, numa escola da rede estadual do município de Tucano, que pertencem a uma associação comunitária criada a partir de um curtume sisaleiro, com faixa etária entre 18 e 35 anos. A análise dos dados será feita através do discurso do sujeito coletivo. O projeto de



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.428.014

Outros	termodecoparticipante.pdf	30/10/2020 12:35:17	ALENCAR	Aceito
Outros	termocoparticipante2.pdf	30/10/2020 12:34:43	CARLA GISELLE PEREIRA MASCARENHAS DE ALENCAR	Aceito
Declaração de concordância	declaracaodeconcordancia.pdf	30/10/2020 12:31:08	CARLA GISELLE PEREIRA MASCARENHAS DE ALENCAR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecido Carla.pdf	30/10/2020 12:29:20	CARLA GISELLE PEREIRA MASCARENHAS DE ALENCAR	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 30 de Novembro de 2020

---

**Assinado por:**  
**Aderval Nascimento Brito**  
**(Coordenador(a))**